



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**MEMÓRIAS NARRADAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DOS  
KARIRI-XOCÓ/AL**

**TAYSA KAWANNY FERREIRA SANTOS**

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**MEMÓRIAS NARRADAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DOS  
KARIRI-XOCÓ/AL**

**TAYSA KAWANNY FERREIRA SANTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção de título de Mestra em Educação.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marizete Lucini.

SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2018

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

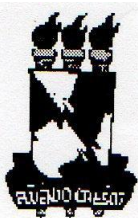
S237m Santos, Taysa Kawanny Ferreira  
Memórias narradas na educação escolar indígena dos Kariri-  
Xocó/AL / Taysa Kawanny Ferreira Santos ; orientadora Marizete  
Lucini. – São Cristóvão, 2018.  
137 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal  
de Sergipe, 2018.

1. Educação – História – Alagoas. 2. Índios – Educação. 4.  
Educação multicultural. 5. Índios - Xocó. I. Lucini, Marizete, orient.  
II. Título.

CDU 37-054.57(813.5)





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E  
PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO



TAYSA KAWANNY FERREIRA SANTOS

**“MEMÓRIAS NARRADAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DOS  
KARIRI-XOCÓ/AL”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em: 28.02. 2018

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marizete Lucini (Orientadora)  
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ednéia Tavares Lopes  
Programa de Pós- Graduação em Educação/UFS

Prof. Dr. Edson Hely Silva  
Universidade de Federal de Pernambuco/UFPE



Ao  
*Povo Kariri-Xocó/AL,*  
*sobretudo à Escola Estadual Indígena Pajé Francisco Queiroz Suíra*

## **AGRADECIMENTOS**

Preciso agradecer! E este é um ato que implica no reconhecimento, carinho, amor e respeito. Elencar as pessoas que contribuíram em minha caminhada humana e profissional é um exercício custoso, pois o débito com essas pessoas me parece está aquém do explicitado, no entanto, quero dizer que vocês foram responsáveis em boa parte do que sou nesta minha caminhada nunca pronta, acabada, sempre em construção.

Antes de tudo a Deus e aos encantados autores dos neurônios, das sinapses sem as quais as indignações, percepções, sensibilidades seriam impossíveis. Preciso agradecer pela a companhia constante ao longo da minha caminhada. O percurso entre Alagoas e Aracaju ao longo desses dois anos não foi fácil. Os olhares pela janela do ônibus serviram muitas vezes para uma mistura de sentimentos, mas com a certeza que a caminhada não seria fácil e não poderia desistir, era preciso caminhar e continuar a minha construção. Muitas foram as perguntas e dúvidas, mas também a convicção de que não estava sozinha.

À professora orientadora e amiga Dr<sup>a</sup> Marizete Lucini agradeço por tudo que fez ao me apoiar neste mestrado. Este trabalho não seria possível sem a sua presença constante ao meu lado. Por isso, agradecer é pouco, a palavra certa seria GRATIDÃO! Ninguém cresce sozinha e não existem saberes menores ou maiores. Existe a sensibilidade do olhar! Fui privilegiada por tê-la como orientadora, pela inspiração, instigação, leituras e cobranças. Como eu cresci e amadureci!

Ao povo Kariri-Xocó/AL, especificamente aos professores/as indígenas da Escola Estadual Pajé Francisco Queiroz Suíra que me acolheram logo no início desta pesquisa: Floracir Santos, Rosangela da Silva, José Rodrigues Tenório, Maria Gleyziane Pires Correia, Giselda Correia Militão Nunes, Edivanio Sampaio da Silva, Rejane Lúcia, Marcos Cesar, Maria Divanilda, Denízia Cruz, Claudete Queiroz, Josivânia Nunes, Irene dos Santos, Lucicleide e Joelma de Souza. Vocês foram fundamentais para todo o desenvolvimento ao longo desses anos. Ao Pajé Júlio Queiroz Suíra pelas conversas informais sobre as memórias Kariri-Xocó e um agradecimento especial ao Sr. José Nunes de Oliveira, Guardião das tradições Kariri-Xocó, jamais esquecerei que “A memória é tudo aquilo que a gente vê e escuta e mais, ela tem sabor”, somente um grande narrador consegue transmitir com tanta sensibilidade este outro olhar tornando a pesquisa sensível.

Não poderia deixar de fazer um agradecimento especial para alguém que me fez despertar o amor pelos povos indígenas ainda no período da graduação em 2010, o Professor Dr. Gilberto Geraldo Ferreira, para quem não existem palavras que expressem o valor que o

senhor tem para a minha vida. Aprendi que somos seres em constante construção e que mesmo agradecendo seria pouco na imensidão e o significado que tem em minha vida. Será sempre o meu eterno mestre, alguém a quem devo acima de tudo respeito, amizade e carinho.

Aos meus eternos professores do período da graduação: Zezito Araújo e Daniel Marinho, vocês também fazem parte dessa conquista.

Aos professores amigos Adelson Lopes, Francisca Neta e Glaydson da Universidade Estadual de Alagoas/ UNEAL-Campi Palmeira dos Índios, por me acolherem nos diversos espaços de discussão.

Ao professor Edson Silva por não me deixar fraquejar, por ter me acolhido sempre que precisei em sua residência em Recife, pelo fomento das discussões sobre a temática da Educação Escolar Indígena, por sua sensibilidade com o olhar sobre os povos indígenas, palavras também não seriam suficientes para agradecer-lhe. A minha gratidão é eterna. À minha doce Penha obrigada por cada palavra, gesto, leituras e acolhimento em todos esses anos.

Aos meus amados painho e mainha: Ana Maria Ferreira e José João dos Santos (meu primeiro amor), razão da minha existência. Como sou feliz por ter vocês perto de mim! Vocês fazem parte de toda essa conquista e são em muito responsáveis por tudo que eu sou. Vocês souberam como ninguém entender as minhas ausências e me encorajaram a continuar a minha caminhada. Este trabalho também não seria possível sem o carinho, afeto e compreensão de vocês.

Aos meus irmãos, Kyssya e Kleyton que estiveram ao meu lado durante todo o caminho buscando “entender” mesmo sem “compreender” as minhas ausências. Eu amo vocês. Meus amados sobrinhos Kayky e Kevin (meus filhos postigos) que estão crescendo e me proporcionam momentos de muita alegria com suas descobertas. A tia ama vocês e dedica-lhes essa conquista com todo amor e carinho.

Aos meus Avós, Marinita Ferreira e Otávio Ferreira, que são à expressão mais forte do sentimento chamado amor, meu exemplo de carinho, honestidade, fidelidade e humildade. O trabalho com agricultura traz para vocês o sentimento de pertencimento, mas que nada nos pertence e que a vida não pode ser medida com precisão.

Ao meu amado noivo Gregory Guilherme, a distância nos fez amadurecer e como crescemos. A saudade foi a maior experiência e a certeza que tudo iria dar certo e que juntos viveremos como companheiros, um ajudando ao outro. Viver ao seu lado é um sonho que em breve será realidade, sem o seu apoio, paciência nas infindáveis horas em que eu me desligava de tudo, não seria possível.

No Programa de Pós Graduação em Educação – UFS, preciso agradecer aos meus professores/as em nome das professoras: Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, Livia de Rezende Cardoso e Verônica Reis. Espero que todas sintam-se contempladas nesse agradecimento pelas inspirações, conhecimentos e experiências.

Assim como agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo subsídio financeiro a esta pesquisa.

A professora Edineia Tavares Lopes pela valiosa contribuição por ocasião do Seminário de Pesquisa, no processo de qualificação e por entender tão bem sobre os povos indígenas de Sergipe e Mato Grosso.

Aos valiosos/as amigos/as do mestrado nas pessoas de Tathy, Larissa Ferro e Anailza Guimarães, os momentos de distração foram primordiais para o amadurecimento em minha formação.

A Hadriannos Ribeiro e Adelandia Borges pelo o acolhimento em sua residência em Porto Real do Colégio quando precisava estar no território indígena para a pesquisa de campo, vocês foram fundamentais para que este estudo fosse realizado.

Ao Grupo de Pesquisa Educação, História e Interculturalidade/GPEHI, por todas as discussões, leituras e estudos sobre sensibilidade na pesquisa em educação, interculturalidade, memórias e história.

As minhas amigas de Aracaju: Leyla Menezes e Andrea Bispo, obrigada por todas as palavras de incentivo, acolhimento e a distração, vocês são muito importantes em minha vida.

A minha amiga-irmã Sil obrigada por tudo! Mesmo sem entender as minhas ausências as suas palavras e perguntas foram fundamentais. Principalmente aquela: “E aí já terminou? Falta muito minha irmã?”.

Minhas companheiras de evento, congresso e discussões sobre a temática indígena: Mary Hellen, Deisy, Vitória e Elaine, obrigada por me entenderem em diversos momentos da minha vida. Esse trabalho também é para vocês.

Ao meu amigo-irmão Felipe Barbosa, os nossos cordões ainda estão ligados e a nossa paixão pelos povos indígenas é o que nos aproxima, nos tornando a cada dia humanos melhores. Obrigada por me ouvir sempre e estender a mão quando eu preciso.

Ao meu amigo Cláudio Lopes, nem preciso dizer que você também faz parte de toda essa conquista.

Aos meus amigos/as do período da graduação: Olímpia, Vinicius e Clara. Obrigada por acreditar que este dia também chegaria.



Minhas companheiras da nova vida em Aracaju: Viviane, Juliana, Marília, Luzia e Priscila, a convivência foi o nosso maior desafio. Como eu cresci e amadureci com vocês! Levarei cada palavra, gesto e atitude de cada uma de vocês. Obrigada por me aturarem e dividir minhas angústias e incertezas com vocês.

Aos amigos/as por todo carinho e preocupações ao longo desses dois anos de formação: Henrique Matias, Mônica Gomes, Lucas Rinaldo, Hélio Costa, Marcos Cavalcante, Marice Rocha, Jane Cleide e Salézia, a minha eterna gratidão! A preocupação e o apoio de vocês neste período foram fundamentais para o meu crescimento. Senti-me protegida e acolhida por vocês. A cada palavra de incentivo eu percebia que não estava sozinha e que vocês foram fundamentais para este trabalho.

Penso que o mestrado invadiu a minha vida de um jeito que me virou ao avesso, de um jeito que me fez olhar por dentro e sentir o pulsar do meu coração. Vi meu coração bater por dentro, senti o batimento que não eram somente meu, mas de toda uma ancestralidade.

Por fim, quero dizer que escrever uma dissertação de mestrado em dois anos, não é fácil, exigindo renúncias, tempo e dedicação. E quem disse que seria fácil? Foi preciso caminhar e ter a certeza que durante todo o caminho eu não estava sozinha: vocês de longe e de perto me acompanhavam. E POR ISSO, OBRIGADA!!!

*“Os momentos ali vividos jamais vão se acabar: lembranças, imagens, vozes, gritos e lamentos estão registrados no tempo. O solo daquela rua guarda um pedaço da nossa história: cacos de panelas, potes, ossos, umbigo de menino novo, resto da cultura material. O sol ainda é o mesmo; estrelas no mesmo lugar; o rio ainda passa, agora beirando um cais. O mundo não para nunca de circular”*  
*(José Nunes de Oliveira, Nhenety, 2017 – Guardiã das tradições, Indígena Kariri-Xocó).*

## RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar as memórias narradas nos suportes didáticos elaborados pelos indígenas Kariri-Xocó/AL. Para tanto, foi necessário conceituar memórias no campo da história e do pensamento indígena; identificar as memórias narradas e vinculadas nos suportes didáticos dos Kariri-Xocó/AL e entender os significados das narrativas veiculadas nos suportes didáticos para Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural. Este estudo orientou-se pela abordagem da pesquisa qualitativa em Educação e ancorou-se nos pressupostos da fenomenologia-hermenêutica porque objetivou evidenciar os significados atribuídos pelos sujeitos ao fenômeno pesquisado. Tratou-se de um estudo de caso em que adotou-se uma postura etnográfica de pesquisa, na intenção de valorizar a escuta, as observações e o respeito às práticas culturais. A pesquisa foi desenvolvida com o povo Kariri-Xocó que habita o território indígena no município de Porto Real do Colégio, região Leste de Alagoas, a cerca de 180 km da capital Maceió. Ao analisar as memórias narradas e veiculadas no suporte didático produzido pelos indígenas Kariri-Xocó ficou evidenciado que os significados atribuídos às memórias estão relacionados à história produzida coletivamente no percurso do modo de “Ser e viver Kariri-Xocó”. Assim, observaram-se nas narrativas analisadas que as memórias registradas correspondem a três importantes aspectos da vida do povo Kariri-Xocó: as memórias de origens; as memórias do ser e do viver e as memórias do conviver. Entre as memórias de origens situam-se as narrativas que dizem de sua ancestralidade, de sua cosmologia, de sua história e de sua memória recente. Nas memórias do ser e do viver, pelas palavras dos mais velhos e dos mais novos, estão as narrativas de como vivem os Kariri-Xocó no tempo presente em relação a um passado de abundâncias. Presente que encerra uma denúncia da precarização da vida pela negação dos direitos indígenas. Nas memórias do conviver, as narrativas apontam para as relações entre si e com os outros seres humanos e não humanos. A pesquisa também apontou a participação de professores/as indígenas e lideranças como agentes envolvidos na/e com a escola no protagonismo de efetivar Educação Indígena diferenciada e intercultural.

**Palavras-chave:** Memórias; História; Narrativas; Educação Escolar Indígena; Interculturalidade.

## ABSTRACT

The aim of this research was to analyze the memories narrated in didactic supports elaborated by the Kariri-Xocó Indians, from Alagoas. In order to do this, it was necessary to conceptualize “memories” in the field of history and of indigenous thinking; identify the narrated and propagated memories in Kariri-Xocó’s teaching supports and understand the meanings of the memories propagated in the didactic supports for differentiated and intercultural Indigenous School Education. Our study was guided by the approach of qualitative research in Education and was based on the assumptions of hermeneutical phenomenology because it aimed to evidence the meanings ascribed by the subjects to the researched phenomenon. It was a case study in which we adopted an ethnographic research posture, with the intention of value the listening, the observation and the respect to cultural practice. The research was developed with the Kariri-Xocó people, who lives in the indigenous territory of Porto Real do Colégio, east of Alagoas, 180 kilometers far from the capital Maceió. By investigating the narrated and propagated memories in the didactic support made by Kariri-Xocó indians, it was evidenced that the meanings ascribed to the memories were related to the history collectively produced in the way of “being and living Kariri-Xocó”. Therefore, we observed in the analyzed narratives that the registered memories correspond to three important aspects of the Kariri-Xocó’s lives: the memories of origin, the memories of being and living and the memories of living together. Among the memories of origin lie the narratives about their ancestry, their cosmology, their history and their recent memory. In the memories of being and living, by the words of the elders and of the youngest, we found the narratives about the way the Kariri-Xocó live in recent times related to a past of abundance. This present contains a complaint of the precariousness of life by the denial of indigenous rights. In the memories of living together, the narratives point to relationships among themselves, and with other human being and not human. The research also pointed to the participation of indigenous teachers and leaders as agents, involved in and with the school in the protagonism to effect a differentiated and intercultural Indigenous School Education

**Key words:** Memories; History; Narratives Indigenous School Education; Interculturality.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 - Municípios com povos indígenas em Alagoas (2017) .....	49
Mapa 2 - Localização da população indígena Kariri-Xocó em Alagoas .....	52

Figura 1 - Representação das populações Indígenas existentes no Brasil .....	39
Figura 2 - Carta topográfica da Província de Alagoas com a localização dos aldeamentos indígenas em meados do século XIX .....	44
Figura 3 - “Rua dos Caboclos” ou “Rua dos índios” .....	54
Figura 4 - Escola Estadual Indígena Pajé Francisco Queiroz Suíra. Território Kariri-Xocó – Porto Real do Colégio/AL .....	56
Figura 5 - Pajé Francisco Queiroz Suíra.....	57
Figura 6 - Antiga Escola na época de atuação do SPI.....	58
Figura 7 - Entrada do Território Indígena Kariri-Xocó Porto Real do Colégio/AL.....	59
Figura 8 - As louceiras Kariri-Xocó/AL .....	67
Figura 9 - Apresentação do Toré na Escola Estadual Pajé Francisco Queiroz Suíra .....	68
Figura 10 - Representação dos vários Povos Indígenas no nordeste .....	79
Figura 11 - Textos e imagens dos Kariri-Xocó .....	80
Figura 12 - Apresentação dos suportes didáticos desta pesquisa .....	82
Figura 13 - Capa do suporte didático “Índios na visão dos Índios Kariri-Xocó” .....	91
Figura 14 - Horizonte Circular do Povo Kariri-Xocó.....	93
Figura 15 - O índio é a semente da terra.....	95
Figura 16 - Representação do Toré e do Ouricuri no suporte didático.....	99
Figura 17 - O contato do Povo Kariri-Xocó com o Rio São Francisco.....	105
Figura 18 - Diversidade de produção dos alimentos Kariri-Xocó.....	106
Figura 19 - Diálogo com as Crianças Kariri-Xocó.....	108
Figura 20 - Técnicas de pesca representadas pelos Kariri-Xocó.....	109
Figura 21 - Técnicas das ceramistas Kariri-Xocó .....	111
Figura 22 - A Diversidade do Povo Kariri-Xocó .....	114
Figura 23 - Representação do Reflexo da Natureza .....	115



Quadro 1 - Dissertação e tese com o protagonismo dos indígenas no seu processo de ensino-aprendizagem.....	27
Quadro 2 - Educação Escolar Indígena, memórias e interculturalidade nos anais eletrônicos das Reuniões Nacionais e Regionais da (ANPED) .....	28
Quadro 3 - Municípios, comarcas e freguesias com aldeamentos indígenas no final do século XIX .....	43
Quadro 4 - Escolas Indígenas em Alagoas .....	74

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ANPED** - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

**CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**CESMAC** - Centro de Estudos Superiores de Maceió

**CIMI** - Conselho Missionário Indigenista

**CLIND** - Curso de Licenciatura Indígena

**CODEVASF** - Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba

**FUNAI** - Fundação Nacional do Índio

**FURB** - Universidade Regional de Blumenau

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IHGAL** - Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

**IHGB** - Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

**IHGE** - Instituto Histórico Geográfico Estadual

**LDBEN** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**ONGs** - Organizações Não Governamentais

**ONU** - Organização das Nações Unidas

**PI** - Postos Indígenas

**PNE** - Plano Nacional de Educação

**PPGE/UFAL** - Programa de Pós Graduação em Educação/Universidade Federal de Alagoas

**PPGED/UFS** - Programa de Pós Graduação em Educação/ Universidade Federal de Sergipe

**PROLIND** - Programa de Apoio a Formação Superior e Licenciatura Interculturais Indígenas

**PUC** - Pontifícia Católica (São Paulo)

**RCNEI** - Referencial Curricular Nacional de Educação Indígena

**SEE** - Secretaria Estadual de Educação de Alagoas

**SESC** - Serviço Social do Comércio

**SPI** - Serviço de Proteção aos Índios

**TIC** - Tecnologia da Informação e Comunicação

**UCDB** - Universidade Católica Dom Bosco

**UEPA** - Universidade do Estado do Pará

**UFAL** - Universidade Federal de Alagoas

**UFCE** - Universidade Federal do Ceará

**UFGD** - Universidade Federal da Grande Dourados

**UFMG** - Universidade Federal do Mato Grosso

**UFPE** - Universidade Federal de Pernambuco

**UFRGS** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**UFS** - Universidade Federal de Sergipe

**UFU** - Universidade Federal de Uberlândia

**ULBRA** - Universidade Luterana do Brasil

**UNEAL** - Universidade Estadual de Alagoas

**UNICAMP** - Universidade Estadual de Campinas

## SUMÁRIO

<b>1 OS CAMINHOS DA PESQUISA.....</b>	<b>18</b>
1.1 Da escolha do objeto.....	25
1.2 A escolha do método .....	28
1.3 A organização do trabalho .....	33
<b>2 OS ÍNDIOS NA HISTÓRIA DO BRASIL: BREVES REFLEXÕES .....</b>	<b>36</b>
2.1 O lugar dos povos indígenas na História do Brasil.....	37
2.2 Os estudos sobre os indígenas em Alagoas .....	42
2.3 Os Kariri-Xocó em Porto Real do Colégio.....	51
<b>3 MEMÓRIAS, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA KARIRI-XOCÓ: “POR UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL DO NOSSO JEITO” .....</b>	<b>60</b>
3.1 As memórias dos Kariri-Xocó .....	61
3.2 A Educação Escolar Indígena e a interculturalidade .....	69
3.3 Descrevendo os suportes didáticos .....	78
3.4 Alguns apontamentos referentes ao SESC e a ONG Thydêwa na construção dos suportes didáticos da pesquisa .....	85
<b>4 AS MEMÓRIAS NARRADAS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DOS KARIRI-XOCÓ.....</b>	<b>90</b>
4.1 Memórias narradas no suporte didático: <i>Índios na visão dos índios Kariri-Xocó</i> .....	91
4.1.1 Memórias de origens .....	92
4.1.2 Memórias do ser e do viver Kariri-Xocó .....	103
4.1.3 Memórias do conviver Kariri-Xocó .....	112
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>118</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>130</b>

Apêndice A – Dissertações e teses relacionadas à Educação Escolar Indígena, memórias e interculturalidade .....	130
Apêndice B - Termo de concordância da instituição .....	134
Apêndice C - Termo de consentimento livre e esclarecido .....	135
Apêndice D - Roteiro para entrevista semiestruturada com os indígenas .....	137



## 1 OS CAMINHOS DA PESQUISA

*“Memória é tudo aquilo que a gente vê e escuta, e mais, ela tem sabor!”*  
(José Nunes de Oliveira, Nhenety – Guardiã das tradições, indígena Kariri-Xocó).

Ao propor esta pesquisa, que objetivou analisar as memórias narradas nos suportes didáticos<sup>1</sup> elaborados pelos indígenas Kariri-Xocó/AL<sup>2</sup>, convém considerar que um interesse de pesquisa foi construído nas relações que estabeleci com o tema pesquisado. Relações que não se restringiram somente ao campo do conhecer científico, mas perpassaram também pelo que me afetou e me mobilizou para melhor compreender o tema e a mim mesma.

O interesse em pesquisar o referido tema esteve ancorado na subjetividade de minha história e na minha identificação com os povos indígenas. Posso dizer que trago no meu corpo as marcas da identificação com os povos indígenas, cada vez mais presentes na medida em que me aproximo dos indígenas, de suas questões e demandas.

Meu primeiro contato ocorreu com uma visita aos povos indígenas no ano de 2010, quando cursava o segundo ano do Curso de Licenciatura em História, no Centro de Estudos Superiores de Maceió (CESMAC), em Maceió/AL. O objetivo da visita foi compreender os aspectos relacionados à Educação Escolar Indígena e naquele momento, tive a oportunidade de conhecer os povos indígenas no Sertão alagoano: os Katokinn e o povo Jiripancó, ambos habitantes na cidade de Parinconha - AL.

As motivações primordiais para a construção desta pesquisa emergiram de discussões realizadas no período da graduação, resultantes de certas inquietações sobre a produção de suportes didáticos para atender as exigências de implementação da Lei nº 11.645/08, que determinou “a inclusão do Ensino da História e Cultura dos Povos Indígenas nos currículos das escolas públicas e privadas”. A referida Lei alterou o Art. 26-A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e instituiu que: “nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se **obrigatório** o estudo da **História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena**” (Grifo nosso).

Naquele período, eu participei no CESMAC do Grupo de Pesquisa de Estudos Pluriétnicos, que discutia a construção da imagem dos índios nos livros didáticos de História utilizados na rede pública de ensino de Alagoas. As discussões e a pesquisa eram coordenadas

<sup>1</sup>Livros produzidos pelos Kariri-Xocó/AL e utilizados pelos indígenas para a Escola Estadual Pajé Francisco Queiroz Suíra, na Educação Escolar Indígena.

<sup>2</sup>Optou-se por utilizar a grafia “Kariri-Xocó”, conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP), a Matriz Curricular e o Regimento Escolar da Escola Estadual Pajé Francisco Queiroz Suíra.

pelo professor Gilberto Geraldo Ferreira. A pesquisa durou um ano e meio. As análises dos livros didáticos de História foram realizadas a partir de observações de como os textos e as imagens construía os indígenas no ensino da Educação Básica em Alagoas. Notou-se que, embora existisse, em Alagoas, uma produção significativa sobre a história indígena, por parte da Editora da Universidade Federal de Alagoas (EDUFAL), sobretudo a partir das décadas de 1980, essa produção não interagiu com a elaboração dos livros didáticos de História adotados na rede pública de ensino do estado, nem com a formação de professores/as, na medida em que o ensino persistia em deslocar os indígenas para o passado colonial, o que implica um distanciamento entre a produção acadêmica, o ensino de História na Educação Básica, a sociedade alagoana e os principais sujeitos dessa história, os povos indígenas.

Durante a pesquisa, eu observei a ineficácia das políticas, especialmente no que se referia ao reconhecimento dos direitos dos povos indígenas, assegurados pela Constituição Federal aprovados em 1988. Aquela pesquisa suscitou a seguinte reflexão: os livros didáticos de História continuavam sendo instrumentos que faziam parte do processo de ensino-aprendizagem, utilizados no cotidiano de estudantes e professores/as em todo o Brasil. Nesse contexto, os livros didáticos de História podem ser entendidos como espaços políticos, devido a disputas sociais ocorridas para que neles sejam representados determinados anseios históricos? Assim, questionava: **(i)** poderiam os livros analisados contemplar as histórias de um povo indígena? **(ii)** seria possível reunir em manuais os diversos atores sociais? **(iii)** como garantir que os livros fossem justos com os fios que tecem as histórias indígenas na História do Brasil?

Outro momento importante em minha trajetória acadêmica e humana ocorreu quando eu viajei com o professor Gilberto Geraldo Ferreira para a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a fim de participar de um debate sobre os povos indígenas. Naquele momento eu tive a oportunidade de conhecer um dos maiores pesquisadores no âmbito nacional sobre a temática indígena: o professor Edson Silva; suas discussões despertaram ainda mais a minha curiosidade sobre os povos indígenas. O acervo e o contato com novos materiais foram fundamentais para um novo olhar referente a esses povos. A partir desse momento, eu percebi um distanciamento entre aquilo que a Universidade produz e o que o professor/a da escola na Educação Básica realiza em sala de aula. Ou seja, existe uma lacuna para repensar a história de Alagoas sobre os povos indígenas, as implicações para o ensino e as discussões a respeito das populações indígenas.

Os questionamentos despertaram meu interesse para transformá-los em pesquisa e tornaram-se objeto de estudo do meu Trabalho de Conclusão de Curso<sup>3</sup>, que teve como título: *A temática indígena nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental (2010-2011)*. Em 2012, iniciei dois cursos de especialização: *Estratégias Didáticas com o uso das TIC*<sup>4</sup> e *Gênero e Diversidade na Escola*, ambos realizados na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O primeiro concluído com a Monografia intitulada: *A utilização das tecnologias da informação e comunicação para a implementação da Lei Nº 11.645/2008*, onde eu busquei identificar as dificuldades dos/as alunos/as na Educação Básica no cumprimento da Lei Nº 11.645/2008. O objetivo desse Trabalho de Conclusão (TCC) do Curso de Especialização consistiu em analisar de que maneira os/as discentes percebiam os povos indígenas, assim como quais as possibilidades de inserir a temática com o uso das TIC. Os sujeitos pesquisados foram os estudantes da Rede Municipal de Ensino em Campo Alegre/AL sob a perspectiva da inserção da temática indígena no currículo escolar e no seu cotidiano através das TIC como uma possibilidade de efetivação da referida Lei.

A Especialização em *Gênero e Diversidade na Escola* foi concluída com o TCC monográfico com o título: *A Temática indígena na escola e a efetivação da Lei Nº 11.645/2008*. O objetivo dessa monografia foi contribuir para instituir a obrigatoriedade do ensino da história e culturas indígenas na escola. Dessa forma, a observação do ambiente escolar, a análise do material pedagógico e de livros didáticos, bem como as práticas escolares relatadas em entrevistas com os/as professores/as tornaram-se um valioso espaço de pesquisa. Visou-se comprovar *in loco* o cumprimento ou não da referida Lei pelos órgãos públicos e por seus representantes institucionalizados.

As pesquisas realizadas nos cursos de Especialização aguçaram meu interesse em aprofundar os estudos com o olhar sobre as experiências indígenas e às narrativas produzidas pelos próprios índios sobre sua história e suas memórias. Outras inquietações surgiram. Dessa vez, no campo da Educação Escolar Indígena, mais especificamente na análise dos suportes didáticos produzidos sob a tutela dos indígenas.

Entendo que as populações nomeadas “indígenas” são constituídas por atores sociais diversos, com suas próprias histórias em seus tempos e espaços. Acredito que estudar a temática da Educação Escolar Indígena significa considerar essas diferentes formas dos indígenas relacionarem-se com as categorias – tempo e espaço, pois, como indicou Fonseca

---

<sup>3</sup>Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em História, no Centro de Estudos Superiores de Maceió (CESMAC), sob a orientação do professor Ms. Gilberto Geraldo Ferreira.

<sup>4</sup>Tecnologia da Informação e Comunicação.

(2009), às reflexões históricas competem buscar compreender as diversas maneiras como homens e mulheres vivem e viveram, como pensam e pensaram suas vidas e suas sociedades nos diferentes tempos e espaços. Nesse sentido, compreendi como significativo privilegiar, no estudo da Educação Escolar Indígena, uma abordagem que se aproximasse da vida de pessoas comuns, seu cotidiano, seu trabalho, suas necessidades e reivindicações. Aproximação que implicou ouvir e ler as narrativas e as memórias protagonizadas pelos sujeitos pesquisados.

Portanto, para esta pesquisa, importa salientar que:

Em diversos momentos coletivos de reflexão, os povos indígenas têm afirmado que assumir a educação escolar é um grande desafio, e a razão principal não é o desconhecimento de procedimentos didáticos ou de conteúdos curriculares, mas o fato de serem lógicas distintas as que fundamentam a organização da escola e a vida em suas comunidades. É desafiador colocar sob controle uma instituição que reproduz relações capitalistas, individualização, competição, hierarquização, seleção das melhores relações verticais entre os sujeitos e torná-la adequada a culturas que vivem e pretendem continuar vivendo de acordo com outras racionalidades (BONIN, 2012, p. 33).

No período da colonização portuguesa no Brasil, o modelo de educação predominante foi o ocidental, na perspectiva do colonizador e não do colonizado. Os conhecimentos dos povos indígenas ficaram desconhecidos e silenciados e as escolas serviam de instrumento para justificar uma suposta dominação total dos indígenas em benefício de um projeto de “civilização”. De acordo com Silva (2015, p. 81), “[...] uma civilização detinha conhecimentos, organização e inovações tecnológicas o que lhe diferenciava dos estágios da selvageria e barbárie. Essas ideias baseadas no evolucionismo eram profundamente etnocêntricas”. Nesse sentido, os indígenas eram considerados como inferiores ou incapazes nessa sociedade considerada “evoluída”.

A compreensão de como ocorreu esse processo tangencia o perceber que a catequese realizada pelos Jesuítas junto aos indígenas no Brasil nesse período implicou em outro tipo de violência contra esses povos, configurada pela imposição dos valores morais e religiosos. De acordo com Bergamaschi (2010, p. 56),

A Educação Escolar Indígena no Brasil tem uma longa trajetória, tecida desde os primórdios da colonização e cujo modelo predominante, alheio às cosmologias indígenas, foi imposto com o explícito intuito colonizador, integracionista e civilizador. No entanto, coerentes com seus modos de vida, os povos indígenas afirmaram, desde os primeiros contatos com os europeus, um modelo próprio de educação que se mostrou inadequado para as práticas escolares, visto que nas sociedades tradicionais, entre as quais situamos as

sociedades indígenas, ‘as teorias do mundo, do homem e da sociedade são globais e unificadoras’.

Contudo, na Constituição Federal aprovada em 1988 e atualmente em vigor, o direito para que as diferenças étnicas sejam reconhecidas em todo o território brasileiro precisou ser imposto pela Lei. Trata-se de um direito que se estende aos territórios tradicionais ao considerar as diferenças e as particularidades de cada grupo étnico para o ensino nas escolas dos territórios indígenas. E, além disso, garante-se atenção específica, respaldada nas diferentes culturas e na plenitude dos direitos e interesses dos povos indígenas.

Para Fleuri (2001, p. 45) “a educação intercultural no contexto das lutas sociais contra os processos crescentes de exclusão social inerentes à globalização econômica propõe o desenvolvimento de estratégias que promovam o reconhecimento das diferenças”. No Brasil, a Educação Escolar Indígena tem a sua trajetória marcada pelas vivências dos povos indígenas para que suas memórias e suas histórias não sejam esquecidas. Porém, deve-se recordar que a cultura e a história são dinâmicas e estão sempre em (re)construção.

De acordo com Dantas (2015, p. 81), “no Nordeste, os grupos indígenas contemporâneos se constituíram através de longos processos históricos de transformação de suas identidades e culturas”. Nesses processos, reivindica-se a Educação Escolar Indígena, principalmente devido ao número de indivíduos que se afirmam como indígenas e são reconhecidos pelo povo no qual estão inseridos.

Em Alagoas, o movimento indígena, em processo de efetivação e de consolidação, reivindica que a Educação Escolar Indígena seja pensada a partir de suas particularidades.

Os povos indígenas reivindicam que os/as professores/as sejam também indígenas, para encaminhar seu projeto educacional escolar, como tentativa de articular as necessidades do grupo com as necessidades da sociedade nacional, sem perder de vista suas origens, suas tradições, suas culturas, mas também se dando conta das modificações que acontecem em todas as sociedades contemporâneas (FERREIRA, 2013, p. 129).

Com esta pesquisa, eu pretendi também contribuir com as discussões sobre os índios em Alagoas. Parti da ideia de que esse processo se encontra relacionado ao âmbito particular da elaboração de uma história nacional e local, no conjunto de uma série de políticas indigenistas, ambas desprovidas de projetos do Estado. De acordo com Ferreira (2016, p. 20), “no Nordeste foi seguida a mesma lógica em que as escolas indígenas serviriam para formar os índios como massa de trabalhadores rurais para a mão de obra regional e nacional, no ‘grande projeto’ da década de 1930 (Governo Vargas) de interiorizar o Estado”.



As primeiras produções relativas à temática indígena apresentam visões equivocadas quanto ao papel dos índios na História do Brasil, concebendo-os como passivos, inertes ou mesmo incapazes de promover qualquer ação efetiva contra o projeto colonial. Entre as obras que apresentam essas concepções na segunda metade do século XX, destaco dois grandes estudiosos: Darcy Ribeiro e Gilberto Freyre. Estes autores influenciaram e continuam a influenciar o imaginário social do Brasil e a visão sobre o lugar e o papel dos povos indígenas na História. Dentre suas obras, encontram-se os livros: *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno* (1996) e *O povo brasileiro* (2006), de Darcy Ribeiro e o livro *Casa grande e senzala* de Gilberto Freyre (2004).

Nos últimos anos, evidencia-se uma nova abordagem sobre os indígenas. Os estudiosos da temática passaram a compreender os indígenas como sujeitos sociopolíticos. Nesse contexto, destacam-se os estudos de Maria Regina Celestino de Almeida (2010), John Monteiro (1995), Manuela Carneiro da Cunha (1992), João Pacheco Oliveira (2011) e Gersem Baniwa (2006), este último um pesquisador indígena. Estes autores têm elaborado reflexões e provocado questionamentos sobre os povos indígenas no Brasil, nas Ciências Sociais e Humanas e, mais recentemente, na Educação. Ao articularem o ensino com as histórias das populações indígenas, os pesquisadores evidenciam as estratégias, as formas de resistências e as negociações entre os vários sujeitos sócio-históricos.

Esses estudos buscaram evidenciar os movimentos dos sujeitos indígenas nos diferentes processos históricos. Contudo, entendo que o conhecimento histórico é temporal, parcial e estará sempre em construção e em movimento. Um conhecimento sempre aberto a novas leituras e interpretações. Nesse sentido, a história indígena deve ser considerada como movimento, pensada a partir de suas permanências e transformações internas em interação com outros grupos humanos sem perder de vista suas especificidades.

Em Alagoas, a elaboração de uma nova escrita da história indígena desponta com os documentos e os registros existentes nos relatórios e ofícios das *Diretorias Parciais dos Índios* e da *Diretoria Geral dos Índios*, publicados por Clóvis Antunes em 1984, e no livro: *Os Índios nas Falas e Relatórios dos presidentes da Província das Alagoas*, publicado por Almeida L. em 1999. A publicação desses documentos contribuiu para superar algumas lacunas da historiografia.

Para Oliveira R. C. (1996, p. 17), “os índios no Nordeste foram considerados misturados aos nacionais pelo governo provincial e tiveram seus aldeamentos extintos na segunda metade do século XIX”, período em que a execução da política indigenista imperial esteve sob a incumbência da Diretoria Geral dos índios, em Alagoas Direção Geral dos

Índios. Com o advento da República, foi criado, em 1910, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), com a finalidade de atender às necessidades do desenvolvimento econômico, tendo em vista os conflitos entre os índios e as frentes de expansão da sociedade nacional com a construção de estradas, instalações de linhas telegráficas, etc. A atuação deste órgão no Nordeste ocorreu a partir do final da década de 1920 com a instalação de Postos Indígenas (PI): uma história que foi marcada pelo reconhecimento da permanência dos povos indígenas habitantes em locais de antigos aldeamentos, depois da sua extinção (SILVA, 2012).

O estudo sobre os povos indígenas de Alagoas aumentou nos últimos 30 anos em decorrência das ações de outros grupos organizados que se mobilizam por melhores condições de vida e resistem aos processos de silenciamento de suas histórias. Ferreira (2011, p. 48) lembrou ser possível e lamentável afirmar que “os indígenas que ocuparam o território alagoano desde o período de perseguição e ‘fugas’ se estenderam sistematicamente até as décadas de 1970 e 1980”, período quando os indígenas juntaram-se a outros movimentos sociais, com apoio de ONG’s e do Conselho Missionário Indigenista (CIMI) para reivindicarem, a princípio, a terra. Logo surgiram outros pontos em pauta, relacionados ao movimento indígena no Brasil, como por exemplo, as mobilizações por uma educação específica e diferenciada.

A prática de reunir povos indígenas em diversas regiões no Brasil para tratar de pautas comuns que incidem sobre os direitos assegurados na legislação brasileira em vigor a partir da década de 1970 - momento mais visível das mobilizações sociopolíticas indígenas - resulta de um contexto de mudanças socioculturais que ocorrem desde a década anterior em nosso país.

É necessário aprofundar os conhecimentos sobre a história indígena em Alagoas, levando-se em consideração a produção bibliográfica e principalmente, recorrendo à memória dessas populações, pois em muito expressam a afirmação da existência indígena na atualidade. Walter Benjamin (1994) discutiu o valor da experiência para a história, no texto denominado *O narrador*. A partir desta perspectiva, considero por narrador entre os povos indígenas, aquelas pessoas guardiãs dos relatos das memórias, que não se referem apenas ao seu tempo, nem ao seu campo de ações individuais, mas às experiências vividas e/ou partilhadas pelo grupo social.

Estudar a Educação Escolar Indígena significa, portanto, considerar as experiências históricas dos povos indígenas e os seus modos de vida, o que pretendo fazer a partir do estudo das memórias narradas e registradas nos suportes didáticos produzidos pelos indígenas Kariri-Xocó, habitantes de Porto Real do Colégio/AL.

A relevância deste estudo evidenciou-se ante a perspectiva da possibilidade de refletir sobre a Educação Escolar Indígena, pensada a partir de suas especificidades. A intenção foi contribuir para a compreensão dos processos de silenciamentos sobre os povos indígenas em Alagoas, por meio da história e das memórias registradas em seus suportes didáticos para a Educação Escolar Indígena entre os Kariri-Xocó.

### **1.1 Da escolha do objeto**

Minha participação na seleção para o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS foi motivada pelo interesse em discutir sobre as memórias e a História na Educação Escolar Indígena dos Kariri-Xocó/AL. Conheci a professora Dr<sup>a</sup>. Marizete Lucini num momento de dificuldade acadêmica. Nesse momento, a minha pesquisa corria o risco de não ser realizada. A professora Dr<sup>a</sup>. Marizete Lucini acreditou na proposta de estudo que apresentei e motivou ainda mais meus interesses pelo referido tema, possibilitando-me um reencontro com a temática indígena.

Alguns debates acadêmicos, a participação em eventos e a apresentação de comunicações orais foram primordiais para um direcionamento e um novo pensar sobre a referida pesquisa.

Para responder ao problema da pesquisa, parti da seguinte questão: “quais as memórias narradas são veiculadas nos suportes didáticos produzidos pelos Kariri-Xocó para a Educação Escolar Indígena?”. O objetivo principal foi analisar as memórias narradas nos suportes didáticos elaborados pelos indígenas Kariri-Xocó/AL. Delimitei com minha orientadora, os seguintes objetivos específicos: conceituar memória no campo da pesquisa histórica e no âmbito do pensamento indígena; identificar as memórias veiculadas nos suportes didáticos dos Kariri-Xocó/AL e entender os significados dessas narrativas para a Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural dos Kariri-Xocó/AL.

A proposição que fundamenta esta pesquisa, além dela estar alicerçada numa trajetória de estudos por mim percorrida, evidencia-se como relevante para ruptura de um processo de silenciamento da história e das memórias imposto aos povos indígenas, principalmente àqueles habitantes em Alagoas, pois entendo que as escolas indígenas, ao discutir as memórias, mantêm vivos significados fundamentais. Essas memórias podem se tornar um instrumento importante na resistência e na afirmação sociocultural indígena.

A escola indígena tem um importante papel de afirmação das identidades étnicas; a escola tornou-se espaço de socialização, de (re)produção e afirmação da cultura desses povos para que as memórias não sejam esquecidas.

No que se refere à metodologia de pesquisa, foi necessária uma organização com base em dados bibliográficos, incluindo teses, dissertações e artigos científicos, o que me auxiliou na aproximação com as discussões atuais sobre o assunto. Para início do estudo, realizei um levantamento bibliográfico sobre a temática de pesquisa nos Programas de Pós-graduação em Educação, Antropologia e História da UFS, onde, no entanto, não encontrei uma produção significativa. Acessei apenas um estudo sobre a temática indígena privilegiando o protagonismo indígena na produção de conhecimento. Trata-se de uma dissertação defendida em 2014 junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFS, intitulado *As relações de Interculturalidade entre o Conhecimento Científico e Conhecimento Tradicional Pataxó na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê*, de Paulo de Tarso Borges da Silva.

Em Alagoas, encontrei nos arquivos do Programa de Pós-graduação em Educação da UFAL uma dissertação intitulada *A Educação dos Jiripancó: uma reflexão sobre a escola diferenciada dos povos indígenas de Alagoas*, de Gilberto Geraldo Ferreira, de 2009 e outra, intitulada *A Educação Escolar Indígena entre os Wassu-Cocal: algumas pistas sobre a concepção da Educação Escolar a partir de seus professores*, de Jéssica Danielle dos Santos Pereira, defendida em 2014.

Em Alagoas, além dos dois trabalhos mencionados, não existe uma produção significativa sobre a temática indígena ou sobre a produção de suportes didáticos construídos a partir das populações indígenas, o que reforça a importância de nossa proposta de investigação. Diante da inexistência de pesquisas sobre o tema no marco temporal delimitado, os últimos 5 anos, me direcionei à busca por pesquisas que, mesmo estando fora desse marco temporal, contribuíssem com meu estudo em relação aos indígenas em Alagoas. Encontrei a pesquisa supracitada de Gilberto Geraldo Ferreira, que foi primordial para a construção deste estudo. No prosseguimento da revisão da literatura, acessei o banco de teses e dissertações disponibilizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Numa perspectiva macro, encontrei uma produção significativa de instituições fora dos estados de Alagoas e Sergipe, sobretudo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Universidade do Estado do Pará (UEPA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal do Ceará (UFCE), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Pontifícia Universidade

Católica (PUC), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Universidade Regional de Blumenau (FURB).

Foram localizadas 14 dissertações e 8 teses, produzidas nos últimos 5 anos, referentes ao objeto de estudo pesquisado. As palavras-chave utilizadas na busca por estes trabalhos foram: Educação Escolar Indígena, memórias e interculturalidade.

Porém, não encontrei estudos que analisassem as memórias e a história indígena dos Kariri-Xocó veiculadas nos suportes didáticos produzidos para a Educação Escolar Indígena. A partir de uma leitura dos resumos, selecionei 12 dissertações e 4 teses que, de alguma forma, contribuiriam com este estudo. Essas pesquisas foram consultadas e os dados que as identificavam como tema, objetivos e resultados seguem no Apêndice A; as informações coletadas nessas pesquisas serviram, principalmente, para uma reflexão acerca das questões relativas ao protagonismo indígena na produção de um pensamento sobre memória.

Das leituras dos citados estudos, além da dissertação de Ferreira (2009), outra dissertação e uma tese me chamaram bastante atenção, principalmente por serem pesquisas em que os indígenas foram evidenciados em seus processos de ensino- aprendizagem na Educação Escolar Indígena, conforme indicado no quadro abaixo (Quadro 1):

**Quadro 1 - Dissertações e teses com o protagonismo dos indígenas no seu processo de ensino-aprendizagem**

<b>Título</b>	<b>Autor (a)</b>	<b>Universidade</b>	<b>Documento</b>	<b>Ano</b>
<b>A Educação Escolar Indígena entre os Wassu-Cocal:</b> algumas pistas sobre a concepção da educação escolar a partir de seus professores	PEREIRA, Jéssika Danielle dos Santos.	Universidade Federal de Alagoas	Dissertação	2014
<b>Educação formal para os índios:</b> as escolas do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) nos postos indígenas em Alagoas (1940-1967)	FERREIRA, Gilberto Geraldo.	Universidade Federal de Pernambuco	Tese	2009

**Fonte:** Banco de Teses e Dissertações da CAPES (2017)

**Elaboração:** Taysa Kawanny Ferreira Santos (2017)

Os anais eletrônicos das Reuniões Nacionais e Regionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) foram outra fonte importante, onde encontrei textos em forma de artigos que me possibilitaram entender os aspectos relacionados com a Educação Escolar Indígena, memórias e interculturalidade (Quadro 2).

**Quadro 2 - Educação Escolar Indígena, memórias e interculturalidade nos anais eletrônicos das Reuniões Nacionais e Regionais da (ANPED)**

Reuniões Nacionais			
Autores(as)	Título do trabalho	GT's	Ano
VIEIRA, Ismenia de Fátima.	<b>“Educação Indígena”</b> : as vozes guaranis sobre a escola na aldeia	GT 03 Movimentos Sociais e Educação	28. <sup>a</sup> Reunião 2005
BRAND, Antonio Jacó.	<b>Educação Indígena</b> – uma educação para a autonomia	GT 06 Educação Popular	28. <sup>a</sup> Reunião 2005
SECCHI, Darci.	<b>Política de Educação Escolar Indígena</b> : nos caminhos da autonomia	GT 05 Estado e Política Educacional	28. <sup>a</sup> Reunião 2005

**Fonte:** ANPED (2017)

**Elaboração:** Taysa Kawanny Ferreira Santos (2017)

Outros pesquisadores sobre a temática de ensino de História, da Educação Escolar Indígena, da memória, da História, da Educação, da Antropologia e da Sociologia contribuíram muito para as reflexões realizadas durante a pesquisa e foram citados ao longo deste estudo. Contudo, destaco Manuela Carneiro da Cunha (1998) e Maria Regina Celestino de Almeida (2010) por discutirem o ensino de História e a história indígena. O livro organizado por Manuela Carneiro da Cunha (1998), *História dos índios no Brasil*, e o texto de Maria Regina Celestino, publicado em 2010, intitulado *Identidades étnicas e culturais: novas perspectivas para a história indígena* abordam a atuação dos indígenas na História do Brasil como vem sendo evidenciada nas últimas décadas.

No que diz respeito à temática indígena em geral, existe uma considerável produção histórica e antropológica publicada na coleção *Índios do Nordeste*, organizada por Almeida e publicada pela EDUFAL entre 2004 e 2011. Para pensar mais especificamente sobre o ensino da história e as culturas indígenas, me baseei nas produções de Bergamaschi (2010), Bonin (2012), Silva E. (1995) e Ferreira (2009). Estes autores destacam-se na construção de conhecimentos sobre os povos indígenas no Brasil e no Nordeste.

## 1.2 A escolha do método

A abordagem metodológica adotada neste estudo ancora-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa, priorizando as descrições nas Ciências Humanas, caracterizando de que maneira os indivíduos ou grupos representam as formas e os significados dos discursos ou até

mesmo o que estão pensando ou dizendo; ou seja, algo a ser decifrado e restituído quanto à veracidade que representa.

De acordo com o pesquisador Martins (1994, p. 51):

As Ciências Humanas não são, portanto, uma análise daquilo que o homem é na sua natureza, mas antes, porém, uma análise que se entende daquilo que o homem é, na sua positividade (vivendo, falando, trabalhando, envelhecendo e morrendo), para aquilo que habilita este mesmo homem (ou buscar conhecer) o que a vida é em que consiste a essência do trabalho e das leis, e de que forma ele se habita ou se torna capaz de falar.

Para compreender a pesquisa no campo das Ciências Humanas foi necessário entender que, diferentemente das outras ciências, este campo do conhecimento não recebeu um domínio já delimitado ou dimensionado, mas priorizou compreender de que maneira os grupos sociais e os indivíduos utilizam suas formas e significados e compõe os seus discursos.

Por ser uma pesquisa qualitativa, objetivando evidenciar os significados atribuídos pelos sujeitos ao fenômeno, ela é considerada como fenomenológica, não se limitando a uma descrição e sendo uma tarefa de interpretação onde busca-se analisar os sentidos menos aparentes, aquilo que os fenômenos têm de fundamental.

A pesquisa fenomenológica parte da compreensão do nosso viver, não de definições e conceitos da compreensão que orienta a atenção para aquilo que se vai investigar. Ao percebermos novas características do fenômeno, ou encontrarmos no outras interpretações, ou compreensões diferentes, surgem para nós uma nova interpretação que levará a outra compreensão (MASINI, 1994, p. 63).

O método fenomenológico contribui para compreender os fundamentos da significação, os sentidos e a pesquisa que prepara para a explicitação, para a compreensão do estudo na amplitude em que se evidencia.

Para Lucini (2016, p. 41), “compreender a fenomenologia-hermenêutica como método possibilita conhecer as coisas em si mesmas que se religam ao mundo na interpretação evidenciada pelo pesquisado”.

O estudo de caso contribui para que os fenômenos individuais, os processos organizacionais e políticos da sociedade sejam mais bem compreendidos. É uma ferramenta utilizada para se entender à forma e os motivos que levaram a determinada decisão. Conforme André (2005, p. 42), “o estudo de caso etnográfico possibilita uma visão profunda e ao mesmo tempo ampla e integrada de uma unidade complexa; por outro lado, demanda um

trabalho de campo intenso e prolongado, o que requer tempo e recursos por parte do pesquisador”.

Neste estudo de caso, propus a adoção da postura etnográfica, valorizando a escuta, as observações, o respeito às práticas socioculturais diferentes de práticas não indígenas. Foi, portanto, um dos aspectos teóricos importantes na composição da metodologia utilizada durante esta pesquisa, uma vez que possibilitou caracterizar o lugar vivido pelos indígenas Kariri-Xocó. Desse modo, busquei descrever um sistema de significados socioculturais daquele povo indígena, com uma preocupação em pensar as aprendizagens em um contexto sociocultural amplo, nas casas, igreja, escola, enfim, no território indígena como um todo.

O objetivo foi compreender as articulações entre esses ambientes, realizando-se uma discussão em torno do ambiente escolar devidamente desdobrada, levando em consideração um conjunto de experiências junto aos indígenas. As memórias sociais coletivas e individuais possibilitaram evidenciar a simbologia do lugar vivenciado pelos diversos atores sociais estudados.

Nesse sentido, o estudo etnográfico contribuiu significativamente para pensar a escola a partir das observações do cotidiano escolar e extraescolar dos agentes envolvidos. Portanto, a etnografia foi bem mais que uma técnica de coleta de dados, porque proporcionou à pesquisadora a construção conjunta de dados a partir da interação com os pesquisados. No texto *Trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever* de autoria de Roberto Cardoso de Oliveira (1996) três etapas ou estratégias para a apreensão dos fenômenos sociais e do próprio fazer etnográfico foram apontadas:

Tentarei mostrar como o olhar, o ouvir e o escrever podem ser questionados em si mesmos, embora, em um primeiro momento, possam nos parecer tão familiares e, por isso, tão triviais, a ponto de sentirmo-nos dispensados de problematizá-los; todavia, em um segundo momento marcado por nossa inserção nas ciências sociais, essas ‘faculdades’ ou, melhor dizendo, esses atos cognitivos delas decorrentes assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que é com tais atos que logramos construir nosso saber. Assim, procurarei indicar que enquanto no olhar e no ouvir ‘disciplinados’, a saber, disciplinados pela disciplina, realiza-se nossa percepção, será no escrever que o nosso pensamento exercitar-se-á de forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo como próprio das ciências voltadas à construção da teoria social (OLIVEIRA, R., 1996, p. 18).

Algumas dificuldades foram encontradas para pensar e delimitar a pesquisa, pois acompanhar todo o processo de pesquisa das memórias e o cotidiano escolar para refletir sobre a Educação Escolar Indígena diferenciada nos Kariri-Xocó/AL seria impossível nos



limites de uma pesquisa de mestrado. Em conversa com a orientadora, nós decidimos identificar e analisar quais as memórias Kariri-Xocó/AL e narrativas estavam veiculadas nos suportes didáticos. Nós definimos que na primeira visita ao citado povo indígena não fosse levado nada pronto; apenas que fosse observado e estabelecido um contato direto com a escola.

Como procedimento metodológico, realizei a coleta de dados, buscando observar e analisar as memórias e as narrativas indígenas evidenciadas nos suportes didáticos produzidos pelos Kariri-Xocó para a Educação Escolar Indígena e, ao mesmo tempo, observar e analisar de que maneira os indígenas apropriaram-se da construção de uma Educação Escolar Indígena. Os instrumentos utilizados neste estudo foram: uma câmara fotográfica, o diário de campo e um gravador.

A Escola Estadual Pajé Francisco Queiroz Suíra, escolhida como *locus* da pesquisa atendia do 1º ano ao 5º ano do Ensino Fundamental, com 255 alunos/as matriculados/as e 12 professores/as indígenas em seu quadro, com idades entre 25 a 53 anos, sendo dez mulheres e dois homens. Ademais, a Escola tinha no seu quadro de funcionários uma diretora, um vice-diretor, duas coordenadoras e uma articuladora do Estado<sup>5</sup>. Toda essa equipe realizava formação no Ensino Superior no Curso de Licenciatura Indígena (CLIND), vinculado ao Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas (PROLIND), da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E todo o corpo docente e equipe gestora dessa escola são pertencentes ao povo Kariri-Xocó/AL.

A pesquisa de campo foi iniciada em fevereiro de 2017. As experiências dos Kariri-Xocó/AL e as memórias sociais, coletivas e individuais possibilitaram evidenciar simbologias e práticas indígenas. O acolhimento no território indígena<sup>6</sup> foi fundamental para a realização deste estudo.

Permanecer no território indígena para realizar a pesquisa foi importante em todos os momentos. A cada encontro tornavam-se necessárias as anotações e a escuta dos indígenas, possibilitando o conhecimento das memórias Kariri-Xocó.

Em fins do mês de março, foi realizado o planejamento pedagógico para o início do ano letivo<sup>7</sup>. As discussões foram sobre as disciplinas de Matemática, História e Português. Na primeira semana de aula definiu-se que seria realizado um diagnóstico sobre Português e

<sup>5</sup>Exercendo à docência e atividades de suporte pedagógico para a composição do núcleo de acompanhamento pedagógico, com função especial de articulador, nas unidades de ensino da Rede Pública Estadual.

<sup>6</sup>Para Haesbaert (2012), território é sobretudo é um espaço político e muitas vezes culturalistas ou simbólico-cultural em que prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como produto de apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.

<sup>7</sup>Início do ano letivo da Escola Estadual Pajé Francisco Queiroz Suíra em 03/04/2017.

Matemática. Paralelamente, na disciplina de História e Cultura Indígena seriam discutidos com as turmas os conhecimentos Kariri-Xocó, o cotidiano e as vivências, sendo necessário trazer à sala de aula alguns produtos como, por exemplo, as ervas medicinais utilizadas pelos indígenas mais velhos.

Outro ponto importante na construção desta pesquisa foi quando visitei José Nunes de Oliveira<sup>8</sup>, momento em que outros aspectos se apresentaram como essenciais para compreender a construção da concepção da Educação Escolar Indígena e as memórias dos Kariri-Xocó/AL.

Durante o mês de abril, a Escola organizou o Abril Indígena Kariri-Xocó, com o tema: “Educação Escolar Indígena, valores milenares”, contendo relatos de resistência do povo Kariri-Xocó, exposição de vocábulos da língua indígena, exposição de artesanatos e livros com narrativas da resistência do povo e o encerramento com o “Toré”, com a participação de todos os indígenas. Na ocasião, eu fui convidada para participar da mesa de abertura e apresentar o projeto de mestrado para o povo Kariri-Xocó/AL presente no evento. Naquele momento, o sentimento foi de gratidão e acima de tudo, de responsabilidade para com os indígenas.

As visitas realizadas às lideranças também foram significativas na construção desta pesquisa. Durante a noite, no território indígena, nos alpendres das casas, nas conversas informais, inclusive com as louceiras, outros aspectos foram evidenciados. Nesse momento, pude compreender melhor as mobilizações, as memórias e as dificuldades enfrentadas pelo referido povo indígena.

Outro ponto importante que contribuiu para entender o universo indígena foi a informação de que para José Nunes de Oliveira, considerado o Guardião das tradições Kariri-Xocó, o mundo é circular.

A aldeia é o centro do mundo... (pausa, refletindo) Do mundo da terra indígena, né? A aldeia é o meio (pausa). Então, o horizonte é o mundo indígena. Na visão do índio, o mundo (pausa), ele é a aldeia no centro...(reflexão)...é o horizonte, aquele círculo (aponta), e o mundo indígena, não é incompleto! (ênfase) O mundo indígena, tem céu, tem estrela, tem sol, tem inverno, verão, né? (indagou olhando para mim) Aí o sol nasce...(serenidade e aspecto de riso contido) (Diário de Campo, 15/03/2017, [sic]).

Amparado na ideia de que a partir do centro outras coisas começam a surgir no entorno e que esses mecanismos não podem ser dissociados diante da construção do todo e em

---

<sup>8</sup>Indígena Kariri-Xocó, considerado Guardião das tradições Kariri-Xocó. Residente no território indígena em Porto Real do Colégio/AL.

seu perfeito funcionamento, o território é visto como centro do mundo indígena devendo manter uma relação harmoniosa com a terra e a natureza de expressiva relevância. Nessa perspectiva, o território está centralizado, ele é quem sustenta esse mundo, esse mundo de relação de pertencimento e completude. Cabe a ele sustentar esse universo, que não é faltoso tampouco constituído de elementos limitados. O mundo Indígena tem estrelas, sol, inverno, verão e o sentimento de pertencimento vivenciado pelo povo indígena, que transforma o indígena em parte integrante desse centro. E, o horizonte assume o papel de universo. Dentro dessa completude, o sol nasce e a aurora acontece.

Durante as conversas com os/as professores/as, eu era sempre estimulada a declarar a minha posição enquanto pesquisadora com relação ao movimento indígena. Por vezes, me colocava em uma posição delicada, pelo conflito entre algumas lideranças, mas que era sempre contornada com uma explicação mais longa da minha posição de “que pretendia estudar as memórias narradas na educação escolar indígena dos Kariri-Xocó/AL”. No período da pesquisa em campo, as relações com os indígenas transformaram-se em amizade, com a consciência e o sentimento de pertencimento que eu não poderia desapontá-los. Por isso, compreendo que esta pesquisa é também um compromisso que assumo com a educação escolar indígena daquele povo e de todos os outros povos indígenas.

Além da observação participante, foram realizadas, durante a pesquisa, entrevistas participativas com os/as 12 professores/as, a diretora e duas coordenadoras pedagógicas da Escola Estadual Indígena Pajé Francisco Queiroz Suíra. Paralelamente, também foi realizada uma entrevista com o Sr. Júlio Queiroz Suíra, o Pajé Kariri-Xocó e o Sr. José Nunes de Oliveira, considerado o Guardião das tradições Kariri-Xocó, totalizando assim 17 entrevistados.

### **1.3 A organização do trabalho**

Esta pesquisa está constituída em quatro secções e as considerações finais. Na primeira secção, denominada de *Os caminhos da pesquisa*, apresentei uma breve discussão sobre o caminho percorrido, como ocorreu a escolha do objeto, o que motivou meu interesse pelo referido tema, até chegar à seguinte questão: Quais as memórias narradas veiculadas nos suportes didáticos dos Kariri-Xocó/AL? Nesta secção, ainda apresentei um levantamento sobre a temática da pesquisa nos programas de Antropologia e História (UFS); sendo encontrado apenas um trabalho no programa de Pós Graduação em Educação (PPGED/UFS), que foi de grande relevância para a nossa proposta de estudo. Em Alagoas, apenas dois

trabalhos contribuíram significativamente para entender os processos que ocorreram com os povos indígenas de Alagoas. Estes foram encontrados, especificamente no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE/UFAL). Em uma perspectiva macro, eu realizei um levantamento de teses e dissertações da CAPES e das reuniões da ANPED.

Para a escolha do referido método, foi adotada uma abordagem qualitativa, tendo como foco o caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades. Por ser uma pesquisa qualitativa, ancorei a investigação na fenomenologia-hermenêutica, pois este tipo de pesquisa evidencia os significados atribuídos pelos sujeitos e a interpretação do pesquisador. A etnografia também foi importante para analisar a construção conjunta a partir das interações com a pesquisadora. Por fim, apresentei as experiências dos Kariri-Xocó/AL e as memórias sociais, coletivas e individuais que possibilitaram uma análise para nosso estudo.

Na Seção II – *Os Índios na História do Brasil: breves reflexões* – apresentei algumas reflexões sobre a presença dos índios na História do Brasil, buscando evidenciar qual o lugar que ocupam no imaginário da sociedade, como ocorreu o processo de silenciamento dos povos indígenas em Alagoas, além de situar os Kariri-Xocó atualmente: quem são, quantos são e onde estão. Realizei um breve “diagnóstico”, com dados sobre a situação da Educação Escolar Indígena relacionando-a com o lugar dos povos indígenas na História. Pontuei, ainda, como surgiu a Escola entre os Kariri-Xocó/AL e o que esse processo significou para aquele povo indígena, bem como apontei alguns momentos marcantes, que foram significativos para a compreensão da dinâmica das reflexões no estudo que me propus.

A Seção III – *Memórias, história e Educação Escolar Indígena Kariri-Xocó: “por uma educação intercultural do nosso jeito”* – constituiu-se da apresentação dos aspectos gerais dos conceitos de memórias, história, Educação Escolar Indígena e interculturalidade como aspectos de análise para pensar sobre as memórias presentes nos suportes didáticos produzidos pelos Kariri-Xocó/AL. Foi necessário dialogar com os conceitos de memórias de alguns autores na construção desta pesquisa. Entender os processos da Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural por meio dos relatos dos/as professores/as indígenas foi um passo importante, porque a escola é um espaço privilegiado para discussões das principais questões que compõem a vida material daquele povo indígena, possibilitando estimular uma visão crítica nos/as educandos/as. Para selecionar os suportes didáticos analisados foram estabelecidos três critérios fundamentais: o protagonismo indígena; as memórias e a história do povo Kariri-Xocó; bem como a quantidade de indígenas participantes na construção desse material.

Na Seção IV - *As memórias narradas para Educação Escolar Indígena dos Kariri-Xocó* - identifiquei e analisei as memórias expressas nos suportes didáticos produzidos pelos Kariri-Xocó. A apresentação das análises realizadas nesta pesquisa aborda as memórias veiculadas no suporte didático produzido pelos Kariri-Xocó para a Educação Escolar indígena diferenciada e intercultural.

Nas Considerações Finais, evidenciei três eixos das memórias, como memórias de origem, memórias do ser e viver e memórias do conviver. Essa dissertação objetivou analisar as memórias narradas nos suportes didáticos elaborados pelos indígenas Kariri-Xocó/AL, como possibilidade de pensar a educação intercultural a partir dos indígenas e para eles.

## 2 OS ÍNDIOS NA HISTÓRIA DO BRASIL: BREVES REFLEXÕES

*“Quando se discute o ser indígena, ele ainda é visto como ser do passado e não por via de suas histórias e memórias”*

*(Denízia Cruz, Professora Kariri-Xocó/AL).*

A abordagem comum sobre os povos indígenas no Brasil resulta de um jogo de poder desqualificando essas sociedades, considerando-as como incapazes de gerir os próprios destinos de forma autônoma. “A historiografia propagou a visão do indígena como um ser inocente, bestial, coitadinho, sem história e que caminhava para o seu desaparecimento”, na concepção de Varnhagem (MONTEIRO, 2001, p. 126). A partir da abordagem de Adolfo Varnhagem, historiador positivista, eurocêntrico e etnocêntrico do século XIX, consagrou-se uma percepção sobre os indígenas fundamentada em imagens preconceituosa e europeizada, ideias que se perpetuaram ao longo dos anos, uma vez que muitos indígenas não apresentavam mais as características físicas dos seus antepassados, de uma leitura sobre o indígena no passado colonial congelado.

De acordo com Monteiro (1994), os índios foram objeto de um intenso debate que atravessou o século XIX, antepondo a postura do historiador Adolfo Varnhagen a uma vertente mais filantrópica, inspirada, sobretudo, em José Bonifácio. Se a tensão entre aqueles que promoviam a assimilação e os que patrocinavam a exclusão dos índios remetia aos conflitos que brotaram entre agentes coloniais no século XVI, foi certamente aprofundada pelas mudanças institucionais introduzidas a partir da década de 1840 com o Regimento das Missões em 1845 e a Lei de Terras 1850. Medidas legais que impactaram sobremaneira os povos indígenas habitantes nas áreas mais antigas da colonização, a exemplo do atual nordeste brasileiro (SILVA, E., 2017).

Ressalto ainda que os indígenas sempre foram vistos como os incapazes necessitando da tutela do Estado para guiá-los nas suas decisões; outro ponto a se destacar, é que os indígenas impactados pela colonização e estudiosos disseminavam a ideia que os índios seriam extintos ou assimilados pelo contexto nacional. Desse modo, os povos indígenas estariam em um processo histórico linear, fadados ao desaparecimento.

Nessa perspectiva, tratarei de forma breve, neste capítulo, sobre as visões convencionais e outras abordagens antropológicas e históricas acerca dos índios no Brasil, em Alagoas, especificamente, em Porto Real do Colégio, reflito sobre a história dos povos

indígenas a partir de suas experiências, relacionadas ao suporte didático que pensaram e elaboraram.

## **2.1 O lugar dos povos indígenas na História do Brasil**

A partir da década de 1970, principalmente após a promulgação da Constituição Federal em 1988, a denominada “nova história indígena”, como um exercício reflexivo embora de forma lenta e gradual, sobre o protagonismo dos povos indígenas, exige uma nova abordagem e uma reavaliação sobre a história desses povos.

Nesta grande reavaliação das sociedades indígenas e das políticas indigenistas, a historiografia tem e terá um papel fundamental, decisivo até. Pois cabe aos historiadores, através de uma revisão séria das abordagens vigentes que relegam os índios a um papel fugaz e mal explicado no início da colonização, que reservam aos mesmos índios um enquadramento etnográfico e não histórico ou, ainda, que os reduzem a meras vítimas do inexorável processo da expansão europeia, não apenas resgatar mais esses ‘esquecidos’ da história, mas antes redimir a própria historiografia de seu papel conivente na tentativa fracassada de erradicar os índios (MONTEIRO, 1995, p. 227).

Segundo John Monteiro (1995), ao analisar a história indígena no Brasil, nessa perspectiva ocorria uma virtude de ser “sustentada por sucessivas correntes do pensamento social brasileiro” (MONTEIRO, 1995, p. 66). Existe uma lacuna sobre a história indígena, inclusive uma história construída a partir do índio enquanto agente nos processos históricos.

O século XIX será central para entender a história e a escrita sobre os povos indígenas no espaço que se convencionou chamar de Brasil. De um lado, tem-se uma série de políticas promovidas pelo Estado Imperial, referente à propriedade privada e ao trabalho (CUNHA, 1998) e, de outro, a criação e a construção da chamada “história oficial”, por meio da fundação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) (GUIMARÃES, 1988). Percebe-se que a história busca compreender dimensões formativas; assim, os conhecimentos indígenas têm importância na vida social. É por meio dos diversos atos educativos que se compreende a experiência humana, as tradições e os diversos valores apresentados por homens e mulheres que contribuíram para um processo educativo.

Pensar nessas experiências a partir da história faz parte de um conjunto de possibilidades de interpretação do fenômeno social, tomado individualmente, como às questões das memórias, autonomia e territorialidade. Para Ferreira (2009, p. 34):

A memória tem um alcance relativamente curto do ponto de vista individual, mas vive entrelaçada com outras memórias dos antepassados, com o fazer da vida que extrapola o tempo do indivíduo, perpetuando e refazendo-se cotidianamente, por isso também é mais difícil de penetrá-la.

Estudar a história dos povos indígenas significa perceber o que se refere às experiências históricas da Educação Escolar Indígena no Brasil e seus modos de vida, aspectos muito importantes ligados aos índios e às suas memórias. É importante lembrar que no Brasil, desde o século XVI, a oferta da Educação Escolar Indígena esteve pautada numa perspectiva integracionista. Porém, a Constituição Federal aprovada em 1988, alterou essa perspectiva de relacionamento com as culturas indígenas e, nas décadas recentes, foram surgindo diferentes experiências de organização da Educação Escolar Indígena.

De acordo com a pesquisadora Maria Aparecida Bergamaschi (2012, p. 10):

Estudar a história e os modos de vida dos povos indígenas nos aproxima de aspectos importantes da nossa ancestralidade. Mas igualmente, esses povos querem se mostrar na atualidade, querem dialogar com as sociedades não indígenas que os cercam e escolheram a escola nas aldeias para aprender o sistema de vida fora delas, com o qual necessitam cada vez mais manter relações estreitas de contato: quer para a comercialização do artesanato, quer para usufruir de políticas públicas a eles dirigidas, como a saúde, o acesso à terra e demais bens.

Nesse sentido, na pesquisa realizada, considerei, a partir dos autores mencionados, que os indígenas constroem a si mesmos. Contudo, essa construção faz-se também com outros movimentos, como o processo de catequização dos Jesuítas. Embora esse processo seja compreendido como um confronto antipedagógico imposto aos povos indígenas a partir do início da colonização portuguesa no Brasil no século XVI. As afirmações de José Nunes de Oliveira, portanto, contribuíram com a ideia de que os povos indígenas são históricos, com suas memórias e história, sobretudo quando ele afirmou que: “a memória é tudo aquilo que a gente vê e escuta, e mais, ela tem sabor!”. Por isso, considero importante evidenciar as memórias a partir do protagonismo de diferentes povos indígenas materializadas nas narrativas de índios mais idosos, considerado Guardiões das tradições Kariri-Xocó.

Mas quem são os povos indígenas no Brasil? Segundo os dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010), são cerca de 900.000 indivíduos habitantes, 225 povos indígenas, que contabilizam 190 línguas distintas em todo o território brasileiro e representam atualmente 4% da população brasileira (BRASIL, 2010)

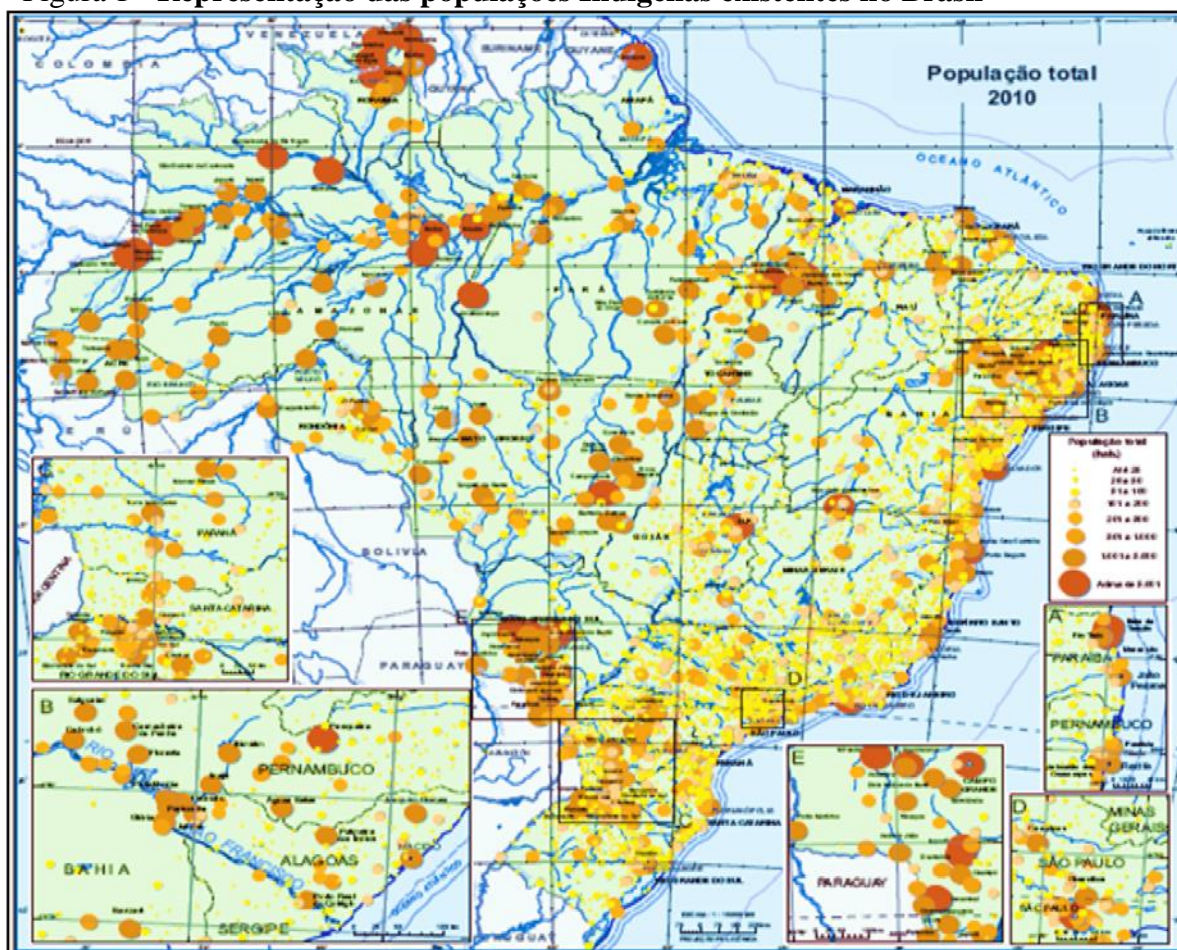


(Figura 1). São povos que contribuem decisivamente para pensar essa diversidade étnico-cultural no país.

Como observado na figura 1, a população indígena no nordeste cresceu consideravelmente. Isso ocorreu porque nos últimos anos mais povos indígenas têm reafirmado suas identidades e reivindicado direitos como à conquista de territórios com pautas referentes à garantia de uma Educação Escolar Indígena diferenciada.

A Constituição Federal de 1988, afirma que a Educação é um direito público subjetivo, sendo responsabilidade do Estado a sua oferta gratuita. Desse modo, o poder público não pode se furtar da responsabilidade da educação gratuita, inclusive para aos povos indígenas, para as quais a Lei assegura, também, um tratamento diferenciado. A educação é um processo que ocorre de modos distintos e por meio de pedagogias e instituições próprias de cada cultura, a Constituição reconhece em relação aos indígenas, no Artigo 231, “sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições”, e no Artigo 210, § 2º “utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”.

**Figura 1 - Representação das populações Indígenas existentes no Brasil**



**Fonte:** Censo Demográfico do IBGE (BRASIL, 2010)

Pensar as populações indígenas no Brasil implica considerar as diversas produções acadêmicas no campo da Antropologia, como também no campo da História do Brasil e nas três formas de abordagem referentes aos povos indígenas: a primeira abordagem assume uma perspectiva exterminacionista, a segunda, assimilacionista, e a terceira abordagem, reconhece os indígenas como sujeitos da sua própria história. Portanto, são escritas diferentes e histórias diferentes em que os próprios indígenas ocuparam/ocupam também lugares diferentes na História do Brasil.

A perspectiva exterminacionista marca um longo período histórico no qual predominou a violência física, concretizada em práticas chamadas genocidas<sup>9</sup>, legalmente autorizadas pelo governo português. O genocídio pode ser conceituado como forma de eliminação de coletividades de pessoas e caracteriza-se pela destruição física ou mental de grupos étnicos, conforme está explícito no Artigo 3º da Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU), aprovada em Paris, em 1948.

A perspectiva assimilacionista prevaleceu por longo tempo no pensamento antropológico, considerou-se que os índios integrados à colonização tornavam-se indivíduos aculturados<sup>10</sup> e passivos e que, junto com a guerra, perdiam culturas, identidades étnicas e todas as possibilidades de resistência (ALMEIDA, M., 2010).

Tal concepção teórica, atualmente, é bastante questionada, mas teve ampla aceitação num tempo em que os historiadores e antropólogos estavam afastados em campos de estudos nitidamente distintos. Culturas, identidades étnicas, relações culturais e vários outros temas relacionados ao cotidiano de pessoas comuns de povos não ocidentais eram assuntos de antropólogos e, em geral, estudados num plano sincrônico, isto é, sem considerar os processos de mudanças.

Uma terceira perspectiva reconhece os indígenas como sujeitos de sua própria história e o modo como sua cultura tem se constituído no Brasil. Esse protagonismo indígena só pode ser percebido a partir de suas próprias experiências e lembranças indígenas socializadas pela narrativa. Para Walter Benjamin, “a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução” (BENJAMIN, 1994, p. 210), ou seja, o papel do ouvinte é registrar as narrativas indígenas e possibilitar maior visibilidade à sua participação

---

<sup>9</sup>Durante muito tempo, portanto, nos estudos sobre a História do Brasil, além das referências ao índio apenas nos primeiros anos da colonização, predominou a visão sobre os povos nativos como vitimados pelos inúmeros massacres, extermínios, genocídios e etnocídio provocados pelas invasões e colonização dos portugueses e outros povos vindos da Europa a partir de 1500 (SILVA, E., 2015).

<sup>10</sup>Aquele povo ou indivíduo que passou por um processo de aculturação, substituindo sua cultura por outra.

ativa na construção de sua história. Essa abordagem emergiu no fim do século XX e início do XXI, com outras abordagens teóricas e metodológicas que questiona o discurso do provável desaparecimento e extinção dos índios. Nessa perspectiva, “um dos fatores preponderantes que influenciou essas outras produções acadêmicas foi à mobilização dos povos indígenas pelo reconhecimento das suas identidades específicas no cenário nacional”, no âmbito da abertura política para um novo projeto, a redemocratização do país (ALMEIDA, M., 2010, p. 160).

A partir das mobilizações indígenas é possível perceber que os povos indígenas conquistaram seus espaços nas últimas décadas enquanto sujeitos sociopolíticos, exigindo novos olhares referentes às pesquisas e reflexões acerca desses povos. Por outro lado, ainda é possível perceber os preconceitos, o desconhecimento e os equívocos em nossa sociedade.

Nessa pesquisa, procurei olhar o protagonismo indígena, com o foco nas memórias e na história narrada e expressa nos materiais didáticos utilizados na escola, produzidos pelos indígenas, pois acredito, como Alfredo Bosi (1994, p. 63), que “nas tribos primitivas, os velhos são os guardiões das tradições, não só porque eles as vivenciaram mais cedo que os outros, mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores”. Observei que no território Kariri-Xocó, o índio José Nunes de Oliveira é considerado como um dos responsáveis por guardar as histórias do seu povo.

Além das narrativas das memórias orais de José Nunes de Oliveira (2000), recorri a Ecléa Bosi (1994) no livro *Lembranças de velhos*, a Maurice Halbwachs (2003) na obra *A memória coletiva* e Michael Pollak (1989) com seu texto *Memória, esquecimento e silêncio*, para pensar as memórias atreladas à elaboração de subsídios didáticos produzidos pelos próprios indígenas na construção da sua própria história.

Para Bosi (1994, p. 39), “se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição. Há no sujeito plena consciência de que está realizando uma tarefa”. Portanto, as memórias são um dos passos principais para entender todo o processo vivenciado pelos indígenas, de sua reconstituição e afirmação como sujeitos históricos.

Nesse ponto, Halbwachs (2003) estabeleceu uma distinção entre a “memória histórica”, pressupondo a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada sobre o passado reinventado, e a “memória coletiva”, que se refere a uma releitura do passado. Entre essas duas direções da consciência coletiva e individual ocorrem às diversas formas de memória, que se alteram conforme as intenções visadas.

O pesquisador Michael Pollak (1989) enfatizou a força dos diferentes pontos de referência que estruturam a memória e a inserem na memória da coletividade a que pertencem. Quando se trata de memórias, o autor afirmou que elas estão em disputas, sendo essas a predileção atual dos pesquisadores sobre as memórias, em detrimento aos fatores de continuidade e de estabilidade, o que deve ser relacionado com as batalhas da memória a que se assiste, assumindo uma amplitude particular nos últimos 15 anos na Europa. Esquecimento, segundo Pollak (1989), faz parte da trajetória humana na qual os sujeitos estão inseridos. No caso do silêncio, existem razões bem complexas, pois para relatar sofrimentos, uma pessoa precisa, antes de qualquer coisa, encontrar uma escuta. O autor exemplificou o caso do Holocausto, quando, em seu retorno, os deportados encontraram efetivamente essa escuta. A deportação evocou necessariamente sentimentos ambivalentes, até mesmo de culpa e isso também, nos países vencedores da Segunda Guerra Mundial.

O processo de elaboração deste estudo no âmbito da Educação Escolar Indígena não envolve somente os/as professores/as, mas também vários agentes sociais: o povo indígena e o próprio Estado, por meio da análise de documentos, como a Constituição Federal aprovada em 1988 e em vigor, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996, as Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Indígena, o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024. Porém, na pesquisa, procurei discutir as memórias e as narrativas vinculadas à produção de suportes didáticos para a Educação Escolar Indígena dos Kariri-Xocó/AL, evidenciando que os suportes didáticos utilizados por esse povo indígena diferenciam-se dos suportes didáticos das escolas não indígenas. Também procurei identificar as formas de produção do saber histórico e a mobilização desse saber no processo de ensino na Educação Escolar Indígena.

## **2.2 Os estudos sobre os indígenas em Alagoas**

Em Alagoas, a realização de pesquisas de caráter específico etnográfico sobre os índios ocorreu, de acordo com Silva Júnior (2013), no século passado, a partir dos meados da década de 1930. Destaco o papel do antropólogo Clóvis Antunes/UFAL (1984), que publicou duas obras importantes: *Wakóna-Xukuru-Kariri* e também *Índios de Alagoas: documentário*, retomando as discussões sobre povos indígenas no Estado, incluindo os Xukuru-Kariri e os Kariri-Xocó. O autor reuniu, como apontou o segundo título, documentos históricos que podem ser entendidos também como registros etnográficos (Quadro 3; Figura 2). Nessa perspectiva, “não resta dúvida, de que o período Clóvis Antunes é um reencontro do

pesquisador com o índio e a versão política muda substancialmente; aquilo que havia desaparecido ressurgiu como atualidade [...]” (ALMEIDA, L., 1999, p. 18). No quadro 3 e na figura 3, observam-se oito aldeamentos extintos em 1872. As terras dos demais foram incorporadas aos municípios aos quais estavam vinculados territorialmente, ou seja, a partir desse período ocorreu um silenciamento sobre os povos indígenas em Alagoas, como também no Nordeste (SILVA, E., 1996).

**Quadro 3 - Municípios, comarcas e freguesias com aldeamentos indígenas no final do século XIX**

<b>Aldeias dos Índios da Província das Alagoas</b>			
<b>Nomes</b>	<b>Municípios</b>	<b>Comarcas</b>	<b>Freguezias</b>
Jacuípe	Porto Calvo	Porto Calvo	Nossa Senhora da Apresentação
Cocal	Passo de Camagibe	Porto Calvo	Bom Jesus
Urucú	Imperatriz	Imperatriz	Santa Maria Madalena
Limoeiro	Assembleia	Imperatriz	Bom Jesus
Santo Amaro	Pilar	Atalaia	Nossa Senhora do Plira
Atalaia	Atalaia	Atalaia	Nossa Senhora das Brotas
Palmeira dos Índios	Palmeira dos Índios	Anadia	Nossa Senhora do Amparo
Colégio ou Porto Real	Penedo	Penedo	Nossa Senhora da Conceição

**Fonte:** ANTUNES (1984, p. 126)



Figura 2 - Carta topográfica da Província de Alagoas com a localização dos aldeamentos indígenas em meados do século XIX



Fonte: Antunes (1984) *apud* Ferreira (2016, p. 64).



Uma das fontes consideradas importantes para entender a história indígena em Alagoas são as falas e os “relatórios provinciais das Alagoas”. Essas fontes de pesquisa são úteis para entender o contexto social e político da época, principalmente no que se refere à extinção dos aldeamentos existentes na província.

Os relatórios representam bem mais do que uma simples atividade de rotina e é, justamente por isso, que é uma retórica enunciativa para compreender o período da extinção dos aldeamentos como uma representação de acelerar o processo de integração dos índios, principalmente de seus territórios, à sociedade nacional.

Desse modo, quando o indígena aparece nas falas e nos relatórios, surge sublinhado, justamente, o contraste entre os interesses dos índios e do senhorio. Assim, tudo flui, imediatamente para o problema da terra. É claro que o problema das relações não se esgota na terra, mas a torna argumento central. É nesse rumo que se constrói o ponto de partida da destruição da vida indígena.

Documento Nº 28 – O Presidente da Província autorizado pelo Aviso do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, datado de 17 de Junho último, sob o nº 3, declara extintos todos os aldeamentos de Índios existentes nesta mesma Província, ficando incorporadas as terras de domínio público às sesmarias pertencentes aos referidos aldeamentos, na conformidade do aviso citado e determina que neste sentido se expeçam as necessárias comunicações às autoridades competentes, a fim de se tornar efetiva semelhante providência. Palácio do Governo das Alagoas, Maceió, 03 de julho de 1872 (ALMEIDA, L., 1999, p. 78).

A História de Alagoas, quando se formalizou, discutiu o indígena como elemento que não estava no cenário político. O primeiro aspecto enfatizado foi a respeito da função civilizadora, fundando a expectativa branca com relação ao índio; essa função civilizadora, ocorreu de uma condição fundamental: a catequese. O segundo aspecto, refere-se à miscigenação, ao desaparecimento do índio para dar lugar ao caboclo e o terceiro, é a propriedade da terra. De acordo com Silva (2015, p. 04):

[...]contrariando todas as previsões trágicas, os povos indígenas no Brasil ao longo dos anos de mais de cinco séculos da colonização, elaboraram diferentes estratégias de resistência. Seja por meio das guerras ou dos confrontos e também pelas alianças, as acomodações e adaptações ou as simulações.

Nas últimas décadas, o processo de resistência dos povos indígenas tem aumentado. Vários povos indígenas assumiram o protagonismo sociopolítico, diferentemente do momento

em que tiveram de negá-lo, como forma estratégica de garantir a existência (ALMEIDA, L., 2004). Maria dos Prazeres Albuquerque (2005), integrante do Conselho Missionário Indigenista (CIMI) em Alagoas, relatou o processo de ressurgimento das populações indígenas no estado.

Antes aqui nesse estado, apenas dois povos eram reconhecidos e bastante conhecidos pela sociedade alagoana: os Xucuru-Kariri em Palmeira dos Índios e os Kariri-Xocó em Porto Real do Colégio. [...] Nesse momento, o Brasil estava querendo que os índios fossem exterminados ou então que se tornassem cidadãos brasileiros e aí eles já sabiam dessas informações e já se movimentavam entre si e começaram a nos apresentar outros povos [...]. A partir daí, começou a entrar o conteúdo político [...] (ALBUQUERQUE, 2005, p. 25).

Existe a pressão no sentido de afirmar e dar continuidade a sua descendência (histórico-ancestral), com o propósito de construir um nome, uma identidade (étnica) específica e diferenciada; possibilitando, dessa forma, a construção de uma “nova” história entre seus “novos” aspectos, tanto ritualístico quanto político, cultural, histórico e social (AMORIM, 2003).

Para o citado pesquisador Gilberto Geraldo Ferreira (2009, p. 51-52),

[...] a resistência dos povos indígenas os levou a refletir sobre o reconhecimento étnico, conforme a Carta dos Povos Indígenas Resistentes – elaborada entre os dias 05 e 20 de maio de 2003, na cidade de Olinda, em Pernambuco – da qual participaram 90 lideranças de 47 povos indígenas de todo o país e representantes de diversas entidades governamentais e não governamentais. Esta carta afirma que os povos reunidos deveriam ser reconhecidos por sua história de resistência e não mais por sua suposta ressurgência ou emergência. O documento torna explícito: ‘A nossa presença vem sendo reafirmada a cada dia, principalmente por nossa capacidade de resistir a toda sorte de opressões e massacres impostos pelo Estado brasileiro ao longo de mais de 500 anos’. Em seguida, fundamenta a não aceitação das exigências do governo federal por parte destes povos, em termos de produzir relatórios, perícias e laudos de comprovação de sua identidade étnica a fim de conferir-lhes direitos inerentes e especiais aos povos indígenas e consagrados na Constituição Federal de 1988. A partir desta data, denominaram-se povos resistentes, tendo um significado expressivo do ponto de vista político-indigenista, deixando claros seus objetivos, sobretudo no que diz respeito ao reconhecimento étnico e à demarcação de suas terras, encerrando a carta com a seguinte frase: ‘Não somos ressurgidos, nem emergentes, somos povos resistentes’.

As aproximações das reflexões da Antropologia com a História produziram resultados muito frutíferos para as pesquisas sobre a temática indígena: “o diálogo entre História e Antropologia, no Brasil, sobre os índios do Nordeste representa um reposicionamento político



da História diante da trajetória dos grupos indígenas da região” (SILVA JÚNIOR, 2011, p. 9). A pesquisadora Maria Regina Celestino de Almeida, no livro *Metamorfoses indígenas* (2003), realizou uma reflexão inovadora sobre os aldeamentos indígenas, entendendo-os como espaço de resistência e ressignificação étnica. Esse livro foi um marco nas abordagens da chamada nova história indígena no Brasil, em uma narrativa que evidencia os índios como agentes sociopolíticos na História.

O pesquisador francês Roger Chartier (1988), em sua obra *A História Cultural entre práticas e representações*, chamou a atenção para uma leitura da História que identificasse o modo como em diferentes lugares e momentos uma situação social é construída, pensada, dada a ler.

Do final do século XIX ao início do século XX, as elites e o Estado produziram uma invisibilidade dos povos indígenas em Alagoas. Pesquisas e estudos sobre esse período são fundamentais para se compreender a reconfiguração geopolítica nos anos seguintes pelos atuais povos indígenas em Alagoas.

Na documentação publicada nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), os indígenas Kariri-Xocó e Xukuru-Kariri foram constantemente mencionados. Os textos de Carlos Estevão de Oliveira em 1942 (OLIVEIRA, 1942) e Clovis Antunes, na década de 1980 (ANTUNES, 1984), marcaram um momento importante na escrita sobre os povos indígenas em Alagoas. Posteriormente, surgiram novos relatos em que foi citado o povo indígena Wassu-Cocal, habitante no município de Joaquim Gomes. Nessa mesma época, foram referenciados os Jiripancó em Pariconha, no Alto Sertão alagoano. Das décadas de 1980 a 2000, outros povos indígenas foram oficialmente reconhecidos, somando os atuais 12 povos indígenas em Alagoas<sup>11</sup>.

O conhecimento histórico é temporal, parcial e estará sempre em construção e movimento. O conhecimento deve estar sempre aberto a novas leituras e interpretações. Nesse sentido, a história indígena em Alagoas deve ser considerada como movimento, pensada a partir de suas permanências e transformações internas, com os povos indígenas interagindo com outros grupos humanos, sem perder de vista as especificidades dos indígenas.

Segundo Almeida (1999, p. 205), “a historiografia alagoana, quando se formaliza, trabalha o índio como elemento que não estava no cenário político”. Ao que tudo indica, esse movimento ocorreu em nível nacional. E o resultado desse processo foi semelhante para os setores populares de nossa sociedade, porque, como afirmou Mariano (2006, p. 42-43), “a

---

<sup>11</sup>Xukuru-Kariri, Kariri-Xocó, Karapotó, Aconã, Tingui-Botó, Jiripancó, Kalancó, Karuazu, Katokinn, Koiupanká, Wassu-Cocal e Pankararu. Fonte: SEE/AL, 2017.

historiografia didática acompanhou as discussões teóricas sobre a temática indígena que povoaram a mente de cronistas e viajantes do século XVI, de pensadores do oitocentos até a contemporaneidade”.

O não (re)conhecimento dessa situação, implica, por exemplo, na falta de legitimação, por parte da sociedade civil, quanto à condição da identidade étnica dos índios em Alagoas, reivindicada até então. Almeida (2010, p. 20-21) ressalta que “ser ou não ser índio implica ganhar ou perder direitos, e isso não acontece apenas em nossos dias”.

Estratégias de resistência também foram evidenciadas pelo pesquisador Edson Silva, observando na documentação da Diretoria dos Índios em Alagoas os pedidos de dispensa de indígenas ao declarar estarem enfermos, casando-se ou mesmo vestindo-se de mulher para evitar o recrutamento compulsório como “voluntários da pátria” para a Guerra do Paraguai. Ou então, quando barganharam a participação naquele conflito em reivindicações perante o Estado, como foi o caso dos Xukuru-Kariri (SILVA, 2007).

A partir da década de 1970, os índios representados por suas lideranças começaram a discutir sobre sua existência, fortalecendo suas reivindicações e um movimento. Isso estimulava outros povos a participarem e retomarem suas práticas socioculturais, assumindo-as publicamente, pois continuavam a praticar seus rituais até então silenciados.

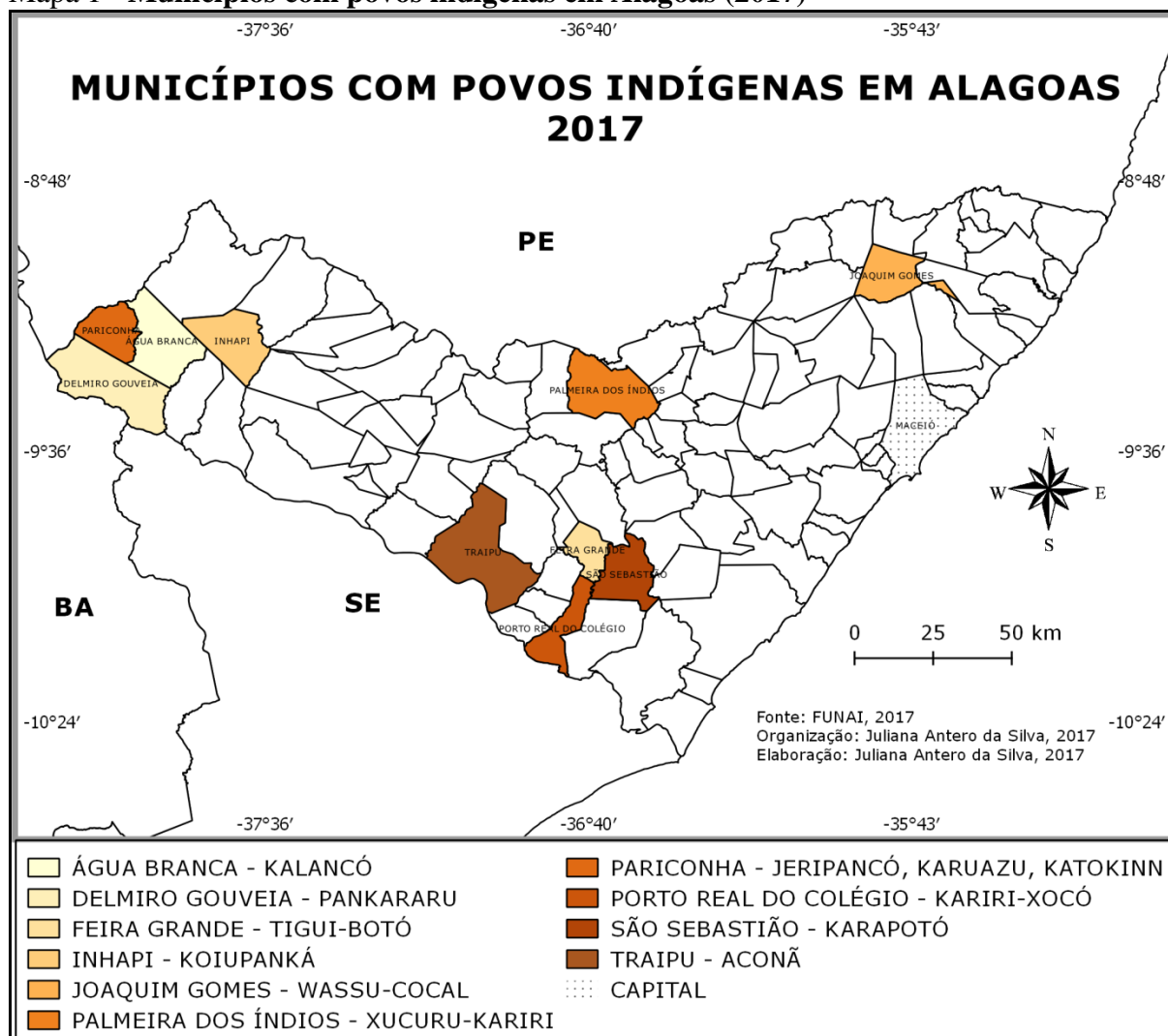
A história indígena é desafiadora, contribuindo e estimulando o pesquisador para investir cada vez mais nos estudos, com o desejo de externar as experiências dos indígenas, tendo-os como protagonistas de sua própria história, apresentando suas dificuldades e até suas resistências à todas as formas de preconceito, que partem dos mais diversos segmentos da nossa sociedade. Tal investimento, por parte do pesquisador, favorece para que em um futuro próximo, as sociedades, sejam indígenas ou não, convivam respeitando o direito de ir e vir de cada um, reconhecendo as diferenças, mas que isso não seja um fator para distanciamento ou qualquer tipo de indiferença e, sim, um motivo para estabelecer o convívio, compreendendo que é possível viver bem em um lugar em que se tenham múltiplas expressões socioculturais e conhecimentos do mundo.

A reflexão da História é sempre um olhar do presente. As relações com o passado ocorreram pelas tensões do presente, justificando a realização desta pesquisa, pois, contribuir para a reescrita da história de Alagoas, a partir dos povos indígenas, é reconfigurar o lugar dos sujeitos em seu tempo. Não seria possível reescrever a história das Alagoas Colonial e Imperial sem considerar as presenças indígenas inseridas ou fora dos projetos de Estado, e o contrário também é válido. Qualquer escrita, com este recorte temporal, não deve deslumbrar-

se com o chamado progresso produtivo ocidental como única perspectiva possível para toda humanidade.

Para entender o processo de mudanças sociopolíticas significativas e as populações indígenas em Alagoas é necessário situar que, em Alagoas, atualmente, existem doze povos indígenas habitando na região do Alto Sertão: os Jiripancó, Karuazu, Katokinn, no município de Pariconha; o povo Pankararu, em Delmiro Gouveia; os Kalancó, em Água Branca; os Koiupanká em Inhapi; na região do Agreste: os Xucuru-Kariri, no município de Palmeira dos Índios; nas proximidades do Rio São Francisco, habita o povo Kariri-Xocó, no município de Porto Real do Colégio; os Karapotó em São Sebastião; os Aconã em Traipu e os Tigui Botó no município de Feira Grande; e, na Zona da Mata, habitam os Wassu-Cocal, no município de Joaquim Gomes (Mapa 1).

**Mapa 1 - Municípios com povos indígenas em Alagoas (2017)**



**Fonte:** FUNAI (2017)

**Elaboração e organização:** Juliana Antero da Silva (2017)

Verificando o último Censo Demográfico (IBGE, 2010) e os dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) de 2017, que informa sobre população indígena em Alagoas, é possível perceber e entender que o estado tornou-se um campo fértil para os estudos e pesquisas sobre os povos indígenas, em que é possível discutir sobre a vida nordestina, tomando o índio como figura política essencial. E que cada povo tem suas especificidades, memórias e histórias distintas. Com o processo de ocupação das terras indígenas em Alagoas, mais de 30 povos foram exterminados pelas guerras e doenças introduzidas pelos colonizadores. Outros povos indígenas tiveram suas terras invadidas e reduzidas.

O Estado brasileiro, supostamente com o intuito de combater as atrocidades e diversas violências contra os povos indígenas, criou em 1911, o SPI, para promover a aculturação e a integração dos índios na sociedade nacional; porém, esse processo não foi efetivado devido à resistência histórica dos indígenas; após a extinção do SPI em 1967, foi criada a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Halbwachs (2003, p. 15) afirmou que “somos então levados ao estudo dos acontecimentos humanos mais simples, tais como eles se representam na vida real, no discurso das múltiplas dramatizações, em que se defrontam os papéis reais e imaginários, as projeções utópicas e as construções arbitrárias”. Nessa perspectiva, na história de um grupo humano não há um único movimento seguindo em linha reta, mas vários, em direções diferentes. Nesse sentido, os indígenas projetam-se para existirem na sociedade nacional, ao mesmo tempo em que resistem para afirmar a vida indígena com suas práticas e expressões socioculturais específicas.

A história dos indígenas em grande parte se traduz também pela oralidade, mantendo-se viva, principalmente, com os mais velhos. Benjamin (1994) em sua obra *Os narradores* nos faz lembrar que a oralidade, a experiência de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores, e que, atualmente, está em baixa. Existem, portanto, nos povos indígenas, conhecimentos contidos nas lembranças, que não foram assimilados pela escrita; são experiências narradas de grande valor para a reescrita da história dos indígenas e de Alagoas.

O pesquisador Grupioni (1992) constatou que este conhecimento acadêmico produzido sobre os índios não tem tido o impacto que poderia ter sobre os conhecimentos escolares. Os índios continuam sendo pouco conhecidos e muitos estereótipos sobre eles permanecem expressos. A imagem de um índio genérico, estereotipado, vivendo na mata, morando em ocas e tabas, cultuando Tupã e Jaci, continua sendo ensinada.

### 2.3 Os Kariri-Xocó em Porto Real do Colégio

O município de Porto Real do Colégio originou-se a partir do aldeamento de Urubu-Mirim, fundado em 1578, onde foi erguido um colégio de Jesuítas. Em 1859, o Imperador D. Pedro II chegou à pequena povoação que tinha o nome de Colégio. O município foi criado em 1876 com o nome de Porto Real do Colégio, por ter sido porto para o desembarque do Imperador e um colégio criado pelos Jesuítas. Silva (2004, p. 13) afirmou que “os Kariris são oriundos de um processo histórico de aldeamento missionário ocorrido entre o final do século XVII começo do XVIII, onde se efetivou uma estratégia de junção de diferentes etnias indígenas”.

O povoamento de Porto Real do Colégio remonta aos meados do século XVII, onde diferentes povos indígenas, como os Tupinambás, Karapotós, Acoranes ou Aconãs e os Kariris habitavam a região. Registrou-se que os bandeirantes e os Jesuítas adquiriram na referida região uma extensa faixa de terra a qual denominavam “Urubu-Mirim”, atualmente Propriá.

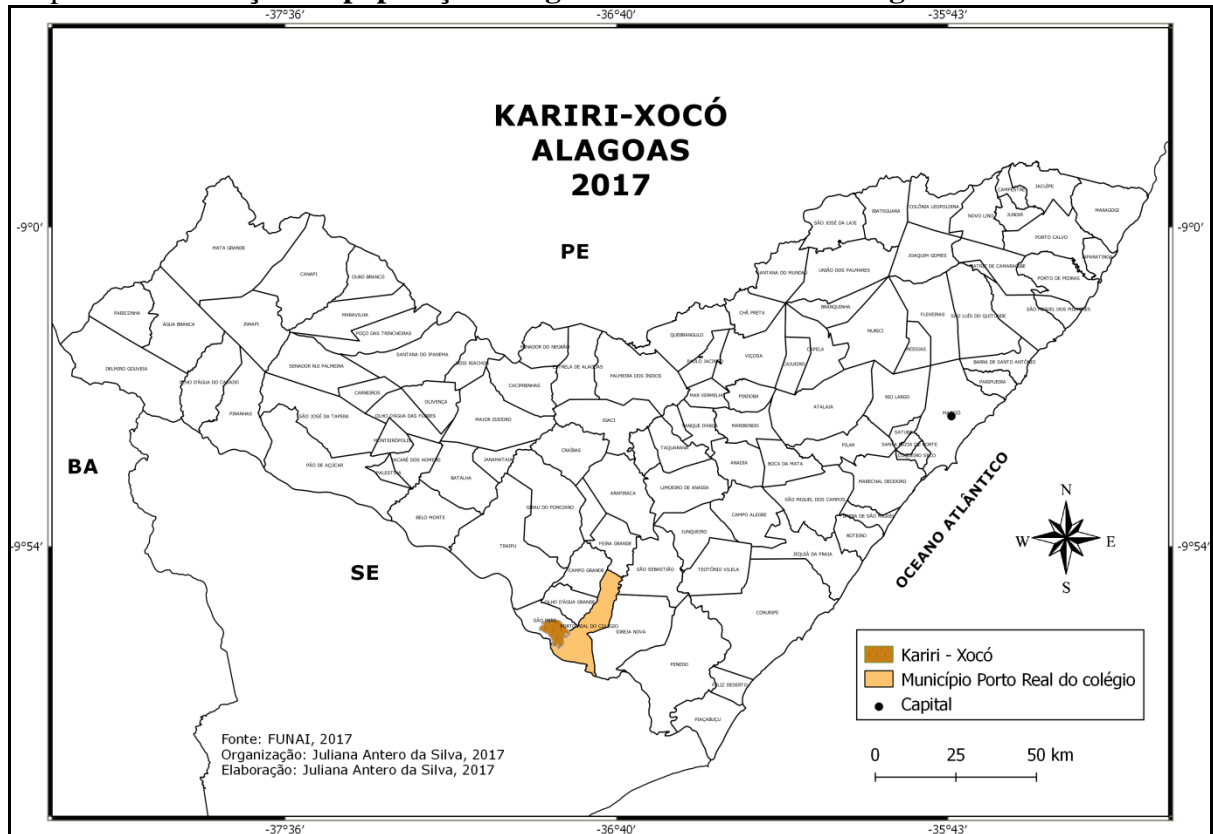
Os Jesuítas fixaram-se aos poucos nos arredores da sede, apesar das resistências dos indígenas. Os padres ergueram na povoação uma capela rústica sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Nos arredores da capela um núcleo populacional começou a ser formado. A capela, atualmente, transformou-se na matriz de Nossa Senhora da Conceição, do lado sul, na margem esquerda do Rio São Francisco. Em meados do século XVII, um convento e um colégio em frente à capela foram fundados. No colégio

[...] eram ensinadas línguas, dentre elas, o latim. E alguns alunos do colégio, os que mais se sobressaíssem, eram enviados para terminar os estudos em Recife. Tudo isso ficou no abandono, a partir do século seguinte, com a expulsão dos Jesuítas em 1759, por determinação do Marquês de Pombal. Em 1854, ocorreu a visita do Imperador Pedro II e comitiva, quando se dirigiam à Cachoeira de Paulo Afonso e fizeram uma parada. No seu diário de viagens, o monarca registrou que foi recebido pela população portorrealense e pelos índios (FERREIRA, 2016, p. 76).

O território do povo Kariri-Xocó, atualmente apresenta uma população de aproximadamente 960 famílias<sup>12</sup>, está localizado no município de Porto Real do Colégio Alagoas, limitando-se ao Norte com São Brás e ao Sul com Porto Real do Colégio, a Oeste com o Rio São Francisco e a Leste com o povoado Carnaíbas (Mapa 2).

<sup>12</sup>Dados apresentados de acordo com a entrevista do Pajé Kariri-Xocó Júlio Queiroz Suíra, em março de 2017.

**Mapa 2 - Localização da população indígena Kariri-Xocó em Alagoas**



**Fonte:** FUNAI (2017)

**Elaboração e organização:** Juliana Antero da Silva (2017)

De acordo com os estudos realizados por Mata (1989), a denominação Kariri-Xocó foi adotada a partir da mais recente fusão, ocorrida há cerca de 100 anos, entre os Kariri de Porto Real de Colégio e parte dos Xocó da ilha fluvial (Rio São Francisco) sergipana de São Pedro. Quando foram extintas as aldeias indígenas pela política fundiária do Império, os Xokó tiveram suas terras aforadas e invadidas, indo buscar refúgio junto aos Kariri na outra margem do rio.

O nome Kariri (ou Kirirí) é uma denominação recorrente no Nordeste, faz referência a um povo numeroso que teria ocupado boa parte do território dos atuais estados nordestinos, desde a Bahia até o Maranhão. As referências a Xocó (ou Ciocó) remontam ao século XVIII. A denominação Kariri-Xocó vem sendo usada para se referir ao grupo, identificar o território, bem como o Posto Indígena. O posto situado no Colégio, fundado em 1943, recebeu o nome de Posto Indígena Padre Alfredo Dâmaso, modificado depois para PI Kariri. Apesar disso, em 1960, o antropólogo norte-americano Hohenthal Jr. identificou como Xocó os indígenas habitantes em Porto Real do Colégio. No interior do grupo, essa dupla denominação também tem provocado disputas ou motivado uniões. Quando ainda aspiravam conquistar de volta a ilha de São Pedro, juntamente com os Xokó que permaneceram no município sergipano de

Porto da Folha, a ascendência Xocó em Colégio era a mais acionada. Por outro lado, quando perceberam que a conquista das terras da Fazenda Modelo ou Sementeira em Porto Real do Colégio era politicamente viável, a identidade Kariri se sobrepôs (MATA, 1989).

De 1872 a 1944, os Kariri-Xocó não tiveram a assistência oficial do Estado. Durante esse período, a educação escolar ocorreu em proporção quase que insignificante, do ponto de vista quantitativo, porque os índios frequentavam as mesmas escolas que os “brancos”. Os indígenas permaneceram vivendo numa área denominada “Rua dos Caboclos” no período entre 1876 e 1944, posteriormente passou a ser chamada de “Rua dos Índios” até 1978. A referida rua localizava-se na periferia da cidade, onde os indígenas ficavam expostos ao trabalho subserviente a uma pequena elite local, mas também realizavam atividades de artesanato com argila e na agricultura, com o plantio de arroz, cana-de-açúcar e pesca. Silva (2004, p. 15) afirma que: “[...] anteriormente, por volta da década de 1940, os Kariri-Xocó, moravam na periferia de Colégio, que ficou conhecida como ‘rua dos caboclos’, isso perdurou até novembro de 1978”.

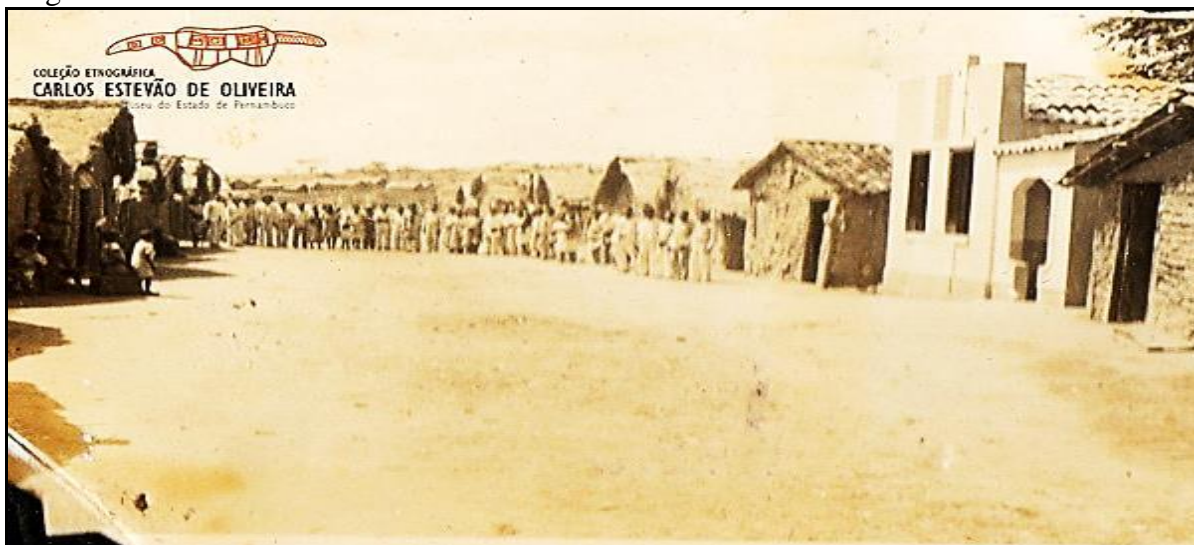
O território estava localizado na rua da cidade em Porto Real do Colégio, que ficou conhecida como “Rua dos Caboclos” ou “Rua dos Índios”, nas memórias de José Nunes de Oliveira<sup>13</sup> (Figura 3).

Em 1873, foram declaradas extintas todas as aldeias de Alagoas – Foram extintas as Terras mas não os Índios. Não tinha mais aldeia. Morávamos numa rua. Desde julho de 1876 a rua foi chamada de Rua dos Caboclos até 1944 quando passou a se chamar Rua dos Índios até 1978, ano em que saímos da rua e recuperamos parte de nossas terras. Ocupamos à força a Fazenda Modelo, hoje conhecida como Sementeira. A rua hoje leva o nome de São Vicente<sup>14</sup>.

<sup>13</sup>Índigena Kariri-Xocó, considerado Guardião das tradições Kariri-Xocó. Residente no território indígena em Porto Real do Colégio/AL.

<sup>14</sup>14 José Nunes de Oliveira. [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 09.

Figura 3 - “Rua dos Caboclos” ou “Rua dos índios”



Fonte: Coleção etnográfica de Carlos Estevão de Oliveira/Museu do Estado de Pernambuco (1908 a 1946)<sup>15</sup>

Os Kariri-Xocó mantiveram encontros com outros povos indígenas dos estados de Alagoas, Pernambuco e Sergipe, para praticar os rituais do Ouricuri. Mas também, para articular ações que provocassem o reconhecimento pelo Estado brasileiro. Essas articulações ocorreram em Porto do Colégio, em 1944, ano que marcou a primeira atuação oficial do SPI para os indígenas em Alagoas.

O meio de sobrevivência e afirmação da história do povo Kariri-Xocó organiza-se, principalmente, a partir da confecção das cerâmicas utilitárias, potes, panelas, jarras, copos, pratos etc. elaboradas tendo o barro como matéria-prima. A arte da cerâmica utilitária entre as mulheres passou a compor importante fonte de renda das famílias a partir das vendas nas comunidades vizinhas. Nas entrevistas realizadas com José Nunes de Oliveira, o indígena relatou a importância das mulheres com a arte da cerâmica em seu cotidiano.

As mulheres indígenas Kariri-Xocó, localizadas no município de Porto Real do Colégio, estado de Alagoas, têm na atividade da cerâmica a sua maior expressão cultural, marcante na história de nosso povo. Durante os períodos de crise, foi neste trabalho que as mães de famílias sustentaram sua casa, trocando as peças por alimentos; outras vezes vendiam nas cidades circunvizinhas. Estamos preocupados com nossa cultura, as mulheres que trabalham na cerâmica estão ficando velhas, as jovens não querem seguir esta arte tão importante para os Kariri-Xocó<sup>16</sup>.

<sup>15</sup>De acordo com o site a coleção Carlos Estevão de Oliveira do Museu do Estado de Pernambuco: constitui-se em um valioso acervo entre os anos de 1908 a 1946 que indicam a importância a essa coleção para visualizar as riquezas, a vida, os costumes e a cultura material dos povos indígenas do Brasil.

<sup>16</sup>José Nunes de Oliveira, 54 anos, [sic]. Entrevista realizada em 15/03/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.



Um dos aspectos importantes do universo sociocultural Kariri-Xocó é, sem dúvida, o Ouricuri<sup>17</sup>, que dá sentido a terra, à família, à identidade, à chefia, enquanto princípio organizador. O Ouricuri estrutura a vida perceptível, mediante a ordenação do sagrado, do misterioso, do intangível, daquele reduto da vida indígena que a sociedade nacional não consegue dominar. Segundo Silva (2000, p. 316), “o Ouricuri é o ponto mais alto da atividade xamanística entre os Kariri-Xocó; seu território constitui um único pedaço de vegetação nativa que restou na área do aldeamento”. As entrevistas realizadas com José Nunes de Oliveira foram fundamentais para entender o cotidiano vivido pelos Kariri-Xocó.

No século XIX, os indígenas em Porto Real do Colégio ficaram sob a Administração da Diretoria dos Índios. Naquele período, os índios na Província de Alagoas tiveram as terras onde habitavam arrendadas aos colonos pelos diretores das aldeias. Alguns dos colonos religiosos católicos romanos tinham como justificativa para o arrendamento da terra o provimento de recursos para a assistência aos indígenas.

Outro aspecto sociocultural importante do povo estudado é o “Toré”, composto a partir de diferentes expressões, como músicas, danças e outras técnicas a serem empregadas em conjunto ou separadas, a finalidade é atingir a mediação xamânica. O “Toré” é também um momento de agrupação entre os Kariri-Xocó.

De acordo com os argumentos de Silva (1995, p. 330):

Entre os índios do Nordeste, o Toré sempre foi encarado como um emblema de uma identidade diferenciada. Apesar de em alguns momentos os índios mais velhos não fazerem questão de participarem do Toré fora do contexto do Ouricuri, percebe-se que é um momento privilegiado pelo grupo na medida em que é encarado como um fator identitário em face aos que estão colocados fora das relações sociais desta comunidade.

No território do povo Kariri-Xocó existe uma única escola denominada Escola Estadual Indígena Pajé Francisco Queiroz Suíra (Figura 4). Esse nome representa uma das lideranças indígenas mais antigas. Como indicado na documentação consultada na escola.

O Pajé Francisco Queiroz Suíra foi uma das mais influentes lideranças entre os indígenas em Alagoas; superando grandes anciões da época, com apenas 16 anos de idade tornou-se Pajé dos ‘Kariris e Xokó’. Em 1928, iniciou a trajetória de guardião dos rituais de seu povo e a mobilização por uma educação diferenciada, pautada nas memórias e Histórias indígenas (PPP, 2016, p. 03).

---

<sup>17</sup>Os indígenas Kariri-Xocó atribuem o nome Ouricuri ao ritual e ao local onde o mesmo é realizado.

Pelo indicado no Projeto Político Pedagógico da Escola observa-se que foi expresso um reconhecimento da contribuição do Pajé Francisco Queiroz Suíra no que se refere às mobilizações por uma Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural.

**Figura 4 - Escola Estadual Indígena Pajé Francisco Queiroz Suíra. Território Kariri-Xocó – Porto Real do Colégio/AL**



**Fonte:** Taysa Kawanny Ferreira Santos (2017)

Possivelmente, por essa razão, o nome escolhido para a escola foi em homenagem ao Pajé Francisco Queiroz Suíra<sup>18</sup>, criador dessa primeira escola, que observou a necessidade do povo indígena viver entre os “brancos”. No Projeto Político Pedagógico, ainda é indicado que:

Em 1942 o Pajé Francisco Queiroz Suíra, viajou várias vezes à cidade de Bom Conselho-PE, para falar com o Padre Alfredo Dâmaso, conhecido pelo apoio aos índios, na tentativa de reconhecimento dos indígenas Kariri pelo SPI. Com o reconhecimento dos indígenas, Francisquinho, como era conhecido, conseguiu outra conquista: sob proteção do SPI, adquiriu uma faixa de terra, em 1947, denominada ‘Colônia’, com 54 hectare (ha), para agricultura e subsistência dos indígenas em Porto Real do Colégio. Em 1978 teve uma grande atuação na conquista da Fazenda Modelo, que estava em poder da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF) (PPP, 2016, p. 04).

<sup>18</sup>Indígena Kariri-Xocó, considerado Guardião das tradições Kariri-Xocó. Residente no território indígena em Porto Real do Colégio/AL

O “antigo” território indígena, situado às margens do Rio São Francisco, era banhado pela Lagoa Comprida, no cimo da Colônia Alto do Bode. Na década de 1980, por várias vezes, o Pajé viajou a Brasília/DF, para garantir junto a FUNAI a reconstrução do território. Concretizando o sonho do velho pajé, os indígenas saíram da Rua dos Índios, na periferia da cidade de Porto Real do Colégio, com os indígenas da Colônia, para o “novo” território Kariri-Xocó (Figura 5).

**Figura 5 - Pajé Francisco Queiroz Suíra**



**Fonte:** Acervo de propriedade de José Nunes de Oliveira (2016)

Em 1944, ainda na cidade de Porto Real do Colégio, época de atuação do SPI, tendo os seus direitos reconhecidos, e após a retomada das terras (Fazenda Modelo), atual território Kariri-Xocó, os indígenas fundaram a Escola Sertanista Gilberto de Pinto Figueredo Costa, nome atribuído pela FUNAI a um Chefe de Posto (Figura 6). Os professores dessa escola eram não indígenas (PPP, 2016).

Figura 6 - Antiga Escola na época de atuação do SPI



Fonte: Acervo de propriedade de José Nunes de Oliveira (2015)

Em 2000, foi construída a nova escola no modelo padrão (oca), servindo de extensão ao antigo prédio. O Estado seria o responsável pela a educação escolar indígena. Em 2010, o antigo prédio foi desativado pelo Estado por conta da estrutura física danificada. Geograficamente, a escola está localizada no centro da área urbanizada do território indígena, tornando-se um ponto referencial para encontros e reuniões entre a população e as lideranças indígenas (Figura 7).

**Figura 7 - Entrada do Território Indígena Kariri-Xocó Porto Real do Colégio/AL**



**Fonte:** Taysa Kawanny Ferreira Santos (2017)

Para entender o processo de educação formal dos indígenas Kariri-Xocó, é necessário compreender o que ocorreu no século XVII, quando a atuação do SPI foi fundamental para a Educação Escolar Indígena. Nas reflexões de Ferreira (2016, p. 76),

A escola do século XVII dirigida aos indígenas esteve vinculada à perspectiva da formação para o trabalho e ao mesmo tempo para os ensinamentos religiosos. Trabalho e doutrina religiosa pareciam comportar os aspectos políticos e pedagógicos necessários à formação do Estado brasileiro e dos religiosos.

Estudar os povos indígenas em Alagoas, especificamente os Kariri-Xocó, é compreender os processos de silenciamento que ocorreram na História; é entender que esse povo indígena vem se afirmando com suas memórias e História, por meio de processos de resistências. É, portanto, muito importante pensar nas questões envolvendo a existência de uma escola “diferenciada”. No passado, existiram poucas possibilidades do “respeito” às diferenças, uma vez que os modelos de escolas indígenas foram formulados fora do espaço indígena e sem a participação desses sujeitos durante o processo de construção.



### 3 MEMÓRIAS, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA KARIRI-XOCÓ: “POR UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL DO NOSSO JEITO”

*“Sabemos dos nossos direitos e por isso não queremos nada de ninguém. A nossa luta é por uma educação escolar indígena pensada por nós”*  
(José Rodrigues, professor, indígena Kariri-Xocó/AL).

Nesta secção, apresentam-se aspectos gerais sobre os conceitos de *memória*, como elemento de análise para pensar a Educação Escolar Indígena, e de *interculturalidade*, por meio do suporte didático produzido pelos indígenas Kariri-Xocó/AL. Para entender os aspectos relacionados às memórias, alguns conceitos que serviram de base para a diferenciação entre História e memória necessitaram de estudos. Segundo Maurice Halbwachs (2003, p. 57), “[...] cada um de nós tem uma história”, pois “é bem verdade que, em cada consciência individual, as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova”. Nesse sentido, pensar sobre as memórias é ultrapassar a perspectiva individual, considerando que as memórias do indivíduo nunca serão somente suas, mas, construções dos grupos sociais.

A relação entre a História e a memória tem provocado debates acadêmicos entre diversos estudiosos que fizeram da memória objeto de análise no campo da História. Na obra *Memória e História*, Jacques Le Goff (2013, p. 394) afirmou que: “[...] a memória coletiva parece ordenar-se em torno de três grandes interesses: a idade coletiva do grupo, que se funda em certos mitos de origem, o prestígio das famílias dominantes e o saber técnico que transmite a magia religiosa”. Nesse sentido, é por meio das memórias que a História se fermenta, tornando-se, assim, possível uma continuidade histórica. Dessa forma, as memórias presentes nos suportes didáticos produzidos pelos indígenas possibilitaram refletir sobre a História e o modo de ser Kariri-Xocó para uma Educação Escolar Indígena diferenciada.

Para explicar o título desta secção – “Por uma Educação Escolar Indígena do nosso jeito” – e para entender o processo de reconhecimento da Educação Escolar Indígena diferenciada foram analisadas as memórias nos suportes didáticos produzidos pelos/as indígenas Kariri-Xocó/AL. A análise parte do conceito de memória coletiva, tendo em vista que essa memória se constitui como um instrumento de resistência, principalmente no campo da Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural. “Adotar uma perspectiva intercultural proporciona vantagens epistemológicas e de equilíbrio descritivo e interpretativo em que leva a conceber as políticas da diferença não só como necessidade de resistir”

(CANCLINI, 2009, p. 02). Nesse sentido, a postura intercultural é um passo importante para pensar a Educação Escolar Indígena diferenciada com suas especificidades servindo como forma de resistência das populações indígenas.

Para além de compreender a memória coletiva, é importante também entender o que são os processos de reconhecimento da Educação Escolar Indígena diferenciada. “Significa que a escola terá que ser recriada em cada localidade, pois somente poderá levar em conta as maneiras próprias de educar se for ela incorporadora e transformada pelas pedagogias indígenas” (BONIN, 2012, p. 36). As maneiras de educar são distintas, como são também as culturas indígenas, e são essas diferenças que a instituição escolar precisa observar e incorporar.

### 3.1 As memórias dos Kariri-Xocó

Para pensar sobre as memórias presentes nos suportes didáticos produzidos pelos Kariri-Xocó/AL é necessário apresentar os conceitos de memória de alguns autores que foram primordiais para a construção desta pesquisa.

A escritora brasileira Ecléa Bosi (1994), em sua obra *Memória e sociedade*, publicada pela primeira vez em 1979, apontou a memória como um espaço de pesquisas sobre os indivíduos, em relação à escola, ao grupo de convívio, a Igreja, entre outros. Para a autora: “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p. 54).

Nesse primeiro conceito, a citada autora evidenciou que a memória de cada indivíduo dependerá do relacionamento com as pessoas que o cercam e, nessa relação, os grupos de convívio serão responsáveis pela formação do sujeito. Assim, a memória pode ser subdividida em três categorias: individual, coletiva e nacional. Nessa pesquisa, fiz o recorte em relação à memória coletiva dos sujeitos, pois entendo que as memórias são um passo importante para compreender os aspectos relacionados com a Educação Escolar Indígena dos Kariri-Xocó.

Maurice Halbwachs (2003), em seu livro *Memória coletiva*, evidenciou alguns aspectos fundamentais para a compreensão do tema:

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar

venha a ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2003, p. 39).

Convém pensar sobre a memória coletiva discutida por Halbwachs (2003) em outros patamares. Pensá-la a partir da memória múltipla, ou seja, do vivido, daquilo que ainda se pensa coletivamente ou individualmente. Isso inclui as discussões sobre os acontecimentos distantes no tempo. Para o autor: “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Para pensar sobre essas memórias é preciso observar as narrativas indígenas, levando-se em conta interpretações surgidas dos protagonismos indígenas. “A memória é um importante componente nas sociedades que possuem um contexto holístico; isso quer dizer que nossas sociedades indígenas são compostas por uma memória social que não divide a realidade em campos opostos” (MUNDURUKU, 2012, p. 47). Nesse sentido, as memórias contribuem para a busca do reconhecimento de suas próprias organizações territoriais. “No campo do direito mais amplo, os povos indígenas conquistaram o reconhecimento de suas formas próprias de organização social, dos seus valores simbólicos, das suas tradições, dos seus conhecimentos e dos seus processos de constituição de saberes” (LUCIANO, 2011, p. 98).

Portanto, pensar as memórias como um importante aspecto entre os povos indígenas é procurar compreender seus significados nas narrativas como parte do cotidiano em que estão inseridas.

Na entrevista concedida à Revista *Teoria e Debate*, Ailton Krenak (1989), evidenciou a importância dessas populações indígenas no resgate dessa memória através da identidade étnica que cada povo possui.

Na nossa tradição, um menino bebe o conhecimento do seu povo nas práticas de convivência, nos cantos, nas narrativas. Os cantos narram a criação do mundo, sua fundação e seus eventos. Então a criança está ali crescendo, aprendendo os cantos e ouvindo as narrativas. Quando ela cresce mais um pouquinho, quando já está aproximadamente com seis ou oito anos, aí então ela é separada para um processo de formação especial, orientando, em que os velhos, os guerreiros, vão iniciar esta criança na tradição. Então acontecem as cerimônias que compõem essa formação e os vários ritos, que incluem gestos e manifestações externas. (...) Os sinais internos, os sinais subjetivos são a essência mesma daquele coletivo. Então, você passa a compartilhar o conhecimento, os compromissos e o sonho do seu povo<sup>19</sup>.

<sup>19</sup>KRENAK, Ailton. Entrevista em 01/07/1989. Entrevista concedida para a Revista Teoria e Debate, 1989, s/p., matéria de autoria de Eugênio Bucci e Alípio Freire.



Foi possível observar através das contribuições de Halbwachs (2003), que sua abordagem está atrelada às memórias coletivas, enquanto o pensamento dos intelectuais indígenas Munduruku (2012) e Krenak (1989) colocam as memórias como uma questão social e coletiva do sujeito. Portanto, os povos indígenas atribuem mais importância ao social e menos ao individual.

Michael Pollak analisou no artigo *Memória, esquecimento e silêncio*, publicado em 1989, a memória como um instrumento de poder. O referido autor sugeriu a existência de memórias subterrâneas, associadas à trajetória dos grupos subalternizados (sejam negros, indígenas, mulheres, gays ou os marginalizados). Portanto, o autor pensou a memória como uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias e regiões (POLLAK, 1989, p. 09).

Para o autor, a memória coletiva, além de estar associada aos grupos subalternos, apresenta-se como uma operação coletiva com interpretações do passado fortalecendo o sentimento de pertencimento nas fronteiras sociais. O autor argumentou, ainda, que a coletividade está em vários segmentos da sociedade.

Ademais, foi possível entender que a história indígena se traduz principalmente pela oralidade, mantendo-se viva com os mais velhos por meio das narrativas, as quais são uma forma de expressar o vivenciado pelos mais idosos. Nessa perspectiva, a pesquisadora Ecléa Bosi (1994, p. 407) afirmou:

O encontro com os velhos parentes faz o passado reviver com um frescor que não encontraríamos com a vocação solitária. Mesmo porque muitas recordações que incorporamos ao nosso passado não são nossas: simplesmente nos foram relatadas por nossos parentes e depois lembradas por nós.

Para a autora, esse encontro com os mais velhos faz reviver o passado com as recordações. Para muitos dos povos, os idosos são “as bibliotecas” onde estão guardadas as memórias ancestrais, daí sua importância para a vida.

Nas entrevistas realizadas com as lideranças indígenas Kariri-Xocó/AL, as memórias dos mais velhos também tiveram parte da nossa pesquisa. Nas conversas informais, o Pajé

Júlio Queiroz Suíra explicitava a necessidade de registrar essas memórias na Educação Escolar Indígena.

A escola era difícil. Estou com 80 anos e só estudei até 12 anos de idade. Meu pai reconheceu aqui, no tempo do SPI, com Padre Alfredo Dâmaso colocando uma escolinha para nós dentro da aldeia. Hoje é muito importante que a nossa escola seja diferenciada, pois cada povo tem sua diferença, e que a nossa história seja contada. Sempre estou na escola para conversar com os alunos sobre as histórias do nosso povo<sup>20</sup>.

A partir das “memórias dos velhos” é que a escola foi vista como o espaço em que se buscava garantir o empoderamento das narrativas, assim como sua legitimidade enquanto povo indígena, com o direito a terra, à sua história e a seus valores. As memórias são mediadoras informais entre as gerações; fazendo emergir pontos de vistas contraditórios, relacionados com os grupos sociais e as formas diferenciadas como experimentam as situações vivenciadas (BOSI, 1994, p. 19). As narrativas expressam os diversos pontos de vista entre os grupos étnicos, destacando-se, o povo Kariri-Xocó.

Nesse sentido, os rituais do Ouricuri e do Toré são expressões de resistência presentes no cotidiano do território e marcando um diferencial cultural, principalmente quando estudados nas relações com a Educação Escolar Indígena. Nas entrevistas com os professores e professoras indígenas Kariri-Xocó, foi possível entender a importância do Ouricuri em suas memórias.

Quando estamos em ritual, a escola também vai. Este é um momento importante porque dentro do nosso Ouricuri os alunos aprendem, sabem da importância do nosso segredo e guardam isso dentro de sua memória para que jamais seja esquecido<sup>21</sup>.

Considero as memórias ou as experiências como os principais aspectos da expressão de resistência dos indígenas. Assim, refletir sobre a experiência, o trabalho, a educação e os movimentos sociais, significa pensar sobre a própria vida humana, como dimensões históricas indissociáveis.

As ações dos sujeitos indígenas foram observadas a partir das suas experiências sociais e culturais específicas, com objetivos próprios. Uma análise nesse sentido tornou-se viável com a recusa da noção de cultura estática, que engessa as ações dos sujeitos históricos. O

<sup>20</sup>Júlio Queiroz Suíra, 82 anos, [sic]. Entrevista realizada em 02/03/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

<sup>21</sup>José Rodrigues Tenório, 37 anos, [sic]. Entrevista realizada em 15/03/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

importante foi compreender o indígena como sujeito histórico “agindo conforme sua leitura do mundo, baseado em seus códigos socioculturais” (MONTEIRO, 1999, p. 248). Para isso, foi necessário aproximar as reflexões da História e da Antropologia; ofício cerne para interpretar a alteridade no lugar estudado. No livro *Apologia da História ou o ofício do historiador*, Marc Bloch (2001) refletiu acerca da memória coletiva. Embora trate especificamente da sociedade feudal, o referido livro é bastante útil para pensar outras sociedades, em outros momentos históricos, como a situação que pesquiso. O citado historiador afirmou que:

Os períodos mais ligados à tradição foram também os que tomaram mais liberdade com sua herança precisa. Como se, por uma singular revanche de uma irresistível necessidade de criação, à força de venerar o passado, naturalmente se fosse levado a inventá-lo (BLOCH, 2001, p. 100).

Nessa perspectiva, pensar nos períodos relacionados à “tradição” acerca da memória coletiva é interpretar as alteridades dos lugares, considerando as especificidades dos sujeitos que vivenciam os significados das narrativas. “Em sociedades orais, a memória é evocada e recriada permanentemente, mas é no presente que as lembranças e os esquecimentos adquirem significados e é no presente que os saberes ancestrais são recriados” (BERGAMASCHI, 2010, p. 65). Nesse sentido, José Nunes de Oliveira é considerado o Guardiã das tradições Kariri-Xocó. Em suas memórias foram relatadas as lembranças da escola no período da sua infância:

A escola da aldeia antigamente fazia parede com a nossa casa, que dava até para ouvir as aulas da professora Terezinha Wanderley, uma branca da cidade de Colégio. Por ansiedade de estudar, pedi ao meu pai o que queria. Ele, pela minha insistência, foi na mercearia de seu Antônio Donato e comprou um ABC de cor vermelha e deu pra mim<sup>22</sup>.

As análises das memórias presentes nas narrativas de José Nunes de Oliveira, referente à escola no território indígena, evidenciaram a ansiedade em estudar e a importância da Educação Escolar Indígena para o povo Kariri-Xocó. As memórias são importantes para perceber os significados atribuídos por José Nunes de Oliveira à Educação Escolar Indígena.

Nas entrevistas realizadas o Pajé Júlio Queiroz Suíra, do povo Kariri-Xocó, expressou a importância de José Nunes de Oliveira como parte da história do seu povo:

---

<sup>22</sup>José Nunes de Oliveira, 54 anos, [sic]. Entrevista realizada em 15/03/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

Ele lê muito e guarda parte do que é escrito sobre o seu e outros povos, além de participar de reuniões do movimento indígena por meio das palavras de quem transmite esses saberes, em geral pessoas mais velhas da comunidade, também reconhecidas como guardiões da memória<sup>23</sup>.

O Pajé representa, enfim, um narrador atendendo aos limites dos humanos, porque está a serviço do seu povo e dos Encantados. José Nunes de Oliveira seria um narrador transitando entre os mestres e os sábios. “Ele sabe dar conselho: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como sábio, pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia” (BENJAMIM, 1994, p. 221). Nesse sentido, as memórias narradas por José Nunes de Oliveira, evidenciam sua importância para o povo Kariri-Xocó e sua preocupação com a Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural.

É na Educação Escolar Indígena que existe a diferença, ou seja, a educação indígena é uma e a educação que não é indígena é outra. Pra mim, educação que não é indígena ela descontrói o índio. Então, eu pergunto ao índio: na escola, você aprende a fazer o fogo indígena? Ele não aprende! Na sua escola, o que você aprende? Quais são as histórias dos mais velhos que você escuta? Então, se a escola não diz isso, ela não é Educação Escolar Indígena<sup>24</sup>.

Nas narrativas orais, os povos indígenas expressam seus conhecimentos, histórias, valores e experiências mais profundas. Ao tratar do conhecimento do mundo ou do tempo longínquo, os Kariri-Xocó ensinam e orientam as futuras gerações sobre os valores que devem cultivar. São práticas que não devem ser abandonadas, uma vez que são as memórias que explicam o espaço da territorialidade ou que dá sentido à existência. Em síntese, são narrativas dos mais velhos que dão sentido à vida do povo Kariri-Xocó.

Além das narrativas orais, existem outras formas de expressões das memórias. Nesse sentido, a cultura material Kariri-Xocó evidencia os tempos vividos: as louceiras, por exemplo, expressam desde tempos imemoráveis, a presença na vida cotidiana desse povo (Figura 8).

---

<sup>23</sup>Pajé Júlio Queiroz Suíra, 82 anos, [sic]. Entrevista realizada em 02/02/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

<sup>24</sup>José Nunes de Oliveira, 54 anos, [sic]. Entrevista realizada em 02/02/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

Figura 8 - As louceiras Kariri-Xocó/AL



Fonte: Coleção etnográfica de Carlos Estevão de Oliveira/Museu do Estado de Pernambuco (1908 a 1946)

É importante frisar que essa técnica é realizada apenas por mulheres. Muitos proprietários de estabelecimentos comerciais, inclusive, fazem encomendas em grande escala às louceiras. A escola também é um espaço para que os alunos e alunas percebam a importância dessa técnica, que é considerada milenar pelos Kariri-Xocó. Nas entrevistas realizadas com o Sr. José Nunes de Oliveira, foi possível entender um pouco dessa técnica, considerada pelos mais velhos fundamental para a Educação Escolar Indígena.

As louceiras são muito importantes. As técnicas de arte dos Kariri-Xocó precisam estar inseridas no contexto da escola...é outra coisa bem interessante da memória. Faz parte da memória. Não é somente o que escutamos ou o que sentimos. Memória é tudo isso e a cultura também faz parte de tudo isso<sup>25</sup>.

As técnicas de arte dos Kariri-Xocó são consideradas como parte das memórias e têm um papel importante no processo de reconhecimento étnico do ser e viver do povo Kariri-Xocó.

Com a expropriação, a discriminação e a extinção dos aldeamentos a partir de 1873, José Nunes de Oliveira afirmou que muitas famílias de índios em Porto Real do Colégio

<sup>25</sup> José Nunes de Oliveira, 54 anos, [sic]. Entrevista realizada em 02/02/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

passaram a não ter plantios de roças. Existiram períodos onde foram vivenciados momentos de tensões, em que os Kariri-Xocó foram impossibilitados de se afirmarem como índios, por medo de represálias por parte da elite Alagoana. Divulgaram-se estereótipos, impediram-se os rituais, dificultando e muito o convívio dos indígenas com a sociedade envolvente. Mas, apesar de todos esses empecilhos, os Kariri-Xocó criaram estratégias de afirmação étnica, sendo uma delas a prática do Toré<sup>26</sup>.

Sobre os significados do Toré, Grünewald escreveu que:

A partir da luta pela terra, são criadas outras fronteiras simbólicas que exercem a função de distinguir os índios dos não-índios. O ritual, no formato do Toré, também exerce o papel que a luta pela terra desempenha. Ou seja, o Toré concede distintividade e serve como sinal diacrítico, religando o caboclo à sua origem indígena (GRÜNEWALD, 2005, p. 132).

O Toré foi algo marcante e presente nessa pesquisa, pois observei que na Escola o Toré é vivenciado por estudantes Kariri-Xocó como parte das memórias ancestrais (Figura 9).

**Figura 9 - Apresentação do Toré na Escola Estadual Pajé Francisco Queiroz Suíra**



**Fonte:** Taysa Kawanny Ferreira Santos (2017)

O Toré é um aspecto identitário, que caracteriza o povo indígena. No Nordeste, o Toré faz parte das mobilizações na medida em que é praticado em suas manifestações, sendo por

<sup>26</sup>Considerados como cantos sagrados pelos indígenas Kariri-Xocó/AL expressam as relações com a Natureza e com o Ambiente.



vezes de difícil tradução. “Se é difícil traduzir o Toré, é porque talvez ele não seja a substância, mas o meio pelo qual a essência indígena se organiza, o Toré é não léxico, mas (quem sabe) uma gramática flutuante em matas encantadas” (GRÜNEWALD, 2005, p. 29). Entre os Kariri-Xocó/AL, o Toré é frequente e assume a hegemonia total do campo religioso, de um modo análogo ao que o ritual operou para construir uma hegemonia do campo político.

Para José Nunes de Oliveira,

O conhecimento é a semente da experiência de vida que brota em nossa memória. Pela tradição oral, transmitimos os conhecimentos para a cultura continuar, as novas gerações absorvem como as plantas; mesmo depois que morremos, a semente foi plantada, vai germinar nas pessoas, em formas de ações para o desenvolvimento do povo. Por isso, os conhecimentos são frutos humanos<sup>27</sup>.

Portanto, nas percepções do entrevistado, o conhecimento é uma semente que brota na memória. Por meio das memórias socializadas oralmente pelos mais idosos, os conhecimentos “tradicionais” são acessados; nessas narrativas, os velhos evidenciam questões básicas sobre a história e as mudanças dos tipos de coisas ou seres existentes no mundo. “Ser e viver Kariri-Xocó” concentram o passado, o presente e o futuro em um presente contínuo. Nesse sentido, parece fundamental entender a Educação Escolar Indígena e a interculturalidade a partir da organização indígena e seus desafios em Alagoas.

### **3.2 A Educação Escolar Indígena e a interculturalidade**

As discussões sobre a Educação Escolar Indígena iniciaram na década de 1970 com os processos de mobilizações e reconhecimento étnico. “[...] os índios iniciaram seus primeiros movimentos no sentido de uma organização própria, colocando o desafio de pensar a escola” (GRÜNEWALD, 2009, p. 08). O processo de elaboração da Constituição Federal em 1988 foi incentivada uma educação intercultural, fortalecendo o reconhecimento dos povos indígenas pela sociedade. A elaboração de programas, currículos e materiais específicos e a reflexão sobre assuntos socioeconômicos e culturais dos povos passaram a ser prioritários nos debates sobre escola indígena.

Entender os processos da educação intercultural é entender as estratégias e ações para promover o reconhecimento das diferenças dos grupos marginalizados e as suas inter-

---

<sup>27</sup>José Nunes de Oliveira, 54 anos, [sic]. Entrevista realizada em 15/03/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

relações. Segundo Walsh (2009, p. 14), “nos anos 90, a diversidade cultural na América Latina se transformou num tema em moda. Está presente nas políticas públicas e reformas educativas e constitucionais e constitui um eixo importante”. A autora ressaltou, também, que a educação intercultural é um processo multidimensional, impulsionando a igualdade de oportunidades educacionais.

Os processos de Educação Escolar Indígena entrelaçam-se numa interculturalidade e direcionam a reflexão para uma pedagogia de encontros. Pedagogia esta, com resistência ao binarismo, visto que a diversidade é à base da interculturalidade. A Educação Escolar Indígena no Brasil ganhou impulso com a ressignificação dos conteúdos curriculares, sobretudo, a partir da necessidade de respeitar a diversidade cultural existente no país, segundo o Referencial Curricular Nacional de Educação Indígena (RCNEI), publicado em 1998. As discussões sobre a interculturalidade foram inseridas no cenário brasileiro como importantes para promover o diálogo entre os indígenas e a sociedade, de maneira que se percebam as diferenças não como sinônimos, mas como pensamento plural.

Pensar na interculturalidade na Educação Escolar Indígena possibilita compreender os povos indígenas em seus processos, em suas especificidades, o que implica em mudanças profundas. Para Fleuri (2001, p. 48), “a complexidade das relações sociais e interculturais no mundo contemporâneo requer novas formas de se elaborar o conhecimento no campo da pesquisa em educação”. Algumas questões podem ser pensadas: será que o discurso intercultural tem provocado mudanças estruturais nas questões relacionadas aos processos educativos? As reflexões, na perspectiva intercultural, tem buscado entender os suportes didáticos produzidos para a Educação Escolar Indígena?

Para discutir sobre essas questões, Fleuri (2001) contribuiu com a análise ao afirmar:

Verifica-se que o encontro/confronto entre culturas diferentes configura as próprias raízes da formação social brasileira e que os processos de interação historicamente aconteceram com profundidade. Por isso, o enfoque intercultural sobre esta realidade precisa ser colocado em um quadro de referência mais geral. A orientação das formas de relação entre grupos étnicos diferentes e as propostas de enfrentamento dos conflitos nelas emergentes vai muito além da atenção ao acolhimento dos estrangeiros, tal como a educação intercultural havia inicialmente priorizado na Europa (FLEURI, 2001, p. 50).

Não significa dizer, portanto, que compreender a diversidade cultural e enfatizar a diversidade étnica garante uma política transformadora no campo da Educação. Apesar da garantia do espaço escolar conquistado, a maioria dos povos indígenas enfrenta dificuldades,



dentre as quais, os suportes didáticos para uma Educação Escolar Indígena diferenciada, pensada a partir dos povos indígenas, a exemplo dos Kariri-Xocó.

A *Declaração sobre raça e sobre preconceitos raciais*, um importante documento da UNESCO publicado em 1978, foi um dos primeiros textos a propor os conceitos para uma educação intercultural:

[...] todos os povos e todos os grupos humanos, qualquer que seja a sua composição e origem étnica, contribuem de acordo com o seu próprio gênio para o progresso das civilizações e culturas que, na sua pluralidade e em resultado da sua inter-penetração, constituem o patrimônio comum da Humanidade (UNESCO, 1978, p. 01).

Pensar sobre a interculturalidade como uma política pública é uma necessidade para as populações indígenas. Nesse contexto, está o currículo na escola, sendo responsável pelas práticas pedagógicas e os interesses dos indígenas.

A parte diversificada ou específica do currículo na escola indígena é o fio condutor das práticas pedagógicas, pois propicia os interesses e projetos da comunidade. Desse modo, a interculturalidade deve promover o intercâmbio entre o currículo geral e o específico, não sobrepondo um ao outro, mas estabelecendo e promovendo a troca de conhecimentos não indígenas e indígenas (PEREIRA, 2014, p. 128).

Por meio das observações realizadas na pesquisa de campo em relação aos processos de afirmação dos povos indígenas e as mobilizações pelo direito a uma educação diferenciada, entendo que a escola indígena está organizada a partir de questões “postas” pelo Estado, obedecendo a matriz curricular. Além dos aspectos que o Estado impõe, a matriz curricular baseia-se nos aspectos socioculturais que regem toda a organização escolar presente no território indígena, em que devem ser respeitadas as condições de igualdade de acesso ao serviço. Contudo, a educação diferenciada deve ser intercultural tendo como foco o protagonismo indígena, assentada nos princípios da autonomia.

Ao tratar da Educação, é importante lembrar, que é um processo amplo, contínuo, que acontecendo ao longo da vida de cada pessoa, não se restringe apenas à experiência na escola. Para Bonin (2012, p. 33), “a escola é uma instituição que adquiriu grande relevância na modernidade, em sociedades ocidentais, e nelas se consagrou como espaço de socialização de pessoas”. Em diversos momentos de reflexões coletivas, os povos indígenas têm afirmado que assumir a educação escolar é um grande desafio. A razão principal disso é o desconhecimento de procedimentos didáticos ou de conteúdos curriculares.

Como indicou Fleuri (2001), na perspectiva intercultural, a educação deixa de ser compreendida como transmissão e passa a ser vista como construção de processos entre os agentes envolvidos.

A educação deixa de ser entendida apenas como transmissão de informações de um indivíduo para outro. A educação passa a ser concebida como construção de processos em que diferentes sujeitos desenvolvem relações de reciprocidade (cooperativa e conflitual) entre si (FLEURI, 2001, p. 60).

Outro desafio para os povos indígenas, cujas expressões socioculturais têm por base a oralidade, é o domínio da escrita como código a partir do qual a escola institui “verdades” e conhecimentos. Os Kariri-Xocó qualificam a escola como: “*formadora de guerreiros(as)*”, com os significados e os símbolos na sociedade envolvida para atuar juntos nos processos de mobilizações do povo indígena em estudo, como também, “*específica e diferenciada*”, ou seja, uma escola onde são vivenciadas práticas socioculturais em que os textos orais e as histórias contadas pelos mais velhos são importantes.

De acordo com Ferreira (2009), alguns argumentos referentes à Educação Escolar Indígena podem ser apontados:

Para os índios a escola poderá não ser assimilacionista, se atender alguns princípios: primeiro, é importante que o corpo docente seja indígena, porque saberia ensinar a cultura; segundo, o currículo deveria contemplar, em certa medida, a história e a vida das populações indígenas, sem perder de vista o conhecimento com as escolas convencionais; outro ponto seria que os funcionários da escola devem ser todos/as indígenas, com formação adequada para construir conhecimentos que consideram as experiências de cada povo como significativas para suas existências (FERREIRA, 2009, p. 172).

Ao analisar a Educação Escolar Indígena em Alagoas, no contexto histórico em que está inserida, observa-se a capacidade das elites dirigentes no Estado, que ao ocuparem o poder e passarem sem maiores sobressaltos de um regime político para outro, mantem-se, com ligeiras adaptações, nos postos de comando regional. Nesse sentido, não ocorreram mudanças no regime político da época.

A principal estratégia dos indígenas em confluência com a Educação Escolar Indígena está associada à vida sagrada e à vida religiosa; nas relações com o Ouricuri e o Toré, como experiências fundamentais para a existência do indígena. “Há uma relação intrínseca entre a produção e a vida cósmica, e o ponto central da pedagogia da terra está nela o mesmo por

incorporar a vida humana desse povo, incluindo o elemento religioso” (FERREIRA, 2013, p. 171).

Para pensar o contexto social sobre a Educação Escolar Indígena, é importante perceber em que momento a educação passou a ser reivindicada pelas populações nomeadas indígenas em Alagoas. A atuação do SPI em 1944 correspondia aos anseios reivindicados pelos indígenas em um contexto de busca pelo reconhecimento étnico por parte do Estado brasileiro. Ferreira (2016) evidenciou a importância do SPI para os Kariri-Xocó:

A escola criada pelo SPI, no ano de 1944, em Porto Real do Colégio, correspondia aos anseios reivindicados pela sociedade, considerando as relações com a economia, com a política e com a moral em que se discursaram e praticaram pedagogias para formar competências necessárias à implantação e à implementação de ações dos envolvidos nos processos (FERREIRA, 2016, p. 57).

A resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 05/2012 definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena, apontando que, os/as professores/as e funcionários/as atuando na escola indígena devem ser indígenas, com formação adequada para construir conhecimentos considerando as experiências de cada povo como significativas para suas existências.

A partir de uma pauta de reivindicações do movimento indígena em Alagoas, ocorreram conquistas: “Após grandes debates, em 2003, a educação mantida pela FUNAI foi estadualizada; atualmente há 17 escolas distribuídas em nove povos indígenas em Alagoas, passaram a integrar funcionários, professores e passaram a ser indígenas” (FERREIRA, 2013, p. 172). Nesse sentido, para refletir sobre a organização da Educação Escolar Indígena em Alagoas foi necessário recorrer aos dados coletados na Secretaria Estadual de Educação de Alagoas (SEE/AL) sobre como as escolas indígenas estavam organizadas (Quadro 4).

Quadro 4 - Escolas Indígenas em Alagoas

Coordenadoria regional CRE	Município	Localização	Escola	Nº alunos/as	Nº docentes
11ª CRE Piranhas	Pariconha	Área indígena Jiripankó	1 Escola Estadual Indígena José Carapina	402	17
		Área indígena Jiripankó	2 Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva	55	4
	Inhapi	Área indígena Koiupanká	3 Escola Estadual Indígena Ancelmo Bispo de Souza	211	13
3ª CRE Palmeira dos Índios	Palmeira dos Índios	Área indígena da Fazenda Canto, Xucuru-Kariri	4 Escola Estadual Indígena Pajé Miguel Selestino da Silva	177	14
		Área indígena da Mata da Cafurna, Xucuru-Kariri	5 Escola Estadual Indígena Mata da Cafurna	59	04
		Área indígena Serra do Amaro, Xucuru-Kariri	6 Escola Estadual Indígena Balbino Ferreira	50	04
		Área indígena Serra do Capela, Xucuru-Kariri	7 Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino	63	03
		Área indígena Sítio Boqueirão, Xucuru-Kariri	8 Escola Estadual Indígena José Gomes Celestino	24	02
		Área indígena Sítio Coité, Xucuru-Kariri,	9 Escola Estadual Indígena Yati Leanawan	16	02
5ª CRE Arapiraca	Feira Grande	Área indígena Tigui Botó	10 Escola Estadual Indígena Tigui Botó	24	03
	Traipu	Área indígena Aconã	11 Escola Estadual Indígena Aconã	08	01
	São Sebastião	Área indígena Karapotó	12 Escola Estadual Indígena Itapó	87	06
9ª CRE Penedo	Porto Real do Colégio	Área indígena Kariri-Xocó	13 Escola Estadual Indígena Pajé Francisco Queiroz Suíra	213	12
12ª CRE Rio Largo	Joaquim Gomes	Área indígena Wassu Cocal, no município de	14 Escola Estadual Indígena José Máximo de Oliveira	280	13
		Pedrinhas Área indígena Wassu Cocal	15 Escola Estadual Indígena Manoel Honório da Silva	86	04
		Gereba Área indígena Wassu Cocal	16 Escola Estadual Indígena Professora Marlene Marques dos Santos	197	11
		Área indígena Wassu Cocal	17 Escola Estadual Indígena José Manuel de Souza	28	02

Fonte: Ferreira (2013) com base na SEE/AL (2012) **Elaboração:** Taysa Kawanny Ferreira Santos (2017)

No quadro anterior é possível perceber a localização das escolas e o nome dos municípios em que está inserida a educação escolar indígena diferenciada. Além disso, na pesquisa de campo foram encontradas algumas dificuldades vivenciadas na Educação Escolar Indígena: o concurso para professor/a indígena no estado de Alagoas; as condições precárias nas escolas; a falta de matérias específicas para atender a Educação Escolar Indígena; e a formação continuada para os/as professores/as indígenas. Na trajetória de afirmação dos povos indígenas, o conhecimento aos direitos sociais que a escola pode propiciar favorece a construção de uma autonomia, sendo um espaço de formação para os povos indígenas. De acordo com Ferreira (2009):

A reivindicação está pautada nos argumentos do respeito e valores culturais. Em quase todos os relatos falam que os/as alunos/as não se sentiam muito bem quando estudavam na cidade, principalmente as crianças. O preconceito da cidade em relação ao campo já é acentuado e principalmente por serem índios além de nunca tratarem dos povos indígenas e quando acontecia, seria de forma deturpada (FERREIRA, 2009, p. 115).

Percebo a escola como lugar para a aprendizagem e discussão dos direitos, representando o desejo de realizar uma educação crítica. A partir da escuta, tive interesse em ouvir todos os professores e professoras indígenas sobre o que pensavam em relação à Educação Escolar Indígena, assim como os processos ocorridos para que esta educação fosse efetivada na prática. Uma das professoras relatou que:

Quando a gente se encontra para debater sobre Educação Escolar Indígena, a gente se defronta com os mesmos problemas, com pequenas diferenças, que é a não valorização direta com a escola diferenciada, porque trabalhamos numa escola e a gente é que tem que criar método do trabalho indígena, porque a gente vive com livros que não é voltado a nossa realidade e segue a matriz curricular que não é a nossa realidade. O que a gente ainda muda é o calendário. Mas por força própria das comunidades indígenas<sup>28</sup>

Diante desse relato, pensar na Educação Escolar Indígena significou refletir sobre um conjunto de múltiplas facetas para que os interesses dos povos indígenas possam ser atendidos. Alguns questionamentos surgiram: a organização dos currículos escolares para a Educação Escolar Indígena está estruturada de acordo com os conhecimentos sagrados e ordenados de um modo significativo para a cultura não indígena? Quais os conhecimentos são

---

<sup>28</sup>Rosângela da Silva, 41 anos, [sic]. Entrevista realizada em 08/03/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

discutidos na escola? O que é considerado relevante? Quais conhecimentos são mais valorizados?

Analisar os sentidos nas mobilizações por uma Educação Escolar Indígena diferenciada por meio dos relatos dos/as professores/as indígenas Kariri-Xocó significou perceber a sensibilidade do olhar indígena. “[...] a escola diferenciada se apresenta como uma estratégia que visa assegurar a existência material e simbólica no plano material, por meio da qual faz a discussão pela terra, saúde e educação” (NASCIMENTO, 2009, p. 89). A escola foi apresentada como um espaço privilegiado para a discussão das principais questões que compõem a vida desses grupos sociais, possibilitando promover aos/as educandos/as uma postura crítica.

Nesse sentido, o processo de construção para uma Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural perpassa todas essas questões. “É nesse contexto que vão se ampliando as demandas indígenas por educação e pelo reconhecimento da necessidade do diálogo da escola com os conhecimentos tradicionais. Por meio de suas organizações, os povos indígenas têm reivindicado” (LUCIANO, 2011, p. 43).

No pensamento de Munduruku (2012) sobre a afirmação da identidade nos diversos espaços é possível entender com o autor que:

Esse sentido de pertencimento a uma realidade maior, que é compartilhada com outros povos, já está dentro do *modus vivendi* de cada sujeito em particular e da coletividade em geral. Não é preciso assumir uma identidade, mas torná-la visível dentro do contexto social brasileiro (MUNDURUKU, 2012, p. 48, grifo do autor).

Ocorre, como se observa, uma trajetória de afirmação desse espaço em que a escola indígena tem desempenhado sua função sociopolítica, socializando os conhecimentos indígenas, traduzidos nos princípios que orientam as suas vidas no território indígena e nas relações com os não indígenas. “Nesse processo, a escola diferenciada é tomada como o espaço e o tempo privilegiado em tais reelaborações culturais, uma vez que promove o encontro entre os saberes da tradição e os conhecimentos históricos” (NASCIMENTO, 2009, p. 44).

Uma das professoras me chamou bastante atenção quando observou que a Educação Escolar Indígena é pautada na construção de uma educação que atende aos anseios dos indígenas por meio das memórias:

A Educação Escolar Indígena não se constitui apenas de um só conjunto de professores/as índios. Mas buscar a memória dos mais velhos também é importante. Um calendário próprio, o uso de materiais didáticos construídos a partir do nosso olhar enquanto indígenas são fundamentos que estão assegurados pela Constituição brasileira, mas não é suficiente, está adormecido<sup>29</sup>.

No que diz respeito aos sentidos da ação da professora na escola, destaco a preocupação quanto a assegurar que essas memórias estejam presentes no cotidiano dos educandos/as; essa ação está impregnada da função social que o povo indígena atribui à escola diferenciada.

A Educação Escolar Indígena diferenciada tem sido pautada em suas particularidades, promovendo o universo sociocultural indígena e procurando explicitar a multiplicidade étnica.

Para pensar no termo cultura e identidade no espaço da Educação Escolar Indígena dos Kariri-Xocó foi necessário saber o conceito apresentado pelos professores/as indígenas.

Muitos brancos não sabem diferenciar o que é uma Educação Escolar Indígena para uma educação cultural; existe muita diferença. Pra mim, enquanto professora, enquanto mãe, educadora e indígena Kariri-Xocó, ela vai muito além. Nossas crianças já têm uma bagagem que elas trazem de casa e através disso transformamos as ações culturais do nosso povo para a educação, porque a educação que é ofertada a nós está enquadrada nos moldes europeus<sup>30</sup>.

Dessa forma, o processo de reconhecimento de uma Educação Escolar Indígena diferenciada assume um papel importante, ao defender os interesses indígenas por meio de uma mediação intercultural presente nos projetos das escolas diferenciadas, pautados em “resistências políticas e lutas que trazem outras epistemologias, outras pedagogias de libertação, de superação desses padrões abissais” (ARROYO, 2012, p. 18). A análise do contexto da Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural exige perceber as condições de ser docente, além dos conhecimentos necessários para o processo de resistência.

O cenário da Educação Escolar Indígena expressa à construção de uma identidade diferenciada; constituindo-se como veículo de socialização cultural, local de tomada de consciência de aprendizado das mobilizações pelas conquistas dos direitos sociais históricos, ou, de modo geral, para o fortalecimento do movimento indígena. Nesse sentido, os/as professores/as indígenas transitam entre os mundos do povo e da sociedade nacional para que

---

<sup>29</sup>Floracir Santos, 47 anos, [sic]. Entrevista realizada em 02/03/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

<sup>30</sup>Claudete Queiroz, 38 anos, [sic]. Entrevista realizada em 02/03/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

as memórias estejam presentes no cotidiano escolar. A necessidade de demarcar a *Escola indígena diferenciada* faz parte das relações e intenções das diferenças sociopolíticas.

Nessa perspectiva, descrever os suportes didáticos é um passo importante para que as memórias do povo Kariri-Xocó/AL sejam identificadas e analisadas para entender os significados das narrativas vinculadas para a Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural.

### 3.3 Descrevendo os suportes didáticos

Para as reflexões sobre os suportes didáticos, com os quais realizei esta pesquisa, inicialmente, defini o que seriam os suportes didáticos; depois observei a quantidade de suportes didáticos produzidos pelos Kariri-Xocó/AL; e por fim, escolhi e descrevi qual o suporte didático analisado em nosso estudo.

Em conversa com a orientadora desta pesquisa, decidimos que os suportes didáticos seriam os livros produzidos pelos Kariri-Xocó e a análise de quais memórias estão presentes neles faz-se necessária. Nas visitas a escola no território indígena, constatei que 13 suportes didáticos eram utilizados na Educação Escolar Indígena dos Kariri-Xocó.

Dos 13 materiais, 11 deles foram publicados pela ONG Thydêwa<sup>31</sup>, que tem sua sede social e jurídica em Ilhéus/BA. De acordo com a ONG<sup>32</sup>, o significado da palavra Thydêwa é cumprir o compromisso de zelar pela Mãe Terra, promovendo a consciência planetária. “No ano de 2000, éramos um grupo de amigos indígenas e não indígenas sonhando juntos. Em 2001, intensificamos nossas ações e, em 2002, instituímos a ONG Thydêwa” (SANTOS, 2014, p. 04).

Vários indígenas, junto com outros jovens, partilhando ideias e utopias, começaram a pensar sobre a ONG; partiram das injustiças e resistências secular dos indígenas, sabendo que, só por meio do diálogo intercultural e da soma de conhecimentos acerca da consciência planetária, poderiam promover a união e a paz. “Nossa história nasce de uma profunda alquimia arco-íris, na cidade de Salvador, Bahia [...] nosso primeiro objetivo era diminuir o preconceito, pois quem desrespeita o índio é quem não conhece” (SUÍRA, 1999, p. 05).

<sup>31</sup>“Indígenas de vários povos aliaram-se a não indígenas, iniciando a atuação em 2001 e formalizando-as em agosto de 2002, com o objetivo de promover a consciência planetária, valendo-se do diálogo intercultural, da valorização da diversidade e das culturas e conhecimentos tradicionais, visando a um desenvolvimento integral para todos, em harmonia e paz” (Sebastián Gerlic, 2017, entrevista informal por aplicativo de mensagens [*ipsis litteris*]).

<sup>32</sup>Entrevista informal por aplicativo de mensagens com Sebastián Gerlic, presidente da ONG Thydêwa, em novembro de 2017.



De acordo com a ONG<sup>33</sup>, foi potencializando a liberdade de expressão dos indígenas e nas mobilizações pelos Direitos Humanos, que passaram a atuar como historiadores, antropólogos, conhecedores das suas próprias realidades, fotografando, gravando entrevistas, realizando entrevistas, escrevendo, desenhando, com palestras na Universidade, debatendo em espaços públicos, dialogando com alunos nas escolas, com entrevistas aos meios de comunicação, construindo e partilhando suas mensagens.

Os suportes didáticos publicados pela ONG Thydêwa e em seus argumentos, foram construídos coletivamente, com o protagonismo de 27 autores indígenas de 17 povos diferentes, responsáveis pelo conteúdo, contando com a colaboração de outros indígenas na realização de pesquisa, produção fotográfica e ilustrações. Um dos objetivos é educar por meio dos textos, e que estes venham a se somar com a valorização das culturas indígenas. “Os livros são frutos de processos envolvendo mais de 100 indígenas, que, com a ajuda de várias outras pessoas, constituíram uma comunidade colaborativa de aprendizagem<sup>34</sup>”. É possível observar na figura abaixo do lado esquerdo com a blusa branca a presença de José Nunes de Oliveira – indígena Kariri-Xocó considerado o guardião das tradições de seu povo na ONG Thydêwa (Figura 10).

**Figura 10 - Representação dos vários Povos Indígenas no Nordeste**



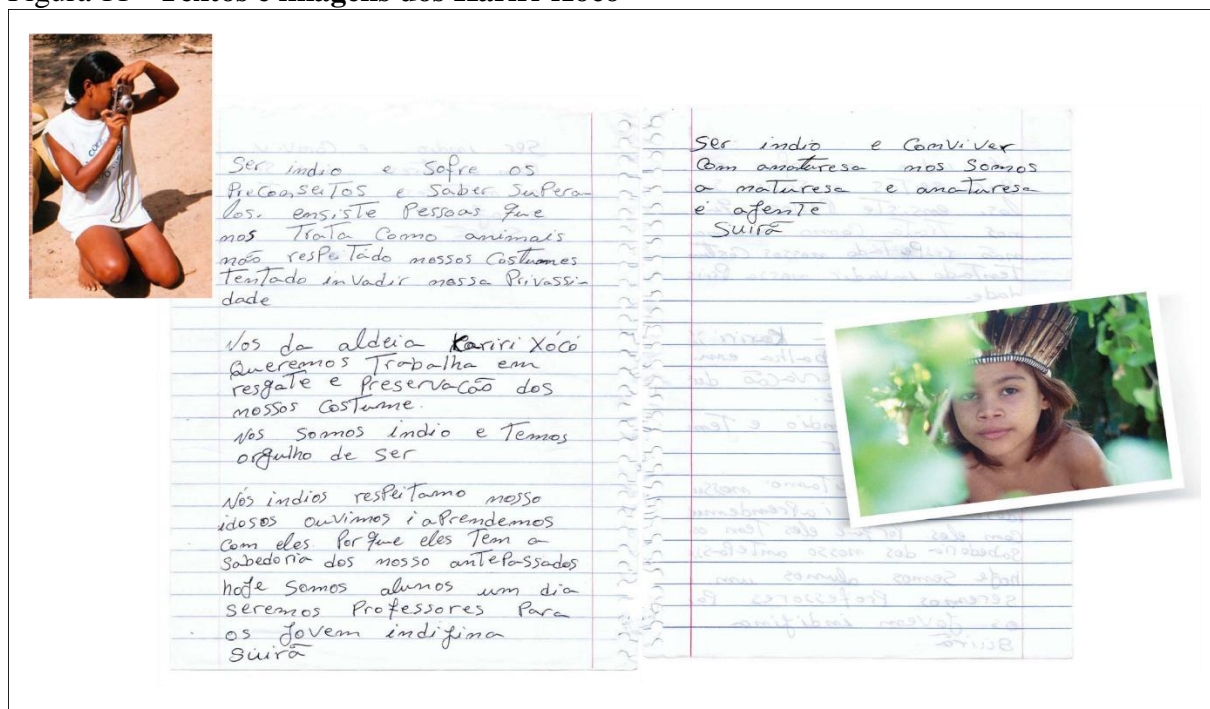
**Fonte:** Sebastián Gerlic (2002)

<sup>33</sup>Entrevista informal por aplicativo de mensagens com Sebastián Gerlic, presidente da ONG Thydêwa, em novembro de 2017.

<sup>34</sup>Entrevista informal por aplicativo de mensagens com Sebastián Gerlic, presidente da ONG Thydêwa, em novembro de 2017.

O suporte didático *Índios na visão dos índios-Kariri-Xocó* está sob a direção e a idealização de Sebastián Gerlic, foi publicado em 1999. Sebastián Gerlic e sua equipe entregaram aos Kariri-Xocó câmeras fotográficas, gravador, papel e canetas para que os indígenas contassem suas histórias no período de cinco dias (GERLIC, 1999). Embora os textos tenham sido selecionados e reelaborados e as imagens tenham sido selecionados, os indígenas consideram-se os “verdadeiros autores de todos estes trabalhos” (Figura 11).

Figura 11 - Textos e imagens dos Kariri-Xocó



**Fonte:** Suporte didático “Índios na visão dos Índios Kariri-Xocó” (1999)

Nas publicações, além do povo Kariri-Xocó, foram identificados, outros povos em Alagoas: Xucuru-Kariri (Palmeira dos Índios) e Karapotó (São Sebastião). A publicação tem a colaboração de José Nunes de Oliveira (*Nhenety – Guardião das tradições, Indígena Kariri-Xocó*), que faz parte da coordenação indígena do projeto “Índios On-line” e ARCO DIGITAL, um projeto realizado pela ONG Thydêwa, iniciado em agosto de 2006, por meio da parceria com o Instituto Oi Futuro (Programa Novos Brasis).

Os outros dois livros foram publicados pelo Serviço Social do Comércio (SESC), uma entidade privada que informa ter como objetivo proporcionar o bem-estar e a qualidade de vida aos trabalhadores<sup>35</sup>. Os suportes didáticos do SESC tiveram como objetivo principal facilitar a compreensão do modo *Ser e viver Kariri-Xocó*. Os textos discorrem sobre vários

<sup>35</sup>Portal SESC, sobre o SESC. Disponível em: <[http://www.sesc.com.br/porta/sesc/o\\_sesc](http://www.sesc.com.br/porta/sesc/o_sesc)>. Acesso em: 21 de setembro de 2017.

temas de sua história e memórias indígenas, com um panorama amplo e geral dos costumes antigos, e dos atuais acontecimentos, mitologia e pensamentos indígenas.

O conceito de diversidade cultural estimula os debates sobre a singularidade e etnicidade. Esse fluxo requer atenção aos processos históricos, no sentido de dirimir incompreensões e propor a reflexão em torno das condições indígenas. “O SESC, mantendo o compromisso com os fundamentos éticos e de responsabilidade social, apresenta uma produção que conta com uma riqueza de detalhes a tradição e o cotidiano do povo Kariri-Xocó” (MIRANDA, 2013, p. 08). Para os não índios, essa visão poderia vir a ser um expoente do respeito à diversidade cultural.

Com essas observações, saliento que, diante da grande quantidade de suportes didáticos e por se tratar de uma pesquisa de mestrado, seria impossível analisar todas as memórias encontradas nos suportes didáticos encontrados. Por essa razão, estabeleci com a orientadora deste estudo alguns critérios para que a análise fosse realizada: o primeiro é referente ao protagonismo indígena evidenciado nos suportes, observando a presença das experiências socioculturais específicas, com objetivos próprios; o segundo critério foi identificar quais seriam os materiais que apresentam mais memórias do povo Kariri-Xocó para a compreensão do indígena como sujeito histórico conforme sua leitura de mundo; e o terceiro, analisar em quais das obras existe uma maior representatividade de autores do povo indígena em estudo, buscando observar a perspectiva dos indígenas e suas interpretações. Nesse sentido, foi necessário o mapeamento da produção da ONG Thydêwa e do SESC para observar os três critérios estabelecidos neste estudo.

No momento da escolha, percebi que dos 11 livros publicados pela ONG Thydêwa somente um suporte didático completo abordou as memórias do povo Kariri-Xocó, intitulado: *Índios na visão dos índios – Kariri-Xocó/AL*. As narrativas e as imagens são dos indígenas: Pajé Júlio Queiroz Suíra, José Nunes de Oliveira, Tawanã, Karen, Regiane, Swyrany, Irany, Ketci, Irany e D. Chica.

Os outros 10 livros da ONG Thydêwa, além de textos do povo Kariri-Xocó, também contêm textos escritos por outros povos, como por exemplo: os Pataxó, Xucuru-Kariri, Pankararu, Karapotó, Tupinambá, Kiriri, Kayapó, Kambeba, Pataxó, Terena, Fulni-ô, Potiguara e Xokó.

Existiam apenas 02 suportes didáticos produzidos pelo SESC. O primeiro com o título: *Kariri-Xocó, contos indígenas* com os textos de Denízia Cruz, professora indígena Kariri-Xocó. É necessário salientar que os textos dessa publicação foram construídos coletivamente, a partir de narrativas dos índios mais idosos. As imagens no livro são do ilustrador Caco

Bressane<sup>36</sup>. O segundo livro é: *Fulkaxó - ser e viver Kariri-Xocó* organizado por Ulysses Fernandes com os textos de José Nunes de Oliveira, Danilo Santos de Miranda<sup>37</sup> e Ulysses Fernandes. Os textos do livro também registram a oralidade, as memórias e a história do povo Kariri-Xocó por meio das narrativas dos índios mais velhos (Figura 12).

Figura 12 - Apresentação dos suportes didáticos desta pesquisa



Fonte: SESC (2013)/ONG Thydêwa (1999)

O primeiro suporte didático que descrevo é o *Fulkaxó: ser e viver Kariri-Xocó*, publicado pelo SESC, com organização de Ulysses Fernandes e a apresentação sobre a importância de José Nunes de Oliveira no contexto do povo Kariri-Xocó. O citado suporte didático foi produzido em 2013 pelo SESC-Pinheiros (São Paulo). O diretor regional do SESC São Paulo afirmou a importância do suporte didático como uma marca da instituição:

[...] a importância da ação socioeducativa e cultural como marco institucional é reafirmamos o ideário da instituição na construção de uma sociedade mais justa e digna para a promoção do respeito aos valores, tradições e conhecimentos indígenas milenares (MIRANDA, 2013, p. 08).

Uma vez concluído esse preâmbulo, passo à tentativa de descrever os suportes didáticos, iniciando com o título apresentado em um dos materiais: *Fulkaxó: ser e viver*

<sup>36</sup> Ilustrador, infografista e *designer* gráfico. Atua principalmente no mercado editorial, ilustrando para editoras, em publicações de diversos segmentos, como didáticos, infantil e infanto-juvenil, além de ilustrar para jornais e revistas.

<sup>37</sup> Gestor cultural brasileiro. Desde 1984, é diretor do Serviço Social do Comércio (SESC), no estado de São Paulo.



*Kariri-Xocó*. O que significa a palavra “*Fulkaxó?*” “[...] seria a fusão das palavras Fulni-ô ô, Kariri e Xocó e designa um movimento nascido no seio da família Cruz, que tem ascendência nessas três etnias e se organiza a fim de recuperar e fortalecer as questões culturais” (FERNANDES, 2013, p. 13). Nas entrevistas realizadas foram evidenciadas as seguintes questões referentes ao referido povo:

O povo Fulkaxó, contabilizando atualmente cerca de 80 famílias, aspira à compra de terras em uma fazenda particular, a 40 quilômetros de onde habitam, situada às margens do rio São Francisco, que passa pelo processo de reconhecimento de suas terras<sup>38</sup>.

O suporte didático contém 154 páginas, sendo dividido em sete capítulos. O primeiro contém um texto do Diretor do SESC no estado de São Paulo, Danilo Santos de Miranda, tendo como título: “Povos indígenas – culturas milenares”. O texto aborda a presença indígena em todo o território brasileiro, ou seja, índios que habitam o território nacional, enquanto muitos indígenas ainda se mobilizam pelo reconhecimento de sua condição.

O segundo e o terceiro capítulos foram organizados por Ulysses Fernandes. No segundo, intitulado “Ser e viver Kariri-Xocó”, o organizador apresentou textos do pensador e escritor José Nunes de Oliveira, que, por meio de diferentes temas, expressou a “tradição” e a história do referido povo, com seus costumes, sua mitologia, evidenciando o modo de vida dos indígenas no Nordeste brasileiro. O terceiro capítulo, denominado “O que é Fulkaxó?” foi escrito por Ulysses Fernandes, mostrando de que maneira ocorreu a fusão da palavra e sua importância no cotidiano do território.

Convém salientar que considerei o quarto capítulo da publicação a parte principal do suporte didático, com o título “Fulkaxó”, com 65 textos, que apresentam um recorte que contempla às memórias e história do povo Kariri-Xocó, desde sua chegada à aldeia Kariri - quando mantinham uma relação cultural e política com os Karapotó, em São Sebastião, os Xocó da Ilha de São Pedro (Sergipe) e os Pankararu (Pernambuco) - até as memórias e a história da educação e o ensino tradicional, assim como aborda as técnicas de tapamento das casas de taipa, impactos ambientais e manifestações culturais.

Os textos do capítulo são: A cronologia histórica Kariri-Xocó – 1501 a 1764; A chegada dos Xocó; Rua dos índios nossa aldeia; Morando no Ouricuri; A colônia indígena; A aldeia Kariri-Xocó; Descrição do cotidiano; A migração para as cidades; Aldeias renovadas; Na feira da cidade; O índio descobriu primeiro; Cacique: chefe social, pajé chefe espiritual;

---

<sup>38</sup>Denizia Cruz, 38 anos, [sic]. Entrevista realizada em 02/03/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

Rezadeiras e rezadores; Não é lenda, é apenas verdade; Conhecimento, semente da cultura; Fogueira das histórias; Fogueira do morto; Canoa dos portos; Canoa do São Francisco; Manifestações culturais; Artesanato é cultura material; Diversidade simbólica; Moitará; Apresentação dos cantos; Danças e o que é o Toré?, Rojão; Festa do pau de sebo; Pintura escrita; Pinturas corporais indígenas; Fumar é conectar; O poder dos dentes; Potencialidades das pernas; Educação e ensino tradicional; Cinema, rádio e televisão; Futebol na tribo; Comércio e comerciantes da tribo; Estivadores do porto; O serviço de olaria; Mutirão indígena; O tapamento da casa de taipa; Vida na roça; Tempo das frutas; Fruticultura dos quintais; Criação de animais domésticos; O preparo da terra; Mandioca para a farinhada; Batimento de arroz; Pesca de mão; Batimento do feijão; Debulhamento do milho; Pescaria do cuvú; Pescaria de mergulho; Pegar pássaros molhados; Fachamentos da rolinha; Época da tanajura; Várzea do Itúba; Enchente de inverno; Época da piracema; Alimento para matar a fome; Impactos ambientais; Desmatamento, lixo e poluição; Pragas do passado; e Diversidade é preservar. Todos os textos foram baseados na memória e história dos mais velhos.

O quinto capítulo do citado suporte didático foi escrito pelo organizador do livro, Ulysses Fernandes, e apresenta uma amostra culinária exercida nos dias de hoje pelas cozinheiras do povo Kariri-Xocó, com um amplo registro fotográfico e receitas, tendo como título: Cozinhando na aldeia, com os seguintes textos: Bobó com arroz de pilão, Caboge com arroz de corda, Cágado com arroz xerém, Caldo de cará, Caranguejo com farofa, Fatada com cuscuz de milho, Pato assado com farinha de mandioca, Mussu assado com batatas doces, Pirão de parida, Préa assado com macaxeira, Quiabada, Ribacão, Rolinha assada com arroz de leite, Saburica, Sopa de piranha, Xira com cuscuz de arroz, Pé de moleque, Mucuzá, Saróio.

A sexta e a sétima parte apresentam a cerâmica utilitária e as louceiras, por meio do texto de Ulysses Fernandes, em que a arte das ceramistas indígenas na região do Baixo São Francisco, *As louceiras*, foi retratada em um documentário acompanhando passo a passo as várias etapas da produção das panelas de barro como parte da renda financeira das famílias dessas mulheres.

O segundo suporte didático tem o seguinte título: *Índios na visão dos índios. Kariri-Xocó*. Para entender o referido suporte foi importante observar a relevância desse suporte para contribuir com a Educação Escolar Indígena dos Kariri-Xocó/AL. “[...] Este livro nasce da vontade de ver um mundo melhor, de acreditar que todos nós temos muito que aprender de todos, de muitos guerreiros que lutam para mostrar uma realidade e viver nela. É a realidade do modo ser e viver Kariri-Xocó” (GERLIC, 1999, p. 02).

O suporte didático contém 33 páginas e diferente do suporte didático anterior, esse é dividido em pequenos recortes das Histórias Kariri-Xocó. Os textos foram escritos por crianças, adolescentes e adultos, dentre os quais, destacam-se a participação de Maí, Yaní, Swyrany Ronaldo, Everton, Vinvin, Gê, Yetçamy, Nado, Raôny, Gleise, Aramilson, Ruina, Tawanã, Regiane, Karem, Ytawyrany, Rana, Sandra, Kaway, Eberú, Erytoá, Tibiriçá, Salmã, Kyoni, Lenho, Wakay. Com a colaboração de Pajé Suíra, Suirã, Dona Chica, Ayrã, habitantes ao território indígena. O responsável pelo suporte no território indígena foi o Sr. José Nunes de Oliveira (Nhenety)<sup>39</sup>. Foi uma realização da ONG Thydêwa com patrocínio das seguintes instituições: Bompreço, Programa Estadual de Incentivo à Cultura (FAZCULTURA), Governo da Bahia (Secretaria da Fazenda, Secretaria da Cultura e Turismo) com o apoio da gráfica Santa Helena da cidade de Salvador.

Entendo que esse suporte também se constituiu em um espaço de divulgação dos aspectos socioculturais do território indígena Kariri-Xocó. São 10 pequenos recortes das histórias Kariri-Xocó, com os seguintes títulos: Quem desrespeita o índio é quem não conhece; Dois irmãos em um mundo; Um pouco da História; A palavra dos jovens índios; Artesanato; O índio é a semente da terra (O Pajé); Ouricuri; Toré; Reflexões e O fogo.

A escolha do suporte didático não foi uma tarefa fácil, por conter uma diversidade de assuntos relacionados às memórias e história do povo Kariri-Xocó. Diante da quantidade de informações, a partir das análises feitas nos materiais e seguindo os critérios estabelecidos, eu e a orientadora desta pesquisa, optamos em escolher apenas um suporte para a análise: *Índios na visão dos índios*, publicado pela ONG Thydêwa, com os textos de José Nunes de Oliveira, considerado Guardiã das tradições Kariri-Xocó. A escolha desse suporte ocorreu por entender que evidencia um olhar atento sobre as memórias do povo Kariri-Xocó, pois intencionei também, proporcionar a visibilidade ao protagonismo indígena na escrita de sua história.

### **3.4 Alguns apontamentos referentes ao SESC e a ONG Thydêwa na construção dos suportes didáticos da pesquisa**

Na minha inserção no campo, algumas inquietações emergiram a partir do meu contato com os suportes didáticos produzidos pela ONG Thydêwa e pelo SESC. Apesar de não ter sido o objetivo desta pesquisa, acredito que seja necessário entender os interesses

---

<sup>39</sup>Indígena Kariri-Xocó, considerado Guardiã das tradições Kariri-Xocó. Residente no território indígena em Porto Real do Colégio/AL.

presentes na organização do conteúdo das publicações dos suportes didáticos para a Educação Escolar indígena diferenciada e intercultural dos Kariri-Xocó, contextualizando como ocorreu a organização dos suportes, a fim de evidenciar alguns aspectos de sua produção.

Importa indicar que o SESC é uma instituição ligada ao comércio, inserida no mundo capitalista e a ONG Thydêwa uma organização não governamental. Considerando as características dessas instituições, algumas questões ocorreram, as quais mencionei anteriormente e aqui recorro como sendo: Quais os interesses do SESC e da ONG Thydêwa em publicar os suportes didáticos? Como ocorreram as articulações para que o fossem publicados?

No intuito de responder a essas inquietações, foi elaborado um roteiro com uma entrevista semiestruturada. Perguntei: como surgiram os suportes didáticos? Por que o SESC e a ONG Thydêwa decidiram financiar um suporte didático para o povo Kariri-Xocó? Qual a atuação e a função do SESC no território indígena? Quem representa no território, o SESC e a ONG Thydêwa, que é indígena? Quem financia? Quem foram os sujeitos escolhidos para compor os suportes didáticos? E quais os critérios que foram utilizados para selecionar as histórias? O roteiro para entrevista segue no Apêndice D.

Para responder esses questionamentos procurei identificar os indígenas que participaram da construção dos referidos suportes didáticos em estudo. As conversas informais com José Nunes de Oliveira<sup>40</sup> e Denízia Cruz<sup>41</sup> sobre as memórias Kariri-Xocó, despertaram em mim, ainda mais, curiosidade em entender quais os interesses das referidas organizações nas publicações dos suportes didáticos para a Educação Escolar indígena diferenciada e intercultural dos Kariri-Xocó.

Nesse sentido, pensar nas articulações que ocorreram para que os suportes didáticos fossem construídos, significou entender de que maneira essa produção contribuiu com a Educação Escolar Indígena do povo Kariri-Xocó. Nas observações realizadas, convém considerar que os suportes didáticos para os indígenas Kariri-Xocó são extremamente valorizados e não é descartado do uso e das ações da Escola do território indígena.

Foram realizadas entrevistas com dois indígenas: José Nunes de Oliveira<sup>42</sup> e Denízia Cruz<sup>43</sup>. Alguns critérios foram fundamentais para que as entrevistas fossem realizadas com

---

<sup>40</sup>Indígena Kariri-Xocó, considerado Guardião das tradições Kariri-Xocó. Residente no território indígena em Porto Real do Colégio/AL.

<sup>41</sup>Indígena Kariri-Xocó, professora da Escola Estadual Pajé Francisco Queiroz Suíra. Residente no território indígena em Porto Real do Colégio/AL.

<sup>42</sup>Indígena Kariri-Xocó, considerado Guardião das tradições Kariri-Xocó. Residente no território indígena em Porto Real do Colégio/AL.



ambos. O primeiro critério é referente à presença constante de José Nunes de Oliveira nesta pesquisa, por ser considerado pelo povo Kariri-Xocó o Guardião das tradições Kariri-Xocó. Ademais, José Nunes de Oliveira possui um *blog* de informações a respeito do território indígena com toda a História Kariri-Xocó, é responsável pelo ponto de cultura, parte dos textos do suporte didático *Fulkaxó “Ser e viver Kariri-Xocó”* é de sua autoria, e também é o membro responsável do povo Kariri-Xocó na ONG Thydêwa.

Denízia Cruz é professora da Escola Estadual Pajé Francisco Queiroz Suíra, trabalha na parte de contação de histórias, divulgando o nome de seu povo para todo o Brasil. A mesma tem um livro de sua autoria financiado pelo SESC que tem como título: “*Kariri-Xocó Contos Indígenas*”. Nesse sentido, as entrevistas foram realizadas com esses dois indígenas na tentativa de entender os interesses das instituições em financiar suportes didáticos para o povo Kariri-Xocó.

Durante as entrevistas, foram elaboradas 07 perguntas para entender as relações que foram estabelecidas na construção dos suportes didáticos. A primeira pergunta se refere à maneira como surgiram os suportes didáticos: *Fulkaxó “Ser e Viver Kariri-Xocó” e Índios na visão dos índios*. Nas entrevistas realizadas, foi evidenciado como surgiu a ideia de construir o suporte e como se efetivou.

Denízia falou comigo e informou que o SESC gostaria de publicar os meus textos em um livro. Depois disso pediram a autorização, eu assinei autorizando, tinha alguns textos que precisava fazer uma revisão [...] Eu mandei os textos para o cara do SESC, enviei só os *links* das minhas publicações e ele escolheu os textos que são mais de 200<sup>44</sup>. Eles estão preocupados com a cultura dos povos indígenas tem um trabalho social voltado para a garantia dos nossos direitos e a visibilidade é um dos pontos<sup>45</sup>.

Ao refletir sobre os argumentos do entrevistado, observei de que maneira ocorreram as articulações para que o referido suporte didático fosse publicado com a autorização de José Nunes de Oliveira. Em relação à ONG Thydêwa, os entrevistados indicam sua criação e que a mesma surgiu da necessidade de apoio aos povos indígenas.

A ONG, ela surgiu em 2002... Foi assim... Que o índio aqui nunca teve... Assim, tinha dificuldade de arrumar sua subsistência, não era muito conhecido e quando o índio ficou sem opção de sobrevivência. Muitos

<sup>43</sup>Indígena Kariri-Xocó, professora da Escola Estadual Pajé Francisco Queiroz Suíra. Residente no território indígena em Porto Real do Colégio/AL.

<sup>44</sup>José Nunes de Oliveira, 54 anos [*sic*]. Entrevista realizada em 17/11/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

<sup>45</sup>Denízia Cruz, 38 anos, [*sic*]. Entrevista realizada em 17/11/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

cantador de Tóre e artesão, aí encontrou Salvador um campo melhor. Aí em 97, eu... Eu... Muita gente ia pra lá, o tio... Eu preparei muito jovem aqui pra sair e tal. Aí quando foi em 97, aí o Sebastian era um cara... Um argentino que morava lá e tinha casa, né? Morava lá, tinha um apartamento, uma casa... E ele recebia na casa dele os indígenas de Alagoas, de... De Sergipe, da Bahia... Acomodava os índios ali, dormiam ali, e não tinha contato com as escolas, diziam: “olhe, os índios vai... Querem receber os índios aí?”. “Não, traga os índios pra cá, fazer o artesanato, cantar Tóre e dar palestra” e aí todo ano fazia isso, e aí sentiram a necessidade de criar uma ONG né, porque ficou difícil, sem ter apoio de transporte de nada. E aí Sebastian chamou os índios... Eu não fiz parte da primeira criação não, assim nova. Eu fiz parte dos projetos na visão dos índios. Ele veio aqui, Sebastian, falou comigo sobre o livro na visão dos índios<sup>46</sup>.

Nesse momento, a curiosidade em entender a intencionalidade do SESC e da ONG continuaram presentes. Essa “preocupação” em publicar os suportes didáticos como uma das ferramentas de divulgação dos aspectos socioculturais do povo Kariri-Xocó e inseridos na Educação Escolar indígena do referido povo em estudo foi algo presente durante toda a pesquisa. Nesse sentido, a segunda pergunta realizada foi no intuito de saber porque o SESC e a ONG Thydêwa decidiram financiar suportes didáticos para o povo Kariri-Xocó. Para os entrevistados:

O SESC também já... Já conhece o grupo Kariri-Xocó, que de vez em quando vai pra São Paulo, fazer apresentação lá. Já tem certo conhecimento com o grupo, né? Mas o SESC fez isso, eu acho devido à carência: Não tem material, porque o Estado também não publica nada, nunca apoiou. O estado de Alagoas nunca apoiou um. A ONG não tem um financiador único. Ao longo da sua História ela teve parceria com o governo, né, iniciativa privada só uma vez, que foi o Bomprego, para a parte dos livros, né?<sup>47</sup>.

Ainda conforme o entrevista José Nunes de Oliveira, “[...] não existe nenhuma atuação e função da minha parte com o SESC e na ONG, eu realizo apenas alguns trabalhos quando eu sou convidado para participar<sup>48</sup>”.

A professora Denízia analisou que: “o SESC tem um importante papel na contribuição das atividades socioeducativas em favor dos povos indígenas do Nordeste, um

<sup>46</sup> José Nunes de Oliveira, 54 anos, [sic]. Entrevista realizada em 17/11/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

<sup>47</sup> José Nunes de Oliveira, 54 anos, [sic]. Entrevista realizada em 17/11/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

<sup>48</sup> José Nunes de Oliveira, 54 anos, [sic]. Entrevista realizada em 17/11/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

comprometimento com a causa sempre respeitando os nossos direitos e a nossa ancestralidade<sup>49</sup>”.

O suporte didático do SESC teve o seu próprio financiamento. Nas entrevistas realizadas, foi evidenciada a participação dos sujeitos escolhidos para compor os dois suportes didáticos:

Durante a produção do livro Fulkaxó, foram colocados: os textos de Nunes; a participação das ceramistas, com a produção de um documentário sobre elas; e as imagens, foram do povo Kariri-Xocó<sup>50</sup>.

Foi reunido os textos, selecionei os melhores, né? Desenhava... As crianças desenhavam, né? É... Esse aí dá pra ir. Aí foi mais trabalho, porque a gente faz muita coisa pra escolher um. As fotos foram muitas fotos. Então, as crianças e quem participaram do livro<sup>51</sup>.

Pensar nas produções dos suportes didáticos implica em perceber que memórias podem estar em disputa, e que diferentes relações de força são estabelecidas na produção dos suportes didáticos em questão e as intencionalidades das referidas organizações nessas publicações. Durante as entrevistas, também foram apresentados os critérios utilizados para selecionar as histórias que iriam compor os suportes didáticos:

O critério, às vezes era o tema. Inicialmente, foi à gente contar logo a história para identificar o povo. O povo indígena, onde tá localizado, né? A cultura dele, não é? Essa é uma... É uma parte. Um critério foi esse. A gente primeiro, colocar o povo, identificar o povo. Identificar assim, localizar o povo indígena e contar uma história no modo dos índios<sup>52</sup>.

Foi possível perceber através dos apontamentos referentes ao SESC e a ONG Thydêwa, a divulgação da cultura indígena na organização dos conteúdos das publicações dos suportes didáticos para os Kariri-Xocó, sendo um aspecto importante para entender alguns aspectos na construção dos suportes didáticos desta pesquisa.

---

<sup>49</sup>Denizia Cruz, 38 anos, [sic]. Entrevista realizada em 17/11/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

<sup>50</sup>Denizia Cruz, 38 anos, [sic]. Entrevista realizada em 17/11/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

<sup>51</sup>José Nunes de Oliveira, 54 anos, [sic]. Entrevista realizada em 17/11/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

<sup>52</sup>José Nunes de Oliveira, 54 anos, [sic]. Entrevista realizada em 17/11/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

#### 4 AS MEMÓRIAS NARRADAS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DOS KARIRI-XOCÓ

*A visão indígena não é uma visão única! São várias visões, porque cada povo é uma cultura e cada povo é um modo de ver o mundo.  
(José Nunes de Oliveira, Nhenety – Guardião das tradições dos Kariri-Xocó).*

Entender os aspectos relacionados às memórias narradas no suporte didático utilizado pelos Kariri-Xocó de Alagoas, também implica em reconhecer as diferenças existentes entre os diversos povos indígenas no Nordeste, bem como possibilita perceber que a invisibilização produzida não impossibilitou a sobrevivência das memórias indígenas, que estou compreendendo como um importante mecanismo de resistência. Como indica Dantas, “[...] entre o final do século XIX e o início do XX [...] os indígenas no Nordeste, apesar de terem sido identificados como ‘misturados’ e de terem seus aldeamentos extintos, continuaram atuando” (DANTAS, 2015, p. 107).

Na análise, procurei evidenciar as memórias narradas veiculadas no suporte didático produzidos pelos Kariri-Xocó para a Educação Escolar indígena. Os significados dessas narrativas para a Educação Escolar indígena dos Kariri-Xocó é uma tentativa de apreender quais as memórias estão presentes em seu cotidiano.

Para a pesquisadora Marizete Lucini:

Conhecer como um determinado grupo social organiza seu conhecimento sobre o passado, quais os elementos e práticas presentes na construção/reconstrução de sua identidade, para si e para os outros, considerando-se a escola e as práticas sociais desse grupo, e em especial, a memória e a história como importantes dimensões da formação, implica abordarmos as memórias constituintes dessa identidade que, narradas e renarradas aos diferentes indivíduos e gerações, possibilitam compreender como esse grupo tornou-se o que é (LUCINI, 2007, p. 89).

Assim, a partir das ações dos sujeitos que são aspectos recorrentes das memórias coletivas, perpassando as várias camadas do tempo, pensei nas memórias narradas na da Educação Escolar Indígena. “[...] porque a memória organiza os traços do passado em função dos engajamentos do presente e logo por demandas do futuro, devemos ver nela menos uma função conservação automática investida por uma consciência sobreposta do que um modo essencial da consciência mesma [...]” (CANDAUI, 2012, p. 63).

No intuito de possibilitar a visibilização das memórias narradas no suporte didático utilizado pelos Kariri-Xocó/AL, organizei a apresentação agrupando as narrativas em três

eixos que identifiquei na leitura do suporte didático analisado. Entendo que as memórias narradas revelam aspectos significativos da experiência do povo Kariri-Xocó, como as memórias de origem; as memórias do ser e viver e as memórias do conviver.

Como as memórias de origens, estou considerando as narrativas que abordam a ancestralidade e a trajetória dos Kariri-Xocó. Nas memórias do ser e viver, estou compreendendo as narrativas que falam da alimentação, da produção e do modo de vida. E as memórias do conviver, como aquelas narrativas que contemplam as relações com os sujeitos, com os outros e com a natureza.

#### 4.1 Memórias narradas no suporte didático: *Índios na visão dos índios Kariri-Xocó*

O suporte didático analisado contém 33 páginas. A capa retrata uma criança Kariri-Xocó; o processo de resistência entre as mulheres, com as cerâmicas utilitárias, consideradas pelos mais idosos uma técnica milenar com sua origem indefinida no tempo; e a imagem de uma mulher idosa no território indígena (Figura 13). As três gerações representam o processo de afirmação do povo Kariri-Xocó por meio do processo de resistência e mobilizações indígenas em Alagoas.

Figura 13 - Capa do suporte didático “Índios na visão dos Índios Kariri-Xocó”



Fonte: ONG Thydêwa (1999)

O suporte didático *Índios na visão dos Índios Kariri-Xocó* é uma realização da ONG Thydêwa, composto por pequenos fragmentos de textos, porém existe uma diversidade de imagens que são analisadas durante o nosso estudo. Os textos e imagens são de autoria dos

indígenas: Pajé Júlio Queiroz Suíra, José Nunes de Oliveira, Tawanã, Karen, Regiane, Swyrane, Irany, Lymbo, Ketcí, Irany e D. Chica.

Nas palavras de Swyrane,

Este livro vale porque as pessoas sabendo da vida do índio vão ficar interessadas e vão querer ajudar, eles vão se interessar porque eles vão parar e pensar na vida, observando nossa vida. Se nos conhecem mais vão passar a respeitar mais nosso conhecimento e parar com o preconceito<sup>53</sup>.

As palavras de Swyrane Suíra convidam a conhecer como vivem os indígenas e também se configura numa esperança de que ao conhecê-los, não serão mais desrespeitados pelos não índios. E para isso, narram suas memórias. Memórias de origens, memórias que revelam seu modo de ser e viver e as memórias do conviver. Memórias que dizem de seus fazeres e conhecimentos ancestrais, mas também revelam como percebem e sentem o mundo hoje.

#### 4.1.1 Memórias de origens

Ao dialogar com José Nunes de Oliveira, informalmente, o entrevistado contou que o mundo, na visão do povo Kariri-Xocó, compreende um horizonte circular, e que cada povo tem uma forma diferente de ver o mundo que os rodeia. Para entender o mundo indígena é necessário observar os aspectos presentes na figura 14. “O limite da terra indígena é assim: não é uma cerca, nem sesmaria, o limite da terra indígena, como diziam nossos antigos, é aonde o céu se encontra com a terra, que é o horizonte e o céu se encontra com o rio<sup>54</sup>”.

<sup>53</sup>Swyrany Suíra [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 03.

<sup>54</sup>José Nunes de Oliveira, 54 anos, [*sic*]. Entrevista realizada em 30/10/2017 no Território Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio/AL.

Figura 14 - **Horizonte Circular do Povo Kariri-Xocó**



Fonte: José Nunes de Oliveira (2014)

Essa imagem representa a visão de mundo dentro do Horizonte Circular do *Ser e viver Kariri-Xocó*. Na perspectiva da circularidade, o território não se vincula a um limite pré-estabelecido, mas situa-se no encontro entre o céu, a terra e o rio como aspectos sem os quais não há vida. O mundo não está seccionado, mas céu, terra, rio, floresta, animais e humanos se encontram no tempo. Para José Nunes de Oliveira:

Existe o Rio São Francisco que fica no meio das duas aldeias: Xokó da Ilha de São Pedro em Sergipe e o Povo Kariri onde nós estamos. Não significa dizer que ele separa os dois povos, ele é a união. Do lado oeste é o povo Xokó e do lado leste é o povo Kariri. Juntos somos um só, que é o povo Kariri-Xocó. Por isso que a nossa visão é circular, podemos até mudar, mas o mundo não para nunca de circular (Diário de campo, 17/10/2017, [sic]).

Pensar nos aspectos que compõe as memórias de origens com a sua cosmologia e ancestralidade nos aproxima do modo de pensar dos povos indígenas, em que o universo e as questões ambientais estão presentes no cotidiano. Nesse sentido, observar e analisar as memórias de origens é ter sensibilidade em identificar e entender nas entrelinhas os aspectos

relacionados a essas memórias presentes no cotidiano do povo Kariri-Xocó. Porém, para entender a identidade de um povo, as memórias de origens não são suficientes, pois “o ponto de origem não é suficiente para que a memória possa organizar, as representações identitárias é preciso ainda um eixo temporal, uma trajetória marcada por essas referências que são os acontecimentos” (CANDAU, 2012, p. 98).

Assim, os acontecimentos também dizem das origens e da identidade desse povo.

Muito tempo atrás éramos nômades. A cada quatro invernos saiam os guerreiros para procurar o novo lugar para morar. Quando a caça se fazia difícil o grande conselho se reunia e dizia: ‘Daqui a quatro luas vamos sair daqui’. Na quarta lua se fazia um ritual, onde no final os índios pegavam seus pertences: potes, sementes... e desciam para o rio, colocavam tudo nas canoas e partiam. Os guerreiros que tinham achado o novo lugar iam na frente mostrando o caminho, no centro iam os mais idosos e as crianças rodeados de outros guerreiros<sup>55</sup>.

As palavras de José Nunes de Oliveira evidenciam os aspectos s da ancestralidade do povo Kariri-Xocó por meio dos rituais, potes, sementes e do rio que estão presentes no cotidiano do referido povo. A presença do rio é algo marcante nas memórias evidenciadas, assim como é materialmente presente na vida do povo Kariri-Xocó, cujo território faz divisa com o Rio São Francisco. Rio que em nossa inserção no campo de pesquisa se tornou um dos pontos de equilíbrio para pensar nas memórias.

As memórias de origens estão presentes no suporte didático e uma de suas evidências está na frase e na imagem do Pajé Júlio Queiroz Suíra, ao afirmar que “o índio é a semente da terra<sup>56</sup>” (Figura 15). Nesta frase, as memórias em sua ancestralidade são evidenciadas.

---

<sup>55</sup>José Nunes de Oliveira [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 08.

<sup>56</sup>Pajé Júlio Queiroz Suíra [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 20.



Figura 1 - O índio é a semente da terra



Fonte: Suporte didático *Índios na visão dos Índios Kariri-Xocó* (1999)

E pelas águas, os Kariri-Xocó chegaram ao território em que atualmente habitam

Assim foi acontecendo geração após geração até chegar aqui em Porto Real do Colégio (Alagoas). Foi em 1578 que eles desceram e rapidamente retornaram e disseram para o conselho: 'Não podemos mais subir nem descer porque a 'civilização' vem aí arrasando com tudo, então vamos ficar aqui mesmo'. Um tempo depois chegaram os Bandeirantes e os Jesuítas. Eles queriam nos catequizar e nós guerreamos muito. Muitos foram massacrados e os sobreviventes Kariris foram aldeados ao redor de uma capela. Depois muitos sobreviventes de outras tribos foram chegando: Karapotó, Akonã... e logo em seguida vieram os Xokó e os Nantu e mais tarde os Xucuru e os Pancararu, assim formava em COLÉGIO uma multicultura que passou a denominar-se KARIRI-XOCÓ [...] Nós índios

Kariri-Xocó também participamos da Independência do Brasil, e de todas as fases da história do país<sup>57</sup>.

Nesse sentido, é possível perceber que o processo de afirmação dos povos indígenas no Nordeste, e principalmente em Alagoas, ocorreu lentamente diante do contexto político no final do século XIX, com a extinção dos aldeamentos. “[...] um importante indicador desse processo são as relações entre índios e não índios estabelecidos nas aldeias, nos povoados e nas vilas durante a formação desses espaços” (DANTAS, 2015, p. 82). Essas questões evidenciam as relações dentro e fora do território indígena.

Os índios viviam aqui primeiro. Eles invadiram as nossas terras. Os índios viviam do seu jeito. Agora o índio é muito diferente. Quando Cabral chegou aqui os índios não tinham casa assim, tinham de palha de coqueiro... e agora eles querem vender o rio, nós vamos ficar como? Sem água?<sup>58</sup>

Ao conhecer as memórias de origens me aproximo de aspectos importantes, como o processo de resistência do povo Kariri-Xocó e seus principais desafios presentes no cotidiano, principalmente no que se refere ao rio. Rio que compõe a terra. Como indica Jecupé, na cosmologia indígena “a formação da terra está ligada ao coração do sol, da lua e das estrelas. Na consciência indígena, tais seres também fazem parte do grande conselho ancestral, de maneira que pertencemos, pela memória e pelo sangue” (JECUPÉ, 1998, p. 26). Além da questão espiritual, outra questão importante é a água, principalmente ao considerar os processos que envolvem a privatização das reservas do Rio São Francisco e a poluição decorrente da exploração desordenada. Esses processos estão inseridos e discutidos na escola indígena. Para o pesquisador Edson Silva:

Nessa perspectiva, a vida social deve ser analisada envolvendo questões socioculturais e ambientais, para entender como a Natureza foi/é apropriada pelos humanos, as formas dos processos de construção e reconstrução do ambiente natural e como o ser humano interfere nesse Ambiente e o Ambiente afeta a vida sociocultural (SILVA, E., 2017, p. 132).

O povo Kariri-Xocó enfrenta diversos problemas referentes à Natureza e as questões socioculturais. À medida que a população cresce os problemas também aumentam, como a poluição da água, o lixo sem tratamento e o desmatamento. Mesmo existindo um processo de discussão no ambiente escolar, durante a pesquisa foi possível perceber os problemas

<sup>57</sup>José Nunes de Oliveira. [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 08.

<sup>58</sup>Karen [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 16.

socioculturais e ambientais. Problemas que se situam no campo profano, mas parecem inexistir no campo do sagrado.

Temos uma outra aldeia que é o nosso ‘Ouricuri’, que é na mata, essa mata tem importância para nós, pois sem ela não poderíamos manter a nossa religião e nossos rituais, lá podemos nos reunir e descansar, debater assuntos que só nos interessa, é onde buscamos nossas ervas medicinais, que usamos para curar doenças conhecidas como misteriosas. Como poderíamos manter a nossa religião sem a nossa mata, onde tem os encantados e os mistérios que só nós temos o prazer de compartilhar com os nossos irmãos indígenas, hoje Kariri-Xocó<sup>59</sup>.

Nesse fragmento narrado por Ketçi, foi relatado que há uma “outra aldeia” que é a mata onde é realizado o Ouricuri. A existência de dois mundos indígenas remete a Mircea Eliade, que discutiu o sagrado e o profano como duas experiências possíveis para um mesmo grupo. No caso dos Kariri-Xocó, um mundo, o profano, é aquele que o pesquisador tem acesso às informações que é o território indígena e o outro que está relacionado ao “Ser indígena”, e é acessível somente aos indígenas, o sagrado.

Tratar sobre o Ouricuri com os Kariri-Xocó exige certa cautela, pois como indicou Ferreira, “[...] o Ouricuri foi definido como um espaço de formação onde os indígenas praticam seus rituais sagrados, possível também ser definido como o próprio ritual, esse ritual é lugar comum a alguns povos indígenas no Nordeste” (FERREIRA, 2016, p. 26).

Além do Ouricuri como espaço sagrado, o Toré também é uma prática que liga os homens ao universo do sagrado. De acordo com Ferreira:

As experiências dos indígenas expressaram uma constante relação de elaboração de identidades étnicas, em que o Ouricuri e o Toré foram produtores de resistências aos conhecimentos escolarizados. As estratégias se manifestavam principalmente pela frequência nos rituais no Ouricuri por um período prolongado e até mesmo diminuindo o espaço de tempo entre um e outro ritual, ou seja, aumentando a participação no Ouricuri anualmente (FERREIRA, 2016, p. 90).

Entrar no universo da religião do povo Kariri-Xocó é algo muito delicado de se abordar. Eles logo desconversam e se insistir, eles se aborrecem. Em muitos momentos na pesquisa de campo fui chamada de “cabeça seca”, que conforme Ferreira “[...] é uma expressão pejorativa utilizada pelos indígenas para identificar os que não são de seu grupo, ou seja, todos da sociedade que não são indígenas” (FERREIRA, 2016, p. 185) e em seguida,

---

<sup>59</sup>Ketçi [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 22.

perguntava o motivo e respondiam da seguinte maneira: “você não conhece nada sobre nós”. Esse “segredo” também é guardado pelas crianças e adolescentes da Escola onde a pesquisa foi realizada. Como um orientador da espiritualidade Kariri-Xocó, o Pajé possibilita compreender que o Ouricuri é uma prática sagrada que os fortalece em sua relação com a natureza.

O Ouricuri (ritual Kariri-Xocó) ninguém faz. Ele já nasceu feito. Nosso dever é só cumprir a regra. Lá nós não vamos a um divertimento, nós não vamos para uma festa, nós vamos disciplinar. É onde nós vamos apanhar a energia positiva, lá vamos nos purificar, limpar da má energia que apanhamos no meio da civilização, lá já é limpo por natureza<sup>60</sup>.

Nesse trecho, foi possível perceber que o Ouricuri é um espaço sagrado para o povo Kariri-Xocó, que somente aqueles que são indígenas conseguem sentir e vivenciar nesse lugar. Portanto, o sagrado não pode ser dito, é preciso ser sentido. O território indígena seria um espaço profano, onde os não indígenas podem circular. “[...] o sagrado e o profano constituem em duas modalidades de serem no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo o homem ao longo da história” (ELIADE, 2010, p. 20).

De acordo com Silva C. (2004):

Para ser aceito socialmente, o índio Kariri-Xocó tem que estar em dia com suas ‘obrigações’ do Ouricuri, aqueles que descumprir as normas ou desrespeitar de alguma forma o Ouricuri sofre sanções sagradas e, por parte dos outros Kariri-Xocó, sofre a pior punição que um indivíduo pode receber: a morte social, em que os infratores são ignorados e profundamente recriminados (SILVA, 2004, p. 30).

Nesse sentido, perceber a importância do Ouricuri para o povo Kariri-Xocó possibilitou analisar, por meio das memórias e narrativas, os processos de resistência para a permanência da condição de ser indígena, mesmo com todas as contradições impostas pelo Estado. Como indica Ferreira (2016):

O Estado investiu durante séculos para apagar as expressões socioculturais dos indígenas, no entanto, o aspecto identitário principal por parte do Estado, para o reconhecimento oficial, foi a prática dos rituais do Toré e do Ouricuri, respectivamente negados pela mesma instituição. Nesse sentido, embora o Ouricuri fosse lugar em que se entendia como ponto central de formação dos povos indígenas em Alagoas, não podia ser visto como um espaço fixo, sem qualquer mudança. Na perspectiva dos indígenas, a ideia de tradição e de

---

<sup>60</sup>Pajé Júlio Suíra [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 21.

antepassado adquiriu significados políticos que propunham um “retorno” histórico e simbólico àquele passado cujos aspectos “tradicionais” estivessem mantidos, mas sem abandonar as questões do contexto no presente. As reivindicações pela terra permaneciam, mas com implicações políticas e econômicas pautadas nas expressões socioculturais, que se configurava, na perspectiva do Estado, num equívoco, tanto teórico, quanto prático, porque os indígenas jamais poderiam ‘incorporar’ um biótipo carregado de expressões dos séculos passados. As mudanças ocorrem com todos os povos, não só com os indígenas (FERREIRA, 2016, p. 186).

Portanto, as memórias do Toré e do Ouricuri desempenham também um papel de ancorar a resistência do povo Kariri-Xocó, inclusive no que se refere às reivindicações relativas aos limites territoriais. Memórias que se efetivam como prática social, pois “[...] desde muito cedo as crianças Kariri-Xocó conhecem o caminho do Ouricuri, momento que representa descobertas, deixando muito eufóricas, entretanto elas só são apresentadas ao segredo a partir dos setes anos de idade” (SILVA, 2004, p. 29).

**Figura 16 - Representação do Toré e do Ouricuri no suporte didático**



**Fonte:** Suporte didático *Índios na visão dos Índios Kariri-Xocó* (1999)

A mata do Ouricuri é algo presente em suas vidas e ensinada por meio dos mais idosos. Nas palavras deles próprios,

...muitos e muitos anos atrás os povos indígenas mantinham os seus costumes o seu idioma e a sua religião. Nesse tempo antes da nossa mata ser explorada por eles (os brancos), nós tínhamos como caçar, pescar, viver trajados com roupas e pinturas, depois fomos perdendo o nosso valor, os brancos sempre com direitos e tirando as nossas terras, depois fundaram a



escola dos jesuítas para catequisar os indígenas fazendo com que aprendêssemos a falar o português, depois até nos proibiram falar a nossa língua...<sup>61</sup>.

No fragmento acima é possível perceber o processo de resistência por meio de uma denúncia para que os mais jovens da Escola possam, através do suporte didático, pensar e questionar a condição imposta pelos colonizadores aos povos indígenas, principalmente no Nordeste, onde durante muito tempo os indígenas foram considerados caboclos aos olhos do Estado, como estratégia para a negação de seu pertencimento étnico. “Os habitantes dos lugares onde existiram antigos aldeamentos passaram então a ser chamados de ‘caboclos’, condição essa muitas vezes assumida pelos indígenas para esconder a identidade étnica diante das inúmeras perseguições” (SILVA, 2017, p. 123).

Os registros das memórias do povo Kariri-Xocó no suporte didático possibilitam aos mais jovens acessar um passado, no qual, segundo os mais velhos, os indígenas mantinham os seus costumes, seus idiomas e a sua religiosidade, ou seja, o narrado possibilita aos mais jovens a compreensão de que possuem um passado memorável, que no processo de colonização/catequização provocou uma expropriação da língua, dos processos produtivos e da forma de existir. Ao registrar essa memória, o suporte didático possibilita que, também no ambiente escolar, os jovens conheçam a história por meio das memórias narradas.

Ao conhecer a história, os jovens compreendem como se tornaram quem são, bem como entendem as violências enfrentadas pelos antepassados para manter a forma de ser e viver Kariri-Xocó. Nesse sentido, Almeida afirmou que: “[...] repensar a trajetória histórica de inúmeros povos que, por muito tempo foram considerados misturados e extintos, não é o caso de desconsiderar a violência do processo de conquista e colonização, apesar disso, no entanto encontraram possibilidades de sobrevivência” (ALMEIDA, 2010, p. 23). Estas formas de sobrevivência encontram nos rituais legados pelos ancestrais, possibilidades de identificação que os congregue. Dentre os rituais que ancoram as memórias e a identidade Kariri-Xocó, assim como de outros povos indígenas no Nordeste, está o Toré. Ritual que, nas palavras de Lyombo, possibilita, entre outras coisas, a integração entre o indígena e a Natureza.

Toré são cantos sagrados que desenvolve nos índios o amor, a união e a força para sustentar sua cultura, envolvendo as artes da natureza, dos animais e plantas, vento, a terra, o fogo e as águas. O Toré é puxado por um mestre de canto e os outros índios respondem, no momento necessitado. O Toré é a

---

<sup>61</sup>Ketçi [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 22.

celebração, um ritual de integração entre os sentimentos indígenas e a Mãe Natureza, buscando a conexão com a energia divina<sup>62</sup>.

A partir da narrativa de Lymbo, ficou evidenciado que o Toré é sagrado e os indígenas compreendem que esse ritual favorece o amor, a união e a força que sustenta a conexão com a energia divina. Nessa afirmação, também percebemos a presença do Cristianismo. Nesse sentido, pode-se indicar que o Cristianismo é atualizado em relação à espiritualidade indígena vivenciada no Toré, revelando que os processos de identificação são sempre dinâmicos e estão em constante transformação. “[...] comumente, os Kariri-Xocó participam dos rituais católicos: vão à missa aos domingos, batizam seus filhos e frequentam festas religiosas, nas casas são comuns às imagens de santos populares, incluindo Padre Cicero e Frei Damião” (SILVA, 2004, p. 26). No entanto, outros aspectos estão presentes, como a Natureza, os animais, as plantas, o vento, a terra, o fogo e as águas. Estes aspectos são representados por meio de uma celebração, com um ritual de integração entre os diversos sentimentos indígenas presentes no território. De acordo com o pesquisador Gilberto Geraldo Ferreira (2016):

Os indígenas mobilizaram-se para o reconhecimento oficial enquanto povos etnicamente diferenciados e reivindicavam não só a posse de terras, mas também ‘reparar’ perdas que, segundo afirmavam, foram apropriadas no processo de ocupação do território alagoano pelas elites locais com o apoio e coordenação do Estado. O ponto central dos debates foi ‘demonstrar’, uma indianidade para os órgãos estatais, onde tanto o Toré como o Ouricuri assumiram o papel formador de rituais, como aspectos ‘diferenciadores’ que separaram os índios da sociedade local e nacional, demarcando as fronteiras étnicas (FERREIRA, 2016, p. 178).

Portanto, o Toré e o Ouricuri demarcam uma diferenciação identitária, caracteriza aspectos centrais do modo de “Ser e viver Kariri-Xocó”, ancorados numa negociação em que o cristianismo deixou suas marcas. Durante a pesquisa de campo, nas festividades no território indígena, fui sempre convidada para entrar no Toré como prática de acolhimento. Durante muito tempo, essa prática foi proibida pelas autoridades ao povo Kariri-Xocó, como indicou Ferreira, “[...] principalmente a polícia, perseguia os indígenas, proibindo-os de dançar o Toré no local onde moravam” (FERREIRA, 2016, p. 181).

O indígena Lymbo, na narrativa registrada no suporte didático, evidenciou outros aspectos presentes no Toré:

---

<sup>62</sup>Lymbo [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 23.

As danças são feitas em círculo, geralmente ao redor de uma fogueira que é a forma da oração coletiva, por momentos de mãos dadas e por outros soltos. O Tóré é uma das formas básicas que mantém viva a cultura, como uma chama. Quando cantando as pessoas reavivam sua chama interior, unificando seus espíritos em um só. Une homens e mulheres, crianças e idosos, formando o equilíbrio de sustentação de um corpo coletivo: a tribo<sup>63</sup>.

Ao ler a descrição de como ocorre à dança do Toré, aspectos presentes na visão de mundo dos Kariri-Xocó, narrados por José Nunes de Oliveira em nossas conversas informais, foram evidenciados. O Toré unifica os espíritos em um só, formando o equilíbrio de sustentação do coletivo “o Toré, para gente é uma dança sagrada, faz parte da nossa religião, porque através dele a gente mostra a nossa origem<sup>64</sup>” (Figura 17).

**Figura 17 - Apresentação do Tóré do Povo Kariri-Xocó**



**Fonte:** Suporte didático *Índios na visão dos Índios Kariri-Xocó* (1999)

Nessas imagens é possível perceber o envolvimento das crianças Kariri-Xocó no Toré, evidenciado a atualização do ritual socializado de geração em geração, que os religa à sua ancestralidade e lhes possibilita o que entendem como o “Ser e viver Kariri-Xocó”. Importa

<sup>63</sup>Lymbo [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 23.

<sup>64</sup>Irany [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 24.



indicar que os rituais do Ouricuri e do Toré não são uma constante na experiência vivida por alguns povos indígenas no Nordeste, contudo, esses rituais são retomados pelos povos indígenas através de contatos interétnicos, nos processos de (re)identificação. Para Ferreira, "[...] a partir desses contatos ocorreu um fortalecimento da etnicidade demarcada pela adoção de práticas religiosas relacionadas ao 'Toré' e ao 'Praiá', materializando assim uma etnicidade (FERREIRA, 2016. p. 182)".

O Pajé, no grupo Kariri-Xocó, tem uma função definida, como indicou o próprio Pajé:

A função dele é mais pela área espiritual. Tem cacique, tem conselheiros, existem outras autoridades na tribo, mas a autoridade máxima é o Pajé. Todas as autoridades e a comunidade devem ser obedientes a ele nessa área. É a área mais forte nas aldeias que conservam sua origem espiritual. Nem todo mundo pode ser um Pajé, porque o Pajé já nasce feito, é um dom. Antes de eu assumir tive que pegar com o meu pai a orientação. Para qualquer pessoa, da aldeia ou de fora, posso fazer a cura. Dentro de minhas possibilidades eu ajudo, não precisa alguém pedir, está dentro de minha obrigação, meu dever. Por onde eu ando sempre tenho que levar o meu dever. Considero-me como um pai e o pai tem que garantir os filhos. Quando viajo posso estar longe materialmente, mas espiritualmente estou bem pertinho, estou de olhos, tenho minha concentração e minha visão<sup>65</sup>.

No texto o Pajé afirmou que sua função se situa no campo da espiritualidade. Aspecto importante que está presente no *Ser e viver Kariri-Xocó* "[...] o Pajé, assim como alguns curandeiros, entram em contato com um mundo místico para obter informações sobre a natureza e a causa da doença, em geral, o diagnóstico começa com uma longa conversa com o paciente" (SILVA, 2004, p. 72).

O texto ainda evidenciou o Ouricuri e sua função como um dos aspectos principais que os relaciona a ancestralidade do povo Kariri-Xocó, exigindo alguns cuidados para que a dimensão sagrada seja afirmada "[...] por se tratar de um espaço sagrado, deve-se respeitar algumas regras: a interdição de relações sexuais e a não ingestão de bebidas alcoólicas em um período anterior e posterior ao ritual" (SILVA, C., 2004, p. 31).

#### 4.1.2 Memórias do ser e do viver Kariri-Xocó

O contato com a terra, o olhar diferenciado com a Natureza e a preservação com o Rio São Francisco estão presentes como parte fundamental nas memórias narradas pelos Kariri-Xocó no suporte didático analisado.

---

<sup>65</sup>Pajé Júlio Suíra [ipsis litteris]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). *Índios na visão dos Índios*. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 21.

A vida no território indígena Kariri-Xocó, na sua cotidianidade também foi registrada e se faz memória do presente. “Mas não é fácil, tem que sair no sertão, tem que atravessar o rio, pegar lancha, que pode virar e nós podemos morrer, porque vai muita gente, vai mais da conta e fica perigoso... E nós vendemos pote por 2 ou 3 reais. A gente vai descalço, no sol quente, dá dor de cabeça<sup>66</sup>”.

Nesse fragmento, foram registradas as condições difíceis de sobrevivência do povo Kariri-Xocó. Durante a pesquisa de campo, percebi as diversas situações difíceis vivenciadas pelos indígenas. Muitos indígenas necessitam se distanciar do território indígena em busca de melhores condições de vida. Outra dificuldade se refere ao abastecimento de água (Figura 18). Um canal que levava água até o território indígena ficou durante muito tempo fechado nas margens do Rio São Francisco, sendo necessário um mutirão de limpeza do mato do canal para melhorar o abastecimento de água.

---

<sup>66</sup> Regiane [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 15.

**Figura 18 - O contato do Povo Kariri-Xocó com o Rio São Francisco**



**Fonte:** Suporte didático *Índios na visão dos Índios Kariri-Xocó* (1999)

Ao analisar a imagem acima, percebemos o contato do povo Kariri-Xocó com o Rio São Francisco, crianças, jovens, mulheres e homens em suas atividades cotidianas. O Rio São Francisco ainda resiste sendo essencial para o viver do povo Kariri-Xocó. “A agricultura é uma das principais atividades econômicas dos Kariri-Xocó, durante o inverno eles cuidam de suas roças, no decorrer do dia é comum os homens se dirigirem ao roçado com enxada nos ombros” (SILVA, 2004, p. 20).

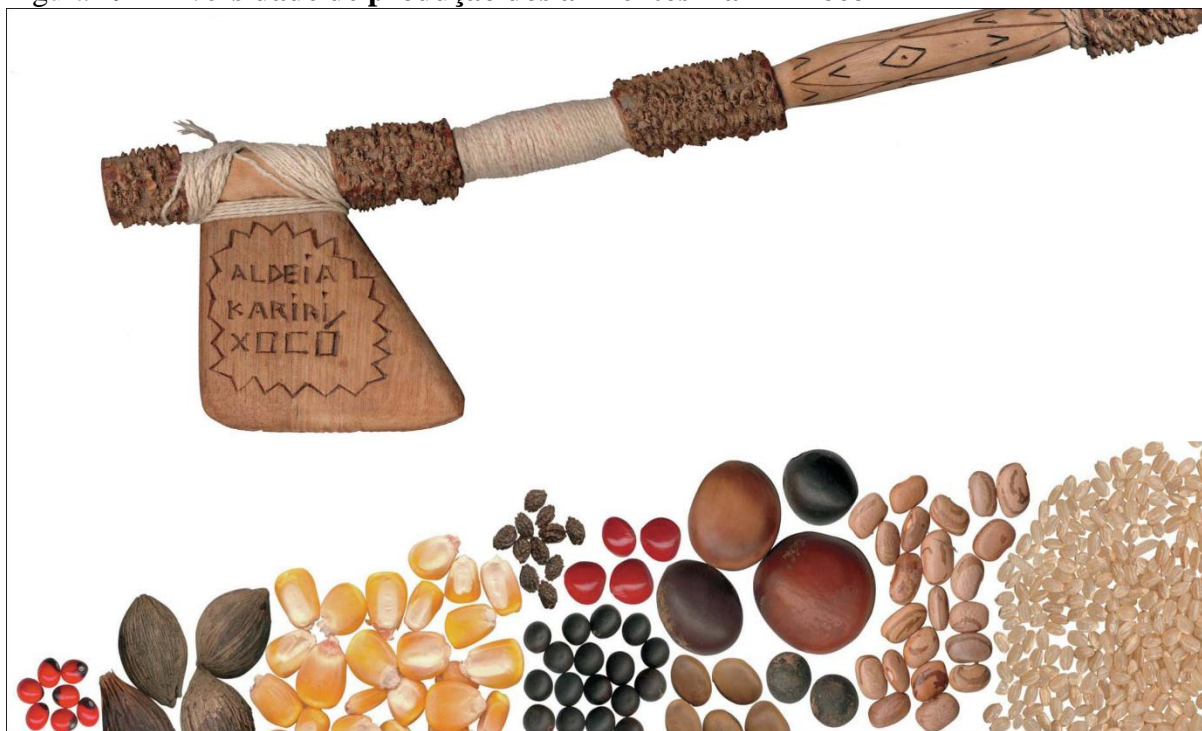
Outro fragmento importante no que se refere às memórias é o processo de alimentação introduzido nessa narrativa e presente no suporte didático. A narrativa de Nhenety possibilitou conhecer um pouco fragmentos de memórias do viver Kariri-Xocó em relação à produção da vida:

Então nesse período eles arrancavam mandioca e guardavam a farinha, tiravam o milho e armazenavam alguns grãos, guardavam o feijão e vários tipos de sementes preparando-se para a viagem, por exemplo, meu avô só porque não quis vender a sua colheita de roça para o superintendente foi

colocado na lista para ir na Primeira Guerra mundial e meu tio chegou a participar da Segunda Guerra Mundial<sup>67</sup>.

Ao analisar a narrativa acima, observamos que foi mencionado como ocorre o cultivo da mandioca e como os índios cuidam dos-alimentos e o significado dessa produção para o povo Kariri-Xocó (Figura 19). O universo indígena se organiza a partir de uma herança dos seus antepassados, transmitido de geração em geração. Porém, é necessário enfatizar que a produção agrícola também é comercializada, quando há excedentes. Silva (2004, p. 20), apontava para esse fator em 2004, afirmando que “[...] com ajuda de um trator, eles preparam a terra e plantam: milho, feijão, mandioca, macaxeira, palma, verduras e frutas, o excedente da produção, quando ocorre, é comercializado em Porto Real do Colégio ou nos municípios”.

Figura 19 - **Diversidade de produção dos alimentos Kariri-Xocó**



Fonte: Suporte didático *Índios na visão dos Índios Kariri-Xocó* (1999)

A imagem evidencia a importância dos alimentos de subsistência para o povo Kariri-Xocó que são essenciais para vida humana. Indica a base alimentar do povo Kariri-Xocó e relaciona a preocupação em socializar-ao jovem uma prática alimentar saudável, evidenciando os desafios para ser implementada e mantida devido às precárias condições que vive o povo. “[...] as áreas do cultivo são individuais: cada família é responsável por sua roça, recebendo a

<sup>67</sup>Nhenety [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). *Índios na visão dos Índios*. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 8.

ajuda de outros índios quando não conseguem dá conta sozinha, geralmente, a ajuda ocorre em meio à ‘panelada’, uma espécie de mutirão” (SILVA, 2004, p. 20).

No texto intitulado: “A palavra dos jovens índios” é possível vislumbrar a presença de práticas ancestrais, como por exemplo, na narrativa de Tawanã que afirmou: “a gente antes de pescar faz um círculo e pede para ter peixes e quando nós pescamos ficamos muito alegres de ter alimento. Nós não queremos muita riqueza, queremos nossas coisas simples, o índio tem que ser direitinho, honesto. Ser índio, para mim, é muito importante<sup>68</sup>”. As dificuldades de sobrevivência também constituem as memórias do povo Kariri-Xocó e foram registradas no suporte didático em análise, como observado na narrativa de Karen.

Para sobreviver aqui é difícil. Tem que suar. Para comer, temos que pegar um peixe. Fazer sacrifício de ir a lagoa, que é um perigo, porque podemos pegar germes, porque tem os porcos e daí podemos ficar doentes. Temos que passar por arames e podem levar cortes e a gente tem essa obrigação, senão, não tem o que comer. A gente sofre muito para ter o que comer... é uma enxada para fazer roça, fazer tijolos, pote, é pescar, é caçar, é tatu, teiú, peba, preá, mussu, camelão, raposa...<sup>69</sup>

As narrativas das crianças apresentam uma memória que receberam dos adultos e que experienciam em seu cotidiano. A sobrevivência desse povo foi apresentada como um dos processos de resistência ensinado pelos mais idosos, e presente no cotidiano das crianças Kariri-Xocó. No narrado é evidenciado esse sentimento de pertencimento em *Ser e viver Kariri-Xocó*.

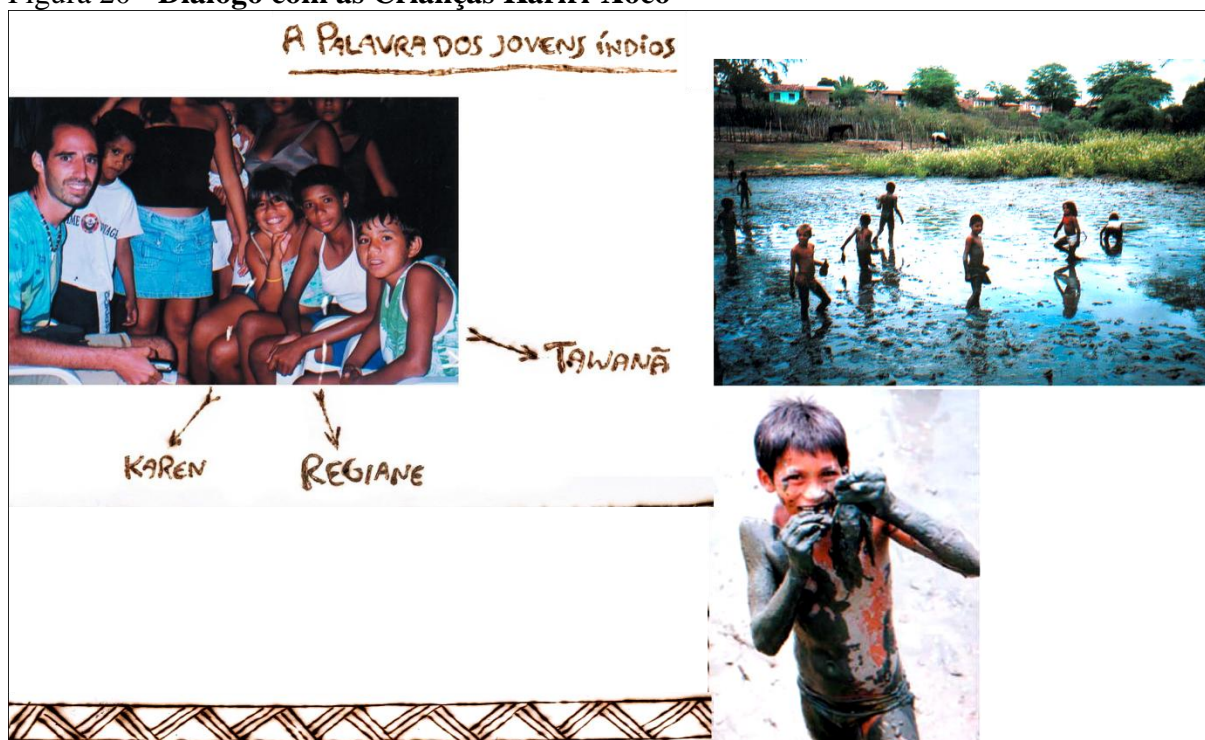
---

<sup>68</sup>Tawanã [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 11.

<sup>69</sup>Karen [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 11.



Figura 20 - Diálogo com as Crianças Kariri-Xocó



Fonte: Suporte didático *Índios na visão dos Índios Kariri-Xocó* (1999)

Ao observar e analisar uma das imagens acima percebemos as crianças: Karen, Regiane e Tawanã em diálogo com outras crianças e com um jovem - Sebastián Gerlic, presidente da ONG Thydêwa. A segunda imagem são as crianças Kariri-Xocó brincando no território indígena em um espaço que foi uma lagoa e que atualmente, está secando, como observando nas visitas realizadas no período da pesquisa de campo.

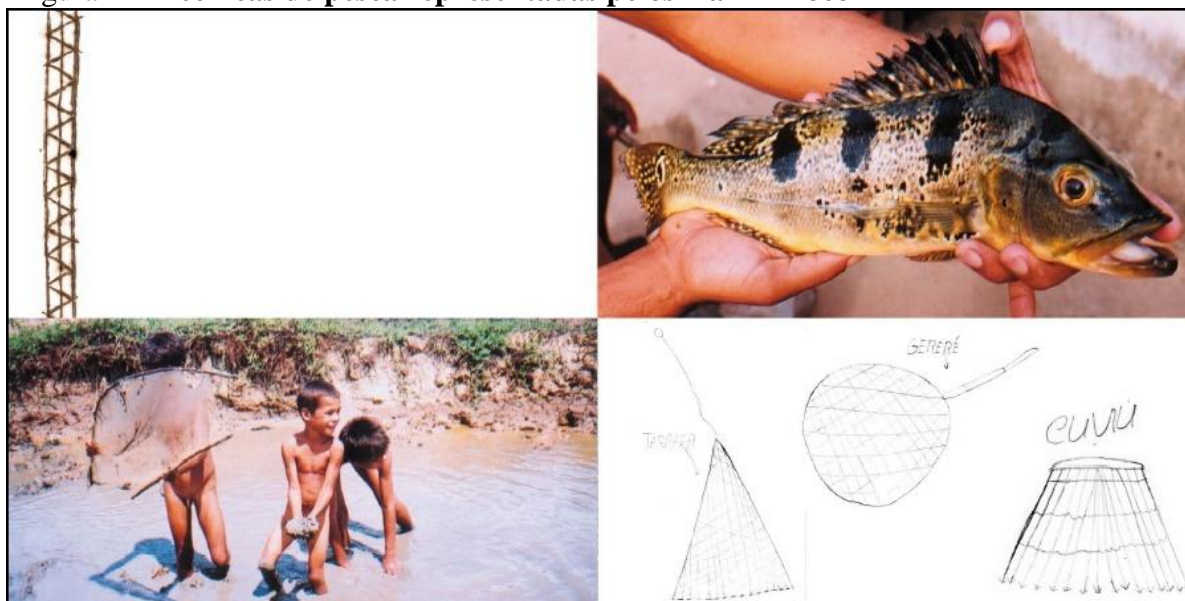
Antigamente tinha muito peixe. A gente pescava de mão, com cuvu (ferramentas de paus), com Tarrafa (rede), com Jereré (espécie de rede com aro). Agora não tem mais como pescar, o peixe ficou lá em cima, preso nas barragens (represas: Sobradinho, três Marias e Xingó). A gente tinha dois tanques de peixe e hoje não tem mais por falta de água. Antes tínhamos que fazer nenhum esforço para trabalhar, agora temos que se esforçar muito porque não tem mais a vagem. Agora está tudo parado. O rio está secando e não é mais suficiente para fazer a plantação. De repente eles querem vender o rio, tudo bem que tem pessoas necessitadas, mas e a gente aqui? Aqui era cheio d'água, muito peixe e hoje não tem nada!<sup>70</sup>

Na narrativa de Swyrany, evidenciam-se as práticas produtivas que remontam a um passado vivido. Swyrany comparou a pesca com a mão e os diversos tipos de ferramentas, com Tarrafa (rede), com Jereré (espécie de rede com aro) (Figura 21). Além disso, a

<sup>70</sup>Swyrany [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). *Índios na visão dos Índios*. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 12.

preocupação com o rio é algo presente nesse fragmento, principalmente quando se questionou a sua venda e com uma pergunta: *De repente eles querem vender o rio, tudo bem que tem pessoas necessitadas, mas e a gente aqui?* O contato com o rio é algo presente nas memórias do povo Kariri-Xocó e sua preservação com o Ambiente é uma preocupação para o povo que convive com esse rio e de onde tirava sua subsistência.

**Figura 21- Técnicas de pesca representadas pelos Kariri-Xocó**



**Fonte:** Suporte didático *Índios na visão dos Índios Kariri-Xocó* (1999)

As imagens apresentam o contato e a necessidade da preservação do rio como uma das formas de subsistência do povo Kariri-Xocó. Mais do que evidenciar o caráter utilitário do rio, indicam que compõe mesmo o “Ser e viver Kariri-Xocó”. Os desenhos: o cuvu (ferramentas de paus), a Tarrafa (rede) e o Jereré (espécie de rede com aro) registram a importância desses materiais para a sobrevivência do povo em estudo.

Importa destacar, que os impactos da colonização foram extremamente violentos, pois os colonizadores subtraíram mais que a língua e a religiosidade, negaram também as formas de produzir a vida dos povos indígenas. A expropriação da forma de viver mantém os indígenas com muitas necessidades, principalmente no Nordeste brasileiro. Como afirmou Neves, “o Nordeste é uma das regiões no Brasil que mais foi impactada pela colonização portuguesa e posteriormente, os povos indígenas foram esbulhados de suas terras” (NEVES, 2017, p. 175).

Na expropriação da terra que impede a produção da vida, os efeitos ressoam no cotidiano do povo Kariri-Xocó.

A gente acorda de manhãzinha, abre o armário e não tem nada, e vai para a cidade e vê muitas coisas, mas não pode comprar porque não tem dinheiro... A minha cabeça sempre fala, não perca as esperanças, porque algum dia você pode ser quem você é, porque tantos cantores que foram pobres, hoje vivem bem, só cantando... Os pais da gente se sentem culpados porque não podem dar o que nós merecemos. Mas quando nós temos o que comer a gente se sente feliz<sup>71</sup>.

Ao analisar o fragmento transcrito, percebemos que nas memórias do viver as dificuldades para a sobrevivência são evidenciadas. Dificuldades minimizadas e até invisibilizadas na sociedade brasileira que ao demarcar um território indígena se isenta da “culpa” da violência primeira, qual seja a da tomada do território. É preciso destacar, que a sobrevivência indígena não depende somente da demarcação do território. Os rios estão secando e nas matas ocorreram profundas transformações pela forma como se praticou a agricultura no país, empobrecendo o solo e desequilibrando o ecossistema. Sem um solo adequado para a prática da agricultura de subsistência, sem peixes no rio e com águas contaminadas, a sobrevivência indígena é precária, principalmente no campo da produção da vida.

Como afirmou Regiane: “Se você acordar e não tiver nada... sem café, sem açúcar, sem pão, o que vocês fariam? Tudo né? Arrisca a vida, faz tudo!”<sup>72</sup>.

Karen, em sua narrativa registrou que:

Quando a gente fica doente não sabemos do que é, pode ser da água que a gente bebe no rio... mas para não ver as nossas mães sofrendo em casa a gente sai para pegar um peixe ou vender um pote... E quando a gente pega uma coisa é uma alegria. Todos os índios são iguais, cada um se vira de um jeito. O índio não é preguiçoso, ele acorda cedinho e vai para a roça plantar milho, feijão... O índio é trabalhador. O índio faz tudo para dar de comer a seus filhos<sup>73</sup>.

No trecho, um ponto importante identificado foi à imagem que a sociedade ainda tem sobre os indígenas como incapazes e preguiçosos. Característica atribuída ao indígena que se consolidou no imaginário brasileiro e se perpetua como inverdades desrespeitosas acerca dos povos indígenas. Contudo, como afirmou Silva, “[...] os índios no Nordeste vêm ocupando cada vez mais o cenário sociopolítico regional e assim questionando as tradicionais visões e imagens que advogam a inexistência, a extinção ou ainda o gradual desaparecimento dos

<sup>71</sup>Karen [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 13.

<sup>72</sup>Regiane [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 13.

<sup>73</sup>Karen [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 13.

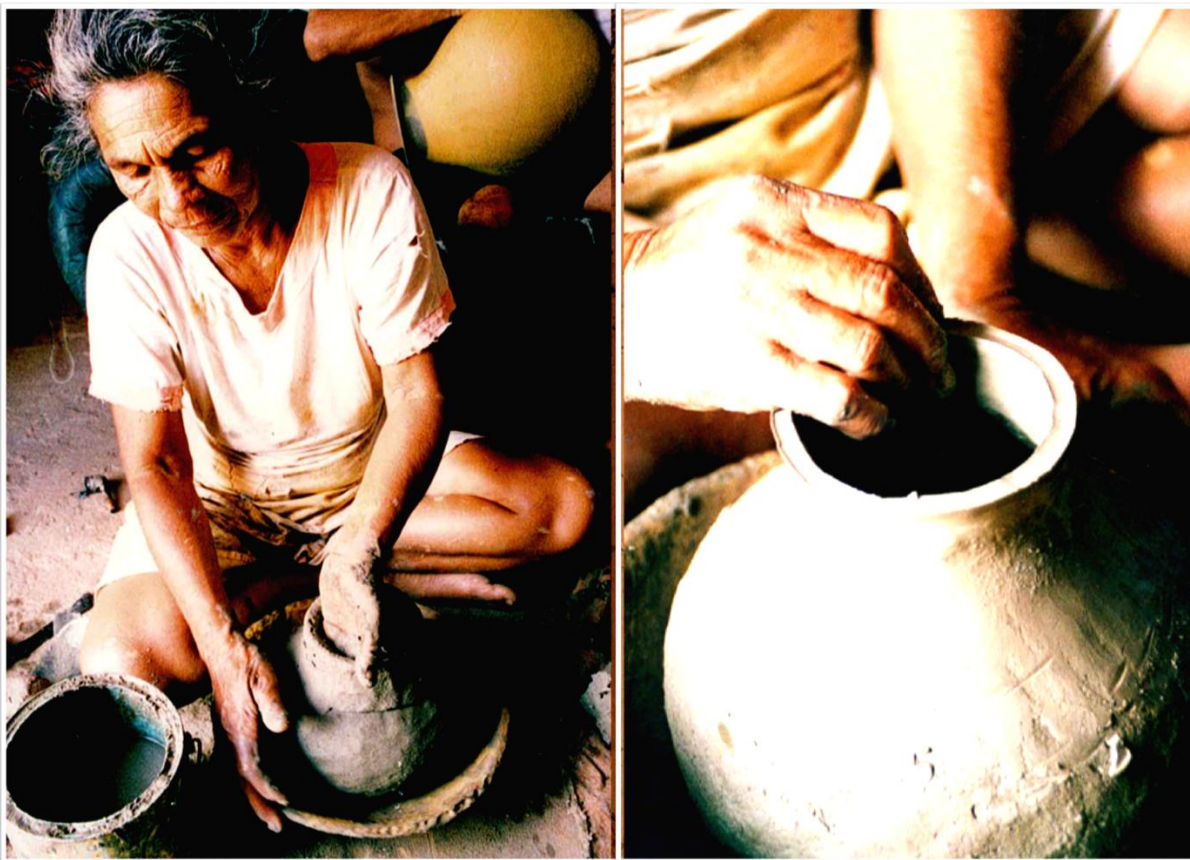


povos” (SILVA, 2011, p. 314). Perceber a importância dos povos indígenas no cenário brasileiro e principalmente, no Nordeste implica em considerar os processos de mobilizações que ocorreram e ocorrem na busca de melhores condições de vida e na afirmação de identidades e culturas próprias.

A busca por melhores condições de vida para o povo Kariri-Xocó é uma mobilização constante, pois na medida em que a população cresce os problemas sociais aumentam. Problemas em que estão implicadas as relações existentes dentro e fora do território.

Nas narrativas referentes ao artesanato, foi possível perceber durante a pesquisa de campo a confecção de diversas peças de artesanatos com o objetivo da comercialização que ocorre no território indígena e fora dele. “Atualmente, eles vêm produzindo uma grande variedade de artesanatos: colares, pulseiras, maracás, lanças, cachimbos (xanduca) e diversos objetos em barro e madeira” (SILVA, 2004, p. 21). Trata-se de uma importante atividade econômica para subsistência do grupo.

**Figura 22 – Técnicas das ceramistas Kariri-Xocó**



**Fonte:** Suporte didático *Índios na visão dos Índios Kariri-Xocó* (1999)

As imagens refletem a técnica das ceramistas em relação ao barro com a produção das panelas, tachos e potes utilizados para armazenar a água. A atividade de produção cerâmica é

considerada pelo povo Kariri-Xocó uma arte milenar com suas simbologias, que são aspectos essenciais para pensar o referido povo.

#### 4.1.3 Memórias do conviver Kariri-Xocó

As narrativas, aqui nomeei como *Memórias do conviver Kariri-Xocó*, aproximam-se de aspectos importantes relacionados à negação da identidade e da cultura desse povo, que a partir do processo colonizador passou a viver em condições precárias, dispersos de seus territórios, e, em sua maioria trabalhando de aluguel para os latifundiários das regiões de fixação após a extinção dos aldeamentos.

Fomos chamados de índios até 1798, quando foi fundada a Diretoria dos índios, começando assim os critérios de discriminação. Passaram a nos chamar de Caboclos. Os jesuítas tinham nos obrigados a morar ao redor da Igreja, mas os colonizadores chegando diziam: ‘Índios saiam daqui, quem vai morar é a classe alta’. Afastaram-nos da Missão e nos reduziram a morar numa rua estreita<sup>74</sup>.

Uma marca constante nas narrativas são as memórias da discriminação dos povos indígenas no Brasil, especificamente em Alagoas, em que foram chamados de caboclos, o que foi compreendido como a destituição da sua indianidade. Esse processo de nomear o indígena como caboclo constituía parte da estratégia para a expropriação dos territórios indígenas, como mencionado. Estratégia que foi disseminada por meio de variadas formas como a literatura e imagens. Para Silva, “a imagem do caboclo aparece em obras literárias sobre fatos pitorescos, recordações, ‘estórias’ das regiões Agreste e Sertão nordestino. Como personagens típicos e curiosos que buscavam se adaptar às novas situações” (SILVA, 2011, p. 315).

As memórias presentes no trecho abaixo de um passado de “guerras”, embora se refiram ao modo do viver Kariri-Xocó e reflitam uma memória herdada, também se referem à percepção dos indígenas em relação aos não índios e à forma como estes vivem. Assim, Karen com apenas 10 anos apresentou o que significa a riqueza em sua vida e o quanto fica triste quando vê seu pai chorar e com esperança de ter um futuro melhor para si e para o povo Kariri-Xocó.

Quando vejo televisão fico pensando, esses ricos desprezam tanta comida, eles jogam comida fora e a gente precisando. Mas a riqueza não é tudo, quando a gente ama, ama. Eu quero um homem que trabalhe, que seja

<sup>74</sup>Nhenety [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). *Índios na visão dos Índios*. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 09.

honesto, não quero que me dê riqueza, quero que me dê amor. Eu vejo meu pai chorar, vejo o quanto à gente sofre e peço a Deus e tenho esperança que um dia me ajude, pode ser hoje ou amanhã. Nós já sofremos muito, levamos guerras e guerras, mas nós temos que demonstrar o que a gente é, o que a gente sente, o que a gente pensa. Tem pessoas que por nos ver de chinelos ou de tênis acha que a gente não é índio. Aqui a gente se sente muito desprezado<sup>75</sup>.

A narrativa de Karen me remete a refletir que no projeto de uma nova nação não havia espaço para pensar na pluralidade étnica e principalmente, quando se referem aos povos indígenas no Nordeste e especificamente, em Alagoas. “Os atuais povos indígenas questionam, portanto, as reflexões sedimentadas no desaparecimento indígena na Região e se constituem em um desafio, uma demanda para compreensão dos processos históricos” (SILVA, 2011, p. 315).

Para Swyrany ser índio é:

Ser índio para mim é uma coisa muito importante porque eu tenho orgulho de ser índia. O índio é uma pessoa que não mexe com ninguém, mas se alguém mexer com ele, aí não vai só ele, vão todos. Nós somos unidos, é o mesmo sangue correndo nas veias, um se dói pelo outro... sabendo fazer amizade com o índio ele é uma ótima pessoa. Deus está sempre com nós todos, tanto com o índio como com o branco, se você tem fé ele está com você, o mesmo amor que tem por você, tem por mim também. Aqui nós ficamos calmos, temos nossa Xanduca (cachimbo com fumo de corda). Fumar é uma proteção e uma forma de conversar com Deus e fazer os pedidos, temos os velhos que rezam, temos nosso ritual<sup>76</sup>.

Perceber a sensibilidade da jovem Swyrany no sentimento de pertencimento ao povo Kariri-Xocó é algo que evidencia o orgulho em ser indígena apesar de todas as dificuldades existentes. Outro aspecto a ser destacado na narrativa é a afirmação de que “Deus está sempre com nós todos, tanto com o índio como com o branco, se você tem fé ele está com você [...]”. Observa-se a presença da formação cristã que se solidificou na forma de ser Kariri-Xocó. Séculos de colonização cristã, contribuíram sobremaneira na reinvenção das memórias e da identidade desse povo. Como afirmou Bosi, “[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado, a memória não é um sonho, é trabalho” (BOSI, 1994, p. 55). E ao refazer, repensar e reconstruir as vivências, as memórias sustentam um passado que ao ser narrado, mesmo por

<sup>75</sup>Karen [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 14.

<sup>76</sup>Swyrany [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 14.

quem não o viveu, vai compondo uma memória comum ao grupo. Memórias que ao serem registradas no suporte didático, utilizado na escola, foram apropriadas como as memórias do grupo.

Essas memórias, ao serem mobilizadas para a Educação Escolar Indígena, contribuem para refazer, reviver e reconstruir um passado ao qual seja possível pertencer. Um passado que ao ser apropriado compõe o modo de “Ser e viver Kariri-Xocó”.

Ainda no campo das memórias do conviver Kariri-Xocó, a (Figura 23) se refere à diversidade do povo Kariri-Xocó, que também está presente no campo do ser e viver em relação à cultura, à religiosidade, à produção e as relações que se estabelecem entre índios e não índios.

**Figura 23 - A Diversidade do Povo Kariri-Xocó**



**Fonte:** Suporte didático *Índios na visão dos Índios Kariri-Xocó* (1999)

As relações entre os indígenas e não indígenas, em algumas situações, podem ser pacíficas, o que não é a regra. Frequentemente, os encontros ao longo da história são conflituosos e desiguais. Alguns aspectos desses conflitos, bem como de encontros não conflituosos, podem ser percebidos na narrativa de Dona Chica.

Tem branco que gosta de a gente outros que não. Tem fazendeiros que querem nos prejudicar. Em fevereiro, agora 2001, nosso mato pegou fogo, eu não sei se foram os brancos que botaram fogo, sei que o fogo veio de fora, do cercado deles. O mato estava queimando, nosso Ouricuri estava pegando fogo, muito. Tudo mundo caiu dentro, era mulher, era homem, era menino, pegando água, com ramas mais não apagava. Era muita reza, porque nós



temos a nossa religião, então muitos homens entraram no fogo, dentro mesmo, também meninos entraram. Saíram pretos como carvão, pingando suor, muito cansado, mas apagaram o fogo. Eu não posso dizer muito, não posso lhes dizer como, porque é nosso segredo, mais eles entraram dentro mesmo e apagaram porque Deus é bom<sup>77</sup>.

Nas memórias de Dona Chica, observamos as relações com os fazendeiros e a presença de preconceitos com a religião do povo Kariri-Xocó. Narra a destruição da mata do Ouricuri e a mobilização das pessoas para que o fogo pudesse ser apagado. A mata é apresentada como um aspecto sagrado para os indígenas no território.

As memórias narradas e registradas no suporte didático *Ser e Viver Kariri-Xocó*, também possibilitam conhecer como os indígenas se relacionam com a natureza, como convivem com ela. O indígena Lyombo afirmou que “o reflexo da natureza é ela mesma, pois consegue mostrar seu brilho nos poucos espaços que lhe favorece, dando vida a vida e fazendo nos refletir sobre ela, buscando assim a consciência de um amanhã<sup>78</sup>”.

**Figura 2 - Representação do Reflexo da Natureza**



**Fonte:** Suporte didático *Índios na visão dos Índios Kariri-Xocó* (1999)

O contato e o olhar diferenciado com a Natureza e com a preservação do Ambiente evidenciado na imagem remetem ao afirmado por Jecupé, para quem os indígenas “[...] nasceram e se desenvolveram experiências, vivências e interações com a floresta, o cerrado,

<sup>77</sup>Dona Chica [ipsis litteris]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). *Índios na visão dos Índios*. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 29.

<sup>78</sup>Lyombo [ipsis litteris]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). *Índios na visão dos Índios*. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 05.

os rios, as montanhas e as respectivas vidas dos reinos animal, mineral e vegetal” (JECUPÉ, 1998, p. 12).

Na narrativa de autoria de José Nunes de Oliveira (Nhenety) pode-se ler:

Hoje nós queremos ensinar ao ‘branco’ a AMAR A NATUREZA, proteger o ambiente, conversar com os animais, não extinguir as espécies, tirar da natureza só aquilo que precisa; como também a AMAR A SUA FAMÍLIA, respeitar os idosos e as crianças, viver com todos como irmãos. Eu tenho sentido os ‘brancos’ com muito interesse em aprender esta harmonia<sup>79</sup>.

Nas palavras do guardião das tradições Kariri-Xocó das memórias Kariri-Xocó, a sociedade precisa aprender a proteger o Ambiente, conversar com os animais e preservar a Natureza. Memórias que trazem um ensinamento aos mais jovens índios e não índios, refletindo a preocupação dos mais velhos com a preservação da Natureza. A conscientização faz parte do modo de viver do referido povo em estudo. Nhenety ainda em seus argumentos afirmou:

Hoje se fala de desenvolvimento, mas parece que se refere só a matéria, esquecendo o social, o cultural, o ambiental, e o espiritual, os políticos e os cientistas só enxergam o ponto de vista econômico e tecnológico. Desenvolvimento mesmo só existe quando é completo; quando deixa de ser uma luta pela sobrevivência, como a nossa, e passa a ser um viver em verdade, harmonia e alegria<sup>80</sup>.

O ambiente compõe as memórias do conviver Kariri-Xocó, pois na narrativa de José Nunes indicaram que só existe desenvolvimento completo quando se passa a viver em harmonia e alegria com a sociedade.

Foi possível afirmar que as memórias identificadas no suporte analisado fazem parte de um conjunto de aspectos que estão presentes no cotidiano escolar contribuindo na educação intercultural indígena do povo Kariri-Xocó, no sentido de promover as memórias dos mais idosos. Nesse sentido, evidenciar os significados dessas narrativas para a Educação Escolar Indígena dos Kariri-Xocó foi uma tentativa de aprender quais as memórias e os significados presentes no cotidiano indígena. Identificar e analisar as memórias veiculadas nos suportes didáticos dos Kariri-Xocó foi apenas uma das formas para pensar a Educação Escolar Indígena, diferenciada e intercultural daquele povo indígena. Ao identificar e refletir sobre as memórias narradas, é possível perceber quais são as memórias consideradas

<sup>79</sup>Nhenety [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 26.

<sup>80</sup>Nhenety [*ipsis litteris*]. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999. p. 27.

significativas para serem registradas e socializadas aos mais jovens e também aos não índios. Reflexões que retorno ao concluir em seguida.

Contudo, antes de proceder às reflexões finais, convém indicar que permanecer no território indígena para realizar a pesquisa foi importante em todos os momentos e, a cada encontro, tornavam-se necessárias anotações, a escuta dos indígenas para compreender a forma de ser e viver registrada no suporte didático, mas também para conhecer suas mobilizações, resistências e sobrevivência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, as memórias veiculadas em um dos suportes didáticos produzido pelos Kariri-Xocó e utilizados na Educação Escolar Indígena foram analisadas. Para tanto, me propus a conceituar as memórias no campo da pesquisa histórica e no âmbito do pensamento indígena; a identificar as memórias veiculadas no suporte didático dos Kariri-Xocó/AL e a entender os significados dessas narrativas para a Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural para os citados indígenas.

Procurei compreender como essa construção vincula-se ao pensamento indígena. Minha percepção se tornou mais evidente no período da pesquisa de campo no cotidiano do território indígena Kariri-Xocó, especificamente na Escola Estadual Pajé Francisco Queiroz Suíra, como descrito neste estudo. Acredito que a escola indígena tem um papel fundamental na afirmação das identidades étnicas, contribuindo para a história dos povos indígenas, principalmente por meio do trabalho com as memórias.

A pesquisa foi realizada a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa em Educação, com a abordagem fenomenológica-hermenêutica, objetivando evidenciar a significação da memória dos Kariri-Xocó como sujeitos autores de sua história. O tipo de pesquisa realizada foi o estudo de caso por se tratar de um estudo em profundidade, cujos resultados referem-se a esse grupo em específico. Na pesquisa de campo adotei uma postura etnográfica que possibilitou a escuta dos/as professores/as indígenas, das lideranças Kariri-Xocó, especificamente de José Nunes de Oliveira, e das ceramistas presentes no cotidiano escolar.

Nesse sentido, foi possível refletir sobre a presença dos povos indígenas na História do Brasil e particularmente em Alagoas, e, em especial, sobre a trajetória do povo Kariri-Xocó, a partir da chamada nova história indígena em que se busca conhecer ações e interpretações de sujeitos, diante de diversas situações ao longo da História do Brasil. Entendo que as ações dos povos indígenas devem ser observadas a partir de suas experiências socioculturais e específicas. Uma análise nesse sentido só se tornou viável com a recusa da noção de cultura estática, que engessa as ações dos sujeitos históricos. Para isso, foi necessário aproximar-me da História, da Antropologia e do pensamento indígena no que se refere à Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural.

Para compreender as memórias veiculadas no suporte didático, foi necessário analisar a memória coletiva por meio dos processos de reconhecimento de uma educação pensada a



partir dos indígenas, em que a escola é apresentada como promotora das transformações individuais e sociais.

O conceito de memória no campo da pesquisa histórica e no âmbito do pensamento indígena foi um dos aspectos para pensar a Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural, pois como afirmou Halbwachs (2003) à memória coletiva é um elemento essencial para o entendimento dos processos históricos entre grupos “[...] essas lembranças existem para todo o mundo nesta medida e é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando desejamos” (HALBWACHS, 2003, p. 67).

Para a análise das memórias narradas e registradas no suporte didático, elegi três aspectos que se mostraram significativos para compor a análise. Identifiquei que as memórias narradas evidenciavam em especial três eixos vivenciados pelo povo Kariri-Xocó: as memórias de origens; memórias do ser e viver e memórias do conviver, o que possibilitou conhecer o modo de “Ser e viver Kariri-Xocó”, evidenciando o reconhecimento desse povo indígena que durante muito tempo assumiu o lugar da invisibilidade, em razão de perseguições.

As memórias de origens refletem o pensamento dos Kariri-Xocó sobre o surgimento de mundo, sobre a concepção circular em que aborda toda uma ancestralidade por meio da trajetória do povo Kariri-Xocó. As memórias do viver em suas narrativas abordam a produção, alimentação e o modo de vida do povo em estudo e nas memórias do conviver narram as relações com os sujeitos, com os outros e com a Natureza.

As memórias narradas e veiculadas no suporte didático produzido pelos Kariri-Xocó para a Educação Escolar Indígena evidenciam a ancestralidade, o sentimento de pertencimento, o processo de mobilizações do povo Kariri-Xocó, o Ouricuri, o Toré, enfim, o modo de ser indígena. Todas essas memórias coletivas e individuais são discutidas na escola como lugar de construção, (re)construção e afirmação dos sentidos do ser Kariri-Xocó, assumindo uma centralidade no processo de construção identitária do citado povo. Nesse sentido, analisar as memórias veiculadas no suporte didático produzido pelos Kariri-Xocó significou uma aproximação do universo vivido pelos indígenas, especialmente no âmbito da Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural.

Apesar das políticas de reconhecimento dos territórios indígenas se utilizarem da memória coletiva como instrumento de legitimação, nesse processo, a memória coletiva foi analisada, não de forma totalitária, mas no sentido de visibilizar as referências até então desprezadas pelas posturas ideológicas impostas ao povo Kariri-Xocó. Ao propor-me a

analisar as memórias veiculadas no suporte didático “Índios na visão dos Índios – Kariri-Xocó” busquei, estabelecer um diálogo direto das memórias individuais com a construção da memória coletiva, em que “[...] o protagonismo foi rompendo o silêncio e a sua identidade se materializando [...]” (PEIXOTO, 2017, p. 44).

Acompanhar o cotidiano do povo Kariri-Xocó e conhecer a Escola Estadual Pajé Francisco Queiroz Suíra possibilitou compreender o modo de “Ser e viver Kariri-Xocó” através das memórias dos mais idosos. Entrevistar os/as professores/as, os indígenas e as lideranças, fez com que eu percebesse a importância e os significados das memórias por meio do suporte didático como espaço de afirmação de uma identidade. Assim, compreender o que é Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural para os/as professores/as indígenas Kariri-Xocó fez-se necessário para entender as concepções sobre educação e como construíram-se no universo escolar em que a escola é um dos lugares de criação dos diversos conhecimentos do povo em estudo.

As conversas informais com José Nunes de Oliveira no alpendre de sua casa apresentavam o sentimento de pertencimento ao território indígena Kariri-Xocó. A importância em ter uma escola indígena no território é algo presente em suas memórias; que apesar de todas as dificuldades que existem mobilizam-se em busca de uma educação pensada a partir do indígena como um dos aspectos de afirmação do povo Kariri-Xocó. Nesse sentido, participar das atividades no território indígena constituiu-se como base para entender os significados atribuídos à escola.

Durante a pesquisa de campo, foi possível perceber que o povo Kariri-Xocó reafirma nas memórias narradas o seu modo de “*Ser e viver*” por meio do lugar onde vivem e por meio das práticas socioculturais do Toré e do Ouricuri. Estas práticas estão presentes na Escola do referido estudo. Concordo com Oliveira: “o Toré representa uma das expressões identitárias mais acentuadas entre os povos do nordeste, sua expressão não nasceu como um signo ligado à relação do Estado e sim como elemento de legitimação étnica” (OLIVEIRA, A., 2013, p. 109). Nessa perspectiva, a escola tem um papel de destaque no território, sendo um dos principais meios para pensar o sentimento de pertencimento e para a afirmação da identidade do povo. Identidade que não pode ser silenciada através do tempo.

Convém considerar que, nessa pesquisa, antes de analisar o suporte didático foram identificados às memórias expressas nos materiais. Foi possível evidenciar nessa análise que também foram apresentados através da História as relações estabelecidas entre os índios e os colonizadores. “Estas relações entre índios e colonizadores, ora eram caracterizados como

relações de poder, que vem a ser imposição de um e submissão do outro, ora como relações de interesse a partir dos indígenas” (NEVES, 2017, p. 175-176).

Estudar o povo Kariri-Xocó significa considerar as relações construídas por indígenas e não indígenas, observando as suas especificidades para que se possa evidenciar a sensibilidade das memórias presentes no cotidiano do povo em estudo, compreendendo que a memória é um dos aspectos que contribuem para pensar historicamente os povos indígenas. Nesse sentido, a Escola é um campo fértil para pensar nas memórias vivenciadas pelos mais idosos e principalmente, pelas ceramistas presentes na pesquisa: “[...] nas lembranças de velhos aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza o velho de um lado busca a confirmação do que se passou com os seus coetâneos em testemunhos que investiga, pesquisa, confronta esse tesouro que o guardião” (BOSI, 1994, p. 83). Considerar as memórias como parte da Educação Escolar Indígena e diferenciada, significa considerar o protagonismo indígena, em que suas memórias são expressas e evidenciadas para pensar os aspectos socioculturais do povo indígena em relação com os outros.

Os resultados evidenciam que os significados atribuídos nesse suporte didático, produzido coletivamente, efetivou-se no campo das memórias e do pensamento indígena Kariri-Xocó, possibilitando a pensar sobre a atuação da escola indígena diferenciada e intercultural, muitas vezes sendo invisíveis e ignorados por parte do governo de Alagoas.

Portanto, a partir desta pesquisa, concluo que o significado dessas narrativas para a Educação Escolar Indígena diferenciada e intercultural entre os Kariri-Xocó é fortalecer a relação de pertencimento a uma cultura e a um território. Relação de pertencimento e de identificação que se processa ao acessar as memórias dos antepassados. Preocupação que é evidenciada pelo povo no território indígena, lideranças e professores/as da Escola Estadual Pajé Francisco Queiroz Suíra, que ao registrar suas memórias e utilizar esse suporte didático contribuem para o fortalecimento de uma identidade por meio das memórias dos mais idosos, sobretudo em espaços como o Ouricuri e o Toré, que se constituem como espaços de afirmação da cosmologia e identidade do povo Kariri-Xocó.

## REFERÊNCIAS

- ADUGOENAU, Félix Rondon. **Saberes e fazeres autóctones do povo Bororo**: contribuições para a educação escolar intercultural indígena. (Dissertação de Mestrado em Educação). Mato Grosso: Universidade Federal de Mato Grosso, 2015.
- ALBUQUERQUE, Maria do Socorro Craveiro de. **Aprendizagem da docência no Projeto de Autoria da Comissão Pró-Índio do Acre**: história de vida de professores indígenas. (Tese de Doutorado em Educação). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2005.
- ALMEIDA, Luiz Sávio de. (Org.). **Os índios nas falas e relatórios dos Presidentes da Província das Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 1999.
- ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Índios de Alagoas**: memória, educação, sociedade. Maceió: EDUFAL, 2011.
- ALMEIDA, Luiz Sávio de. Uma pequena introdução. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de; ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 20 -160.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Metamorfoses indígenas**: identidades e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- AMORIM, Siloé. **Índios ressurgidos**: a construção da auto-imagem dos Tumbalalá, os Karuazu, os Catokinn e os Koiupanká. Campinas: Edição do autor, 2003.
- ANDRÉ, Marli E. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber, 2005.
- ANTUNES, Clóvis. **Índios de Alagoas**: documentário. Maceió: EDUFAL, 1984.
- ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BANIWA, Gersem. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.
- BARBALHO, José Ivamilson Silva. **Discurso como prática de transformação social**: o político e o pedagógico na educação intercultural Pankará. (Tese de Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012.
- BASTOS, Cecília Maria Chaves Brito. **Educação Escolar Indígena na Região do Uaçá no Município de Oiapoque-AP (1964-1985)**. (Tese Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
- BENITES, Eliel. Oguata **Pyahu (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da Educação Escolar Indígena da Reserva Indígena Te'ýikue**. (Dissertação Mestrado em Educação). Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2014.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Povos Indígenas: conhecer para respeitar. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida *et al.* (Orgs.). **Povos Indígenas e Educação**. 2. ed. Porto Alegre: Medição, 2012, p. 10.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MEDEIROS, Juliana Schneider. História, memória e tradição na Educação Escolar Indígena: o caso de uma escola Kaingang. **Revista Brasileira de História**, v. 30, nº 60, 2010. p. 55-75.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONIN, Iara Tatiana. Educação escolar indígena e docência: princípios e normas na legislação em vigor. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida *et al.* (Orgs.). **Povos Indígenas e Educação**. 2. ed. Porto Alegre: Medição, 2012, p. 33.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **O Plano Nacional de Educação 2014-2024**. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BRASIL. **Resolução nº 05, de 22 de junho de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=10806-pceb013-12-pdf&category\\_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10806-pceb013-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192)>. Acessado em 12 de julho de 2017.

BRASIL. IBGE. Características gerais dos indígenas. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2012.

BRASIL. **Lei n.º 11.645, de 10 março de 2008**. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, v. 134, n. 248, Seção I, p. 27.834-27.841. Brasília. DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <[www.senado.gov.br/legislação/const/](http://www.senado.gov.br/legislação/const/)>. Acesso em 06/05/2017.

BUCCI, Eugênio; FREIRE, Alipio. Ailton Krenak - Receber sonhos. **Revista Teoria e Debate**. Edição n. 7, 1º de julho de 1989. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/index.php?q=materias/nacional/ailton-krenak-receber-sonhos>>. Acesso em: 01 de outubro de 2017.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRO, Maria Zenaide Gomes de. **Tecendo novos olhares para a Educação Escolar Indígena**: a escola diferenciada Huni Kuin na Região do Breu e seus diversos atores. (Dissertação Mestrado em Educação). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2015.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org.). **História dos índios no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DANTAS, Mariana Albuquerque. Identidades indígenas no Nordeste. In: WITTMANN, Luisa Tombini (Org.). **Ensino (d)e História Indígena**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 81.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Editora WMF, 2010.

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2000.

FERNANDES, Ulysses. O que é fulkaxó. In: FERNANDES, Ulysses (org.). **Fulkaxó ser e viver Kariri-Xocó**. São Paulo: Edições SESC, 2013, p. 13.

FERREIRA, Bruno. **Educação Kaingang**: processos próprios de aprendizagem e Educação Escolar Indígena. (Dissertação Mestrado em Educação). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

FERREIRA, Gilberto Geraldo. **Educação formal para os índios**: as escolas do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) nos Postos Indígenas em Alagoas (1940-1967). (Tese Doutorado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

FERREIRA, Gilberto Geraldo. Uma História da Educação Escolar Indígena em Alagoas. In: ALMEIDA, Luiz Sávio *et al.* (Orgs.). **Índios de Alagoas**: história e sociedade. Maceió: EDUFAL, 2014, p. 32.

FERREIRA, Gilberto Geraldo. Terra, escolarização e educação como processo de formação para os Xucuru-Kariri. In: ALMEIDA, Luiz Sávio *et al.* (Orgs.). **Terra em Alagoas**: temas e problemas. Maceió: EDUFAL, 2013, p. 129.

FERREIRA, Gilberto Geraldo. O ensino da história indígena: uma análise sobre os livros didáticos de História em Alagoas e em Pernambuco. **Revista de História**, Petrolina, jun./nov., 2012, p. 26-38.

FERREIRA, Gilberto Geraldo. Lembranças de Antônio Celestino: Pajé Xucuru-Kariri. In: ALMEIDA, Luiz Sávio *et al.* (Orgs.). **Índios de Alagoas: memória, educação, sociedade**. Maceió: EDUFAL, 2011, p. 23.

FERREIRA, Gilberto Geraldo. **A Educação dos Jiripancó: uma reflexão sobre a escola diferenciada dos povos indígenas em Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2009.

FLEURI, Reinaldo Marias. Desafios à Educação Intercultural no Brasil. **Revista Educação, Sociedade e Cultura**, n. 16, 2001, p. 45-62.

FONSECA, Guimarães Selva. **Fazer e ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. 46. ed. São Paulo: Global, 2004.

GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Prefácio. In: AIRES, Max Maranhão Piorsky (Org.). **Escolas indígenas e políticas interculturais no nordeste brasileiro**. Fortaleza: EdUECE, 2009, P.08.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo (Org.). **Toré: regime encantado dos índios do Nordeste**. Recife: Editora Massangana, 2005.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). **Índios no Brasil**. São Paulo, Secretaria da Cultura, 1992.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Imagens contraditórias e fragmentadas: sobre o lugar dos índios nos livros didáticos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 77, n. 186, mai./ago., 1996, p. 409-437.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, FGV, vol. 1, n. 1, 1988, p. 5-27.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HOHENTHAL JÚNIOR, W. D. As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 12, 1960 p. 37-86.

JECUPÉ, Kaká Wera. **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio**. São Paulo: Peirópolis, 1998.



KONELL, Vania. **Cosmovisão e educação interétnica: Educação Escolar Indígena Xokleng\laklãnõ**. (Dissertação de mestrado em Educação). Santa Catarina: Universidade Regional de Blumenau, 2013.

KRENAK, Ailton. Entrevista em 01/07/1989. Entrevista concedida para a Revista Teoria e Debate, 1989, s/p., matéria de autoria de Eugênio Bucci e Alípio Freire.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola ideal e a escola real: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro**. (Tese de Doutorado em Antropologia social). Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

LUCINI, Marizete. Pesquisa em Educação: interfaces, experiências e orientações. In: SOBRAL, Maria Neide *et al.* (Orgs.). **Fenomenologia-Hermenêutica: uma experiência metodológica**. Maceió: EDUFAL, 2016, p. 41.

LUCINI, Marizete. **Memória e história na formação da identidade sem terra no assentamento conquista na fronteira**. (Tese de Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2007.

MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. **A representação sobre os índios nos livros didáticos de História do Brasil**. (Dissertação de Mestrado em História). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2006.

MARTINS, Joel. Metodologia da pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **A pesquisa qualitativa**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994, p. 51.

MASINI, Salzano. Metodologia da pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (Org) **Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994, p. 63.

MATA, Vera Lúcia Calheiros. **Kariri-Xocó**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: <<http://www.arara.fr/BBTRIBOKARIRI.html>>. Acesso em: maio de 2017.

MIRANDA, Danilo Santos de. Povos indígenas: culturas milenares. In: FERNANDES, Ulysses (Org.). **Fulkaxó ser e viver Kariri-Xocó**. São Paulo: Edições SESC, 2013, p. 08.

MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo**. Tese (Livre Docência em Antropologia). Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MONTEIRO, John Manuel. Armas e armadilhas. In: NOVAES, Adauto. (Org.). **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999. p. 237-249.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da história indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Orgs.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores do 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/Unesco, 1995. p. 221-236.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

NASCIMENTO, Rita Gomes do. Reflexões em torno das experiências de construção de “uma escola do nosso jeito” In: AIRES, Max Maranhão Piorsky (Org.). **Escolas indígenas e políticas interculturais no Nordeste brasileiro**. Fortaleza: EdUECE, 2009, p. 44-89.

NEVES, Mary Hellen Lima das. Índios Xukuru-Kariri, História e Memórias: o território como construção identitária na mata da Cafurna em Palmeira dos Índios/AL. In: NETA, Francisca Maria; PEIXOTO, José Adelson Lopes *et al.* (Orgs.). **Alagoas nos trilhos das memórias imagens, patrimônios e oralidades**. Recife: Libertas, 2017, p. 175-176.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. Algumas pistas (e armadilhas) na utilização da Etnografia na Educação. **Revista Educação em Foco**, n. 22, 2013, p. 163-183.

OLIVEIRA, Carlos Estevão de. **O ossuário da “Gruta-do-Padre” em Itaparica e algumas notícias sobre remanescentes indígenas do Nordeste**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). **A presença indígena no Nordeste**: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). **A viagem de volta**: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria, LACED, 2004.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Muita terra para pouco índio? Uma introdução (crítica) ao indigenismo e a atualização do preconceito. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Orgs.). **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. p. 61-81.

OLIVEIRA, José Nunes de. Índios do Nordeste: temas e problemas 2. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de *et al.* (Orgs.). **Um pouco da minha vida**. Maceió: EDUFAL, 2000, p. 289.

OLIVEIRA, Renata Lopes de. **O Torém como lugar de memória e de formação da educação escolar diferenciada indígena Tremembé**. (Dissertação Mestrado em Educação). Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, nº 1, 1996, p. 12-37.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. Memórias silenciadas: os xukuru-kariri e a formação de Palmeira dos Índios. In: NETA, Francisca Maria; PEIXOTO, PEIXOTO, José Adelson Lopes *et al.* (Orgs.). **Alagoas nos trilhos das memórias**: imagens, patrimônio e oralidade. Recife: Libertas, 2017.

PEREIRA, Jéssika Danielle dos Santos. **A Educação Escolar Indígena entre os Wassu-Cocal**: algumas pistas sobre a concepção da educação escolar a partir de seus professores. (Dissertação Mestrado em Educação). Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2014.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PPP. **Projeto Político-Pedagógico**. Escola Estadual Indígena Pajé Francisco Queiroz Suíra. Porto Real do Colégio (AL): Aldeia Kariri-Xocó, 2016.

RAMIRES, Lidio Cavanha. **Processo próprio de ensino-aprendizagem Kaiowá e Guarani na Escola Municipal Indígena Nandejara Pólo da Reserva Indígena Te'yikue**: saberes Kaiowá e Guarani, territorialidade e sustentabilidade. (Dissertação Mestrado em Educação). Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2016.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SÁ, Maria José Ribeiro de. **Saberes culturais Tentehar e Educação Escolar Indígena na Aldeia Juçaral**. (Dissertação de Mestrado em Educação). Pará: Universidade do Estado do Pará, 2014.

SANTOS, Maria de Lourdes Ferreira dos. Esperança da terra História de um pontão da cultura viva. In: THYDÊWA (Org.). **Cultura viva esperança da terra**. Bahia: THYDÊWA 2014, p. 04.

SILVA JÚNIOR, Aldemir Barros da. **Aldeando os sentidos**: os Xucuru-Kariri e o Serviço de Proteção aos Índios no Agreste Alagoano. Maceió: EDUFAL, 2013.

SILVA JÚNIOR, Aldemir Barros da. Terra e trabalho: Indígenas na Província das Alagoas. In: MACIEL, Osvaldo (Org.). **Pesquisando (n)a província**: economia, trabalho e cultura numa sociedade escravocrata (Alagoas, século XIX). Maceió: Q gráfica 2011, p. 09.

SILVA, A. L.; GRUPIONI, L. D. B (Orgs.) **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

SILVA, Amaro Hélio L. da. **Serra dos perigosos**: guerrilha e índios no sertão alagoano. Maceió: EDUFAL, 2007.

SILVA, Christiano Barros Marinho da. **“Vai-te para onde não canta galo, nem boi urra...” diagnóstico, tratamento e cura entre os Kariri-Xocó**. (Mestrado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

SILVA, Christiano Barros Marinho da. Índios do Nordeste: temas e problemas 2. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de *et al.* (Orgs) **Os índios fortes**: aspectos empíricos e interpretativo do xamanismo Kariri-Xocó. Maceió: EDUFAL, 2000, p. 316.

SILVA, Edson. Índios no nordeste: por uma história socioambiental regional. **Cadernos do CEAS (Centro de Estudos e Ação Social): Revista crítica de humanidades**. Salvador, n. 240, p. 117-136, 2017.

SILVA, Edson. Os índios e a civilização ou a civilização dos índios? Discutindo conceitos, concepções e lugares na história. **Boletim do Tempo Presente**, São Cristóvão, v. 10, nº 1, 2015, p. 1-12.

SILVA, Edson. Xukuru: A conquista do Posto. O início da atuação do SPI entre os Xukuru de Ororubá (Pesqueira/PE). In: FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. (Org.). **Memória dos SPI: textos, imagens e documentos sob o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967)**. Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI, 2012, p. 274-283.

SILVA, Edson. A afirmação dos índios no nordeste. **Revista crítica histórica**, Maceió, n. 4, p. 14 – 31, 2011.

SILVA, Edson. Povos indígenas no Nordeste: mobilizações sociopolíticas, afirmações étnicas e conquistas de direitos. **Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política**, v. 7, nº 1, 2007, p.147-172.

SILVA, Edson. “Confundidos com a massa da população”: o esbulho das terras indígenas no Nordeste no Século XIX. **Revista do Arquivo Público**, v. 42, 1996, p. 17-29.

SILVA, Edson. **O lugar do índio. Conflitos, esbulhos de terras e resistência indígena no século XIX: o caso de Escada – PE (1860-1880)**. (Dissertação Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1995.

SILVA, Paulo de Tarso Borges da. **As relações de interculturalidade entre o conhecimento científico e conhecimento tradicional Pataxó na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê**. (Dissertação Mestrado em Educação). São Cristóvão-SE: Universidade Federal de Sergipe, 2014.

SUÍRA, Júlio Queiroz. O índio é a semente da terra. In: GERLIC, Sebastián (Org.). **Índios na visão dos Índios**. Bahia: FAZCULTURA, 1999, p. 05.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **Metamorfose das oligarquias**. Maceió: EDUFAL, 2009.

UNESCO. Declaração sobre a raça e os preconceitos raciais. In: ONU. **Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**. 20ª Reunião, Paris, 1978.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia descolonial: insurgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2009, p. 14.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Dissertações e teses relacionadas à Educação Escolar Indígena, memórias e interculturalidade

BANCO DE DADOS DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES						
Título	Autor/a	Objetivos	Resultados	Ano	Universidade	Documento
<b>A Educação dos Jiripancó: uma reflexão sobre a escola diferenciada dos povos indígenas de Alagoas</b>	FERREIRA, Gilberto Geraldo.	Descreve e analisa formas diversas do educar indígena, as simbologias empregadas nos rituais, nas festas, nos sacrifícios, no meio de sobrevivência e nas formas de convivência. Apresenta a memória de formação de um pajé e um cacique Jiripancó, a fim de compreender de forma mais concreta este povo aqui tratado.	O resultado deste trabalho tece críticas ao esvaziamento da experiência e da cultura indígena nesta modalidade de ensino, cuidando de alertar para que a escolarização não se transforme em mais um elemento capaz de minar a força deste rico e complexo universo cultural do povo indígena.	2009	Universidade Federal de Alagoas.	Dissertação
<b>A educação Karipuna do Amapá no contexto da educação escolar indígena diferenciada na aldeia do Espírito Santo.</b>	BRITO, Edson Machado de	A tese analisa a trajetória da escola implantada entre os Karipuna do Amapá na Aldeia do Espírito Santo.	Os resultados apresentados na tese mostra que a educação escolar indígena diferenciada é uma forte possibilidade de muitos desafios a serem analisados.	2012	Universidade Católica de São Paulo	Tese
<b>Discurso como prática de transformação social: o político e o pedagógico na educação intercultural Pankará.</b>	BARBALHO, José Ivamilson Silva.	Analisa o lugar do discurso como prática de transformação social, baseado nos pressupostos conceituais e analíticos instituídos por Norman Fairclough.	Portanto, nesse estudo, explicitamos, que o conjunto de ações delineadas pelos educadores/as Pankará tem se caracterizado como discurso e prática de transformação social, conferindo aos processos de educação, uma dimensão político-pedagógica excepcional, factível ao projeto de sociedade requerido pela comunidade indígena.	2012	Universidade Federal de Pernambuco	Tese
<b>Cosmovisão e educação interétnica: educação escolar indígena Xokleng\laklânô.</b>	KONELL, Vania.	Propõe a compreensão da cosmovisão como referencial da educação interétnica. A cosmovisão é caracterizada como elemento de construção da identidade de um povo.	A importância e relevância dessa construção foi a de viabilizar que os docentes indígenas tivessem elementos indicativos como pontos que os auxilie a desenvolver com seus estudantes a cosmovisão para revitalização da cultura e da língua materna como identidade desse povo. sensibilização e sentimento para a vida presente.	2013	Universidade Regional de Blumenau	Dissertação

<b>História dos terena da aldeia buriti: memória, rituais, educação e luta pela terra.</b>	OLIVEIRA, Eder Alcantara.	O trabalho tem o objetivo de compreender a importância da memória social, dos rituais, da educação e da luta pela terra no processo sócio-histórico da comunidade indígena.	Concluindo, a escola da Aldeia Buriti oferece hoje à comunidade Terena uma forma de apoderamento da sua voz na luta pela autonomia, desmistificando o discurso da igualdade formal, que mascara as desigualdades reais, decorrentes das diferenças que caracteriza uma sociedade hegemonicamente dominada por homens brancos.	2013	Universidade Federal da Grande Dourados	Dissertação
<b>Oguata Pyahu (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da Educação Escolar Indígena da Reserva Indígena Te'yikue.</b>	BENITES, Eliel.	A pesquisa tem como objetivo principal descrever e analisar a trajetória do processo de desconstrução e reconstrução da Educação Escolar Indígena na Reserva Indígena Te'yikue.	Os resultados deste trabalho apontam que o processo de construção da educação escolar indígena, os espaços alternativos como estratégias de subversão do currículo e a escola como espaço de encontro entre os saberes e espaços de reconstituição dos valores e conhecimentos tradicionais como ciência, constituem novos sujeitos interculturais.	2014	Universidade Católica Dom Bosco.	Dissertação
<b>Saberes culturais Tentehar e Educação Escolar Indígena na Aldeia Juçaral.</b>	SÁ, Maria José Ribeiro de.	Analisar como ocorre o diálogo intercultural entre saberes e práticas culturais Tentehar e os saberes escolares (técnicos/ científicos) na escola da aldeia Juçaral.	Constatou-se que ainda é preservado um conjunto de saberes culturais. Esses saberes Tentehar estão presentes apenas nas práticas socioeducativas que compõem o desenho curricular do núcleo diversificado, sendo que as disciplinas são trabalhadas.	2014	Universidade do Estado do Pará.	Dissertação
<b>Educação Kaingang: processos próprios de aprendizagem e Educação Escolar Indígena.</b>	FERREIRA, Bruno.	Buscar dialogar com as pessoas à respeito das formas de construir conhecimentos e sua transmissão para as crianças.	O resultado de uma investigação reflexiva a respeito dos processos de construção de conhecimento das crianças nas formas coletivas do saber compartilhado da comunidade Kaingang.	2014	Universidade Federal do Rio Grande do Sul.	Dissertação
<b>Tecendo novos olhares para a Educação Escolar Indígena: a escola diferenciada Huni Kuin na Região do Breu E Seus Diversos Atores.</b>	CASTRO, Maria Zenaide Gomes de.	Análise a estrutura da organização escolar indígena Huni Kuin e a complexidade das relações que compõem esse universo.	Os resultados propostos neste trabalho é uma apresentação, como as diversas percepções sobre a escola Huni Kuin são sobrepostas em diferentes esferas sociais e institucionais, e, principalmente, como os Huni Kuin atuam e se articulam na instituição chamada escola.	2015	Universidade Estadual de Campinas.	Dissertação
<b>A Educação Escolar Indígena entre os Wassu-Cocal: algumas pistas sobre a concepção da Educação Escolar a partir de seus professores.</b>	PEREIRA, Jéssika Danielle dos Santos.	Analisa a construção do conceito de Educação Escolar Indígena entre os Wassu-Cocal, sobretudo entre os/as professores/as indígenas e as lideranças.	A pesquisa apontou que a inserção dos professores indígenas no nível superior tem modificado positivamente a prática docente e a dinâmica social da aldeia; suas ações têm impulsionado os agentes envolvidos na escola a começarem a se reconhecer nesta luta por uma escola e educação indígena diferenciada.	2014	Universidade Federal de Alagoas.	Dissertação

<b>Educação Escolar Indígena na Região do Uaçá no Município de Oiapoque-AP (1964-1985)</b>	BASTOS, Cecília Maria Chaves Brito.	Compreender como as políticas indigenistas voltadas para a educação e para o ensino no Brasil foram acolhidas, apropriadas e praticadas nas escolas do Uaçá e de que forma foi se estabelecendo uma cultura de educação escolar associada ao significado de educação própria dos indígenas	Os Resultados desta pesquisa foi entender que a educação escolar difundida nas escolas indígenas fabricou marcas, regras e costumes, mesclando-se a educação própria da cultura indígena, demarcando um processo de apropriação e ressignificação da escola nas aldeias. Essa cultura de educação escolar foi marcada por dispositivos externos à cultura e à identidade dos indígenas do Uaçá, envolvendo uma rede ampla de relações estabelecidas e redimensionadas por práticas e normas construídas na escola que serviram para fixar os indígenas na fronteira brasileira, atendendo aos propósitos de segurança nacional.	2014	Universidade Federal de Uberlândia	Tese
<b>O Torém como lugar de memória e de formação da educação escolar diferenciada indígena Tremembé</b>	OLIVEIRA, Renata Lopes de.	Buscar identificar como o Torém faz parte do cotidiano escolar da Escola Indígena Maria Venância.	Os resultados desta pesquisa foram: verificar que, atualmente, o Torém além de prática social se configura como prática pedagógica e disciplina da matriz curricular da Educação Escolar diferenciada Indígena Tremembé.	2015	Universidade Federal do Ceará	Dissertação
<b>Saberes e fazeres autóctones do povo Bororo: contribuições para a educação escolar intercultural indígena</b>	ADUGOENA U, Félix Rondon.	Compreender como os saberes e fazeres de seu povo podem qualificar os processos de educação escolar a fim de romper com a falsa ideia de que os indígenas ao assumirem a escola nas aldeias e territórios de seu povo, podem garantir o reconhecimento e a valorização de seus saberes ancestrais.	Evidenciar o papel da escola para os povos indígenas, uma vez que ao estudar em diálogo com a cosmologia.	2015	Universidade Federal do Mato Grosso	Dissertação
<b>Processo próprio de ensino-aprendizagem Kaiowá e Guarani na Escola Municipal Indígena Nandejara Pólo da Reserva Indígena Te'yikue:</b>	RAMIRES, Lidio Cavanha.	Analisar a constituição dos saberes Kaiowá e Guarani, territorialidade, sustentabilidade.	Os resultados do trabalho demonstram que a educação indígena Kaiowá e Guarani ocorre através de processos próprios de ensino aprendizagem, dos saberes tradicionais, das concepções sobre territorialidade e sustentabilidade que se constitui a partir da	2016.	Universidade Católica Dom Bosco.	Dissertação

<b>Educação formal para os índios: as escolas do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) nos Postos Indígenas em Alagoas (1940-1967).</b>	FERREIRA, Gilberto Geraldo.	Analisar como os processos formais e não formais educativos dos povos indígenas em Alagoas transformaram-se em espaço de reconstrução enquanto povos específicos <i>Kariri-Xokó</i> e <i>Xukuru-Kariri</i> .	Essa pesquisa procura compreender como os indígenas dialogaram com a educação formal, instalada pelo Serviço de Proteção aos Índios/SPI, para atender aos povos indígenas habitantes em Alagoas, como os <i>Kariri-Xokó</i> , em Porto Real do Colégio, em 1944, e os <i>Xukuru-Kariri</i> , em Palmeira dos Índios, no ano de 1952.	2016	Universidade Federal de Pernambuco.	Tese
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------	-------------------------------------	------

**Fonte:** Banco de Teses e Dissertações da CAPES (2017)

**Elaboração:** Taysa Kawanny Ferreira Santos (2017)





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



Apêndice B - Termo de concordância da instituição

**PESQUISA:** MEMÓRIAS NARRADAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DOS KARIRI-XOCÓ/AL

**COORDENAÇÃO:**

**ORIENTAÇÃO:** Dr<sup>a</sup> Marizete Lucini

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo **Analisar as memórias narradas nos suportes didáticos produzidos pelos Kariri-Xocó/AL**. Este projeto vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e sua realização é requisito para obtenção do título de mestre em Educação. Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição. Será utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada participante.

Participarão desta pesquisa os indígenas Kariri-Xocó/AL, do estado de Alagoas. A coleta de dados envolverá entrevistas com gravação, posteriormente transcritas, observações, registro de imagens e análise de material pedagógico e de documentos históricos.

Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela aldeia poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes, se assim o desejarem. Todo material desta pesquisa ficará sob responsabilidade da pesquisadora coordenadora do estudo e após cinco anos será destruído. Dados individuais dos participantes coletados ao longo do processo não serão informados às instituições envolvidas, mas poderá ser realizada uma devolução dos resultados, de forma coletiva, para os participantes, se for assim solicitado.

Através deste trabalho, esperamos contribuir para a reflexão sobre a educação escolar indígena e a necessidade de evidenciarmos o protagonismo indígena na produção de saberes sobre sua história e cultura. Agradecemos a colaboração para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável é a Prof<sup>a</sup> Taysa Kawanny Ferreira Santos, cujo telefone é (82) 99943-4468.

Concordamos que os indígenas Kariri-Xocó/AL da aldeia participem do presente estudo.

Instituição: \_\_\_\_\_

Responsável: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Professora Orientadora da Pesquisa



### Apêndice C - Termo de consentimento livre e esclarecido

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **MEMÓRIAS NARRADAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DOS KARIRI-XOCÓ/AL**. Nesta pesquisa pretendemos **Analisar as memórias narradas nos suportes didáticos produzidos pelos Kariri-Xocó/AL**. O motivo que nos leva a estudar o referido tema está ancorado na subjetividade de minha história e na minha identificação com os povos indígenas. Posso dizer que trago no corpo as marcas da identificação com os povos indígenas, que fica cada vez mais presente à medida que me aproximo dos indígenas e de suas questões.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: a coleta de dados, buscando observar e analisar as memórias e as narrativas indígenas reveladas nos suportes didáticos produzidos pelos Kariri-Xocó para a Educação Escolar Indígena e, ao mesmo tempo, observar e analisar de que maneira os indígenas apropriam-se da construção de uma Educação Escolar Indígena. Os instrumentos utilizados serão: uma câmara fotográfica, o diário de campo e um gravador. A pesquisa contribuirá para um “novo” olhar sobre a História de Alagoas, a História do Nordeste e a História do Brasil, que tanto devem a esses povos resistentes. São mais de 500 anos de resistências indígenas à colonização e estudar a temática indígena em Alagoas significa também considerar a presença desses povos na História, buscando fazer justiça a um passado silenciado, reconhecendo o presente dos povos indígenas nesse estado brasileiro, a exemplo dos Kariri-Xocó

Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a). O pesquisador tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**MEMÓRIAS NARRADAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DOS KARIRI-XOCÓ/AL**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**



São Cristóvão, Sergipe, 27 de outubro de 2017.

---

Assinatura do Participante

---

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

**Nome do Pesquisador Responsável:** Taysa Kawanny Ferreira Santos

**Endereço:** Avenida Marechal Rondon, s/n - Rosa Elze, São Cristóvão/SE

**CEP:** 49100-000 / São Cristóvão- SE

**Fone:** (82) 99943-4468

**E-mail:** taysakawanny2011@hotmail.com



## Apêndice D - Roteiro para entrevista semiestruturada com os indígenas

### 2ª etapa da pesquisa

#### 1º Bloco de Questões – Identificação

Nome completo:

Como é conhecido:

Faixa etária:

(a) menos de 20 anos; (b) de 21 e 30 anos; (c) de 31 e 40 anos; (d) de 41 e 50 anos; (e) de 51 e 60 anos;  
(f) de 61 e 70 anos; (g) de 71 e 80 anos; (h) acima de 80 anos.

Onde a sua família morava quando o senhor/a nasceu?

Fale um pouco da sua infância

#### 2º Bloco de Questões – Livro: Fulkaxó “Ser e viver Kariri-Xocó”

Como surgiu o livro Fulkaxó “Ser e viver Kariri-Xocó”?

Por que o SESC decidiu financiar um material para o povo Kariri-Xocó?

Qual a atuação e a função dele junto com o território indígena?

Quem compõe no território o SESC que é indígena?

Quem financia?

Quem foram os sujeitos escolhidos para compor o livro?

Quais os critérios que foram utilizados para selecionar as histórias?

#### 3º Bloco de Questões – Livro: Índios na visão dos índios Kariri-Xocó.

Como surgiu a ONG?

Qual atuação e função da ONG?

Quem compõe no território a ONG?

Quem financia?

Como se produziu o livro?

Quem foram os sujeitos escolhidos para compor o livro?

Quais os critérios que foram utilizados para selecionar as histórias?